

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA
MESTRADO EM SOCIOLOGIA

VIÚVAS DE GANGUES:

O universo interdito da violência urbana juvenil

Camila Holanda Marinho

FORTALEZA
2004

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA
MESTRADO EM SOCIOLOGIA

VIÚVAS DE GANGUES:

O universo interdito da violência urbana juvenil

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia como requisito para obtenção do título de Mestre.

Orientador
Prof. Dr. César Barreira

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA
MESTRADO EM SOCIOLOGIA

VIÚVAS DE GANGUES:

O universo interdito da violência urbana juvenil

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. César Barreira (UFC)
Orientador

Prof^a. Dra. Glória Maria dos Santos Diógenes (UFC)

Prof^a. Dra. Rosemary de Oliveira Almeida (UECE)

FORTALEZA
2004

À memória de Geisa Holanda Marinho,
com imenso amor e gratidão
cuja saudade faz parte da minha história.

Agradecimentos

Cresci ouvindo histórias sobre a vida social narradas com muito entusiasmo e empolgação por uma pessoa que optou em viver intensamente. Gostava de ficar por perto ouvindo e sonhando em um dia me tornar uma contadora assim como ela. Agradeço imensamente a minha tia Geisa, a minha Gê, por acreditar que eu realmente estava ouvindo tudo.

Se hoje posso contar “as histórias” tenho muito que agradecer a orientação confiante e incentivadora dada pelo Professor César Barreira, pessoa querida que me acompanhou desde meus primeiros passos nas “narrativas” e nas “viagens” realizadas.

Assim como minha grande professora e amiga Alba Pinho, cuja presença com suas críticas e sugestões, em diversos almoços e cafés, foram e sempre serão fundamentais para o meu crescimento nas ciências sociais e para compreender os significados dados a vida.

À Auxiliadora Lemenhe, Irllys Barreira, Linda Gondim e Ismael Pordeus, professores que pude compartilhar momentos de reflexões tão importantes para minha formação.

Às professoras Glória Diógenes e Peregrina Capelo que pude receber na banca de qualificação contribuições de grande consideração e estima. À Glória agradeço por acreditar no meu trabalho e sempre, em tantos momentos, tecer comentários tão enriquecedores e de grande apreço.

À professora Rosemary Almeida, com muita admiração, que esteve presente na minha banca de graduação e desde lá seus comentários e sugestões se tornaram essenciais e indispensáveis.

A Dione e demais colegas do Laboratório de Estudos da Violência, o meu querido LEV, a minha casa na universidade, lugar de momentos intensos e diversos, em especial as minhas companheiras e contemporâneas Rosângela Pimenta, Joelma Rodriguês e Janaína Zaranza.

A minha trajetória também foi imensamente enriquecida devido às contribuições, em vários sentidos, de amigos especiais que compartilham comigo o mesmo entusiasmo pelas ciências sociais: Elcio Batista, Analúcia Sulina e Isaurora Martins, os meus leitores e inspiradores, pessoas que nutro um imenso amor e admiração.

Assim como, Jânia Perla, Paulo Monteiro e Clódson dos Santos, meus companheiros desde o início da graduação. Juntos trilhamos os mesmos caminhos. E Leila Passos, que apareceu no percurso do Mestrado, mas que não deixou de ser tão valiosa.

A Viviane Cavalcante, amiga do coração, que esteve presente em toda a trajetória desse trabalho, seu companheirismo e admiração despontam em todos os momentos de minha vida. A ela devo o entendimento de uma amizade verdadeira.

À minha mãe, Hebe Holanda, cuja palavra amor, por si só, é capaz de simbolizar tudo que sinto.

Ao Thiago de Holanda, por tantos e tantos percursos caminhados juntos; e ao Rodrigo de Holanda que mesmo estando distante é extremamente presente. São eles os irmãos que a vida me presenteou.

Agradeço as festas da minha família, que continua festejando apesar da saudade de pessoas que já não podem mais festejar com a gente nos almoços de domingo. Ao Silvio, cujo entusiasmo vali como um grande incentivo. Às minhas tias Simone e Telma, por acreditarem e me incentivarem sempre.

Aos amigos que encontrei em uma das mais felizes estações da vida: Clarissa Tavares, Edma Cristina, Mariana Fortes e João José por terem aparecido na hora certa trazendo cumplicidade e afetividade no momento mais delicado: a hora de se despedir representada pela escrita.

À minha querida Dona Gesimar, pessoa generosa que tanto admiro, minha “vivenciadora” e companheira nas trajetórias em busca de histórias sobre tantas e tantas vidas e nas emoções divididas.

As Sabrinas e Claras que me emprestaram suas histórias, suas emoções, suas vidas. A elas agradeço por terem me presenteado com muitas lições.

A CAPES, pelo incentivo e apoio indispensável para embarcar nessa “viagem”.

RESUMO

A temática central desse estudo é compreender o modo de viver e de construir significados sobre as experiências de vida de um grupo de jovens pobres urbanos da cidade de Fortaleza envolvidos em cotidianos marcados por situações de violência. A partir desse cenário intitulo como jovens viúvas, as garotas moradoras dessas localidades que se relacionaram e tiveram filhos com garotos que morreram devido seus envolvimento em situações de violência. Busco alcançar em seus discursos e em suas representações as compreensões que possuem sobre a maternidade, a morte, o comportamento feminino e os espaços de sociabilidade onde vivem para poder revelar a produção do universo simbólico que atribuem a vida social. Para isso utilizo como recurso metodológico narrar suas trajetórias de vida para localizá-las como produtoras das representações ditas anteriormente. A intenção é tecer uma análise do comportamento cultural do grupo das jovens viúvas partindo da perspectiva de Clifford Geertz, onde a cultura é entendida como um sistema de “signos interpretáveis”, uma “teia de significados” que articulam a ação dos homens em sociedade, e para tanto, é necessário etnografar, anotar os discursos sociais para alcançar esses significados.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO, 11

Trajetórias de uma “viagem” metodológica e “afetiva”, 11

Os capítulos e suas histórias, 24

CAPÍTULO 1 – VIVENDO *PERIGOSAMENTE*: JOVENS POBRES NO BRASIL URBANO, 27

1.1 Juventude: dilemas e desafios de um conceito, 27

1.2 Violentos ou violentados: as formas de viver e sobreviver dos jovens, 35

1.3 Revelações cotidianas: a construção de novos atores sociais, 44

CAPÍTULO 2 – JOVENS VIÚVAS: LEGADOS CONTEMPORÂNEOS DA VIOLÊNCIA URBANA, 53

2.1 A história de Clara: acaso ou destino? 54

2.2 Sabrina: quando a história se repete, 69

2.3 Como recordam as jovens viúvas, 84

CAPÍTULO 3 – SER JOVEM, MÃE E VIÚVA, 87

3.1 Quando a maternidade gera novas posturas e aspirações, 89

3.2 Pra além dos mitos: o significado da viuvez, 96

3.3 Honra e dignidade: a lei da “mais forte”, 102

3.4 Tempos de sonhar, tempos de desejar, 107

CAPÍTULO 4 – VIVENDO O LUTO: O ENCONTRO ENTRE *EROS* E *TANATOS*, 114

4.1 (In) Compreensão da morte: signos do luto, 115

4.2 Da dor da perda a dor da solidão, 121

4.3 Saudade: emblema da morte, 128

CAPÍTULO 5 – ENIGMAS E REVELAÇÕES SOBRE A VIDA NA CASA E NA RUA, 134

5.1 Invisibilidade *versus* visibilidade: a vida na casa, 136

5.2 A rua: signo da vida pública, 141

5.3 Resignificando os espaços, 149

CONSIDERAÇÕES FINAIS, 156

REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO, 161

ANEXOS

Introdução

*Todos os dias é um vai-e-vem
A vida se repete na estação
Tem gente que chega pra ficar
Tem gente que vai pra nunca mais
Tem gente que vem e quer voltar
Tem gente que vai e quer ficar
Tem gente que veio só olhar
Tem gente a sorrir e a chorar
E assim chegar e partir...*

Milton Nascimento. Encontros e Despedidas, 1985.

Trajetórias de uma “viagem” metodológica e “afetiva”

Em setembro de 2001 ganhei um livro do Professor Octavio Ianni¹ que de passagem por Fortaleza, por ocasião do X Congresso Brasileiro de Sociologia, encantou a todos com sua sabedoria, simplicidade e disposição em ouvir dos “sociólogos do futuro²” suas “viagens” de pesquisa. Na dedicatória do livro ele me falou sobre as utopias reveladas “nas estradas das ciências sociais”. Era esse o seu grande ensinamento, crer nas “singularidades inquietantes” daquilo que se estuda, que se pesquisa, que se narra sobre as histórias cotidianas dos que se arriscam, com doses cavaleares de ousadia, a fazer a ciência das coisas sociais.

¹ IANNI, Otavio. Enigmas da Modernidade-Mundo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

² Grupo de Trabalho destinado a alunos de graduação e do Mestrado realizado no Congresso bial da Sociedade Brasileira de Sociologia

Seus escritos nos convidam a viajar:

Como realidade ou metáfora, a viagem está sempre presente em muito do que é o imaginário das ciências sociais. Todo cientista social realiza algum tipo de viagem quando estuda, ensina ou pesquisa. Por toda a história de cada uma e todas as ciências sociais, há sempre alguma contribuição do relato sobre outras terras, povos, formas de sociabilidade, culturas, civilizações. (...) O que é presente e o que é pretérito, próximo ou remoto, revela-se no relato, descrição ou interpretação daquele que aproveita os materiais colhidos em viagens, imaginando as formas de ser, agir, sentir, pensar ou imaginar que podem constituir o outro (2000: 15).

Hoje resta-me na lembrança as lições de Octavio Ianni. Seu livro ocupa um lugar de destaque em minha estante, pois é uma “obra rara”, relíquia de valor intelectual e sentimental. Ficamos então com a tarefa de desvendar as tramas sociais, os cenários e personagens com o mesmo entusiasmo ocasionado pela surpresa de adentrar universos que nos são, inicialmente, estranhos, diferentes, instigantes. Assim como o Professor, outros tantos registraram suas passagens por essa viagem, e mesmo já ausentes se fizeram presentes. Uns me ensinaram sociologia, outros sobre a vida, sobre suas vidas, e involuntariamente me ensinaram sobre a vida social.

Então lá estou eu. Pessoa desconhecida e estranha fazendo longas viagens a dois bairros, também estranhos, localizados na periferia de Fortaleza. A viagem é

longa por dois motivos. Primeiro, temporalmente, porque se iniciou em junho de 2000 quando ainda era estudante do curso de graduação em ciências sociais e realizava as primeiras investidas em pesquisas no Laboratório de Estudos da Violência³ da Universidade Federal do Ceará. Segundo pela distância espacial, que por um lado pode ser utilizada como um momento de reflexão sobre o que foi vivido pelo pesquisador em campo, e por outro lado pode ser desesperador, pois quando o encontro não dá certo, é cancelado por algum motivo, teme-se que a empreitada também fracassara ou que deveríamos ter escolhido um objeto de estudo que não fosse tão “trabalhoso”. O tempo nos ensina que entrevistas desmarcadas e encontros frustrados são ócios que fazem parte do ofício do pesquisador.

Eu tive quatro anos de encontros e desencontros, pois fui uma “metida” para muitas jovens garotas que não quiseram me contar suas histórias, enquanto que para outras, terminei me tornando confidente e conselheira. Alba Zaluar quando nos insita a fazer uma *introdução metodológica e afetiva*⁴ nos aconselha ao cuidado que devemos ter com a nossa intervenção em campo, pois a pesquisa científica ou acadêmica não tem seu sentido pleno compreendido pelos demais. Geralmente pressupõem que estamos fazendo algo verdadeiramente relevante, como uma matéria jornalística ou um levantamento estatístico para as políticas

³ Mais conhecido através de sua sigla, o LEV reúne estudantes e professores de graduação e pós-graduação da UFC, além de professores da UECE e UVA. Coordenado pelo professor César Barreira desde sua instalação em 1996, o laboratório vem realizando discussões e pesquisas sobre temáticas da violência em seus diversos segmentos.

⁴ Introdução do livro *A máquina e a revolta* de Alba Zaluar, onde a autora descreve sua experiência de pesquisa com organizações populares na Cidade de Deus no Rio de Janeiro.

públicas do governo, afinal porque “perderíamos nosso tempo” ouvindo histórias sobre a “vida alheia”?

Então cabe ao pesquisador oferecer o único bem que pode ser dado de imediato: a sua amizade⁵. E assim foi, ofereci a minha e ganhei outras tantas. Penso ser impossível separar o trabalho de um pesquisador, que vai a campo “xeretar” a vida de pessoas desconhecidas, de sua própria vida. Ambas são indissociáveis como orienta Wright Mills (1972). E essa postura acarreta em um compromisso, uma responsabilidade com aqueles que, de uma certa forma, ofereceram através de seus relatos, de suas histórias de vidas, a sua amizade. Minha vontade é que esse trabalho possa um dia servir como ferramenta de denúncia do modo de viver dos jovens pobres urbanos envolvidos em cotidianos marcados por situações de violência. A titulação a mim dada, decorrente desse trabalho, quando conjugado com uma real possibilidade de mudança, de intervenção no social, produz, ao meu ver, maior satisfação, a certeza de que o trabalho foi cumprido e foi deixado algo para os que contribuíram com suas histórias, seus relatos, suas dores e alegrias, suas expectativas e decepções.

Lembro-me dos dias em que passei a “procura” de narradores, de informantes, de contadores de histórias, andando pelas ruas e becos de bairros que a *mídia* deflagra como “perigosos”, “violentos”, “ameaçadores”. Queria encontrar jovens garotas que fossem mães dos filhos de garotos “marcados para morrer” por causa

⁵ Ver Geertz (2001) Nova luz sobre a Antropologia. Rio de Janeiro, Zahar.

da vida violenta, essa sim, inegável forma de “viver perigosamente”. Quando perguntava por elas as pessoas me diziam que seria fácil localizá-las. E realmente foi, seus perfis são tragicamente comuns em localidades pobres e excluídas de qualquer cidade do Brasil e do mundo.

Elas foram por mim “conceituadas” de *jovens viúvas*, pelos outros “classificadas” como “mulher do finado”, “mulher do gangueiro”, “menina danada”. Como investigadora estipulei sua tipologia: deveriam ser jovens, com filhos e viúvas de garotos envolvidos em situações de violência. Quanto às outras experiências vividas devido seus relacionamentos com esses garotos caberia a minha “astúcia” desvendar. É necessário que se crie um perfil dos sujeitos sociais investigados, mas devemos atentar para que não se delimite demais, o que impossibilitaria sua localização. Inicialmente eu pretendia entrevistar garotas cujos namorados foram vítimas de homicídio. No decorrer da minha experiência de campo percebi como poderia incluir as companheiras dos vitimados por suicídio, acidente de trânsito ou overdose de drogas, pois suas histórias de vida eram envolvidas por diversas situações de violência que terminaram ocasionando suas mortes.

Tarefa difícil foi escolher somente as histórias de vida para serem apresentadas. Cada jovem com suas narrativas sobre a vida, sobre seu modo de viver, representa a “singularidade inquietante” expressada pelo Professor Octavio Ianni, pois são atraentes, fascinantes, reveladoras. Mesmo embalando as

particularidades de suas histórias de vida, elas são capazes de aproximar-se das histórias de outras jovens que também experimentaram os desafios de ser jovem, mãe e viúva. Em diversos caminhos elas se encontraram, algumas caminharam e ainda caminham juntas. Outras se conheceram nas encruzilhadas. O curioso desse processo é que ao conhecer uma jovem viúva, ela sempre me indicava outra garota moradora de seu bairro que poderia entrevistar. Uma levava a outra. Sinal de trajetos comumente percorridos e da trágica regularidade de perfis.

Esse foi o caminho por mim percorrido em um dos bairros. Lá o meu primeiro contato foi uma jovem viúva⁶. Surpresas e expectativas marcaram nosso primeiro encontro. Era a primeira jovem viúva que conheceria, a primeira vez que estaria frente a frente com o que até então era uma idéia, uma suposição, um mito. Os emblemas que imaginava compor seu perfil caíram depressa, pois sua figura se misturou facilmente com outros jovens que passaram pelo lugar do encontro. No decorrer das nossas conversas ela me falou que conhecia outras jovens viúvas, e posteriormente, me apresentou a elas. Assim, as narradoras também foram, na maioria dos casos, os contatos em campo.

Escolhi duas histórias de garotas que apesar de morarem no mesmo bairro nunca se conheceram. Existem distâncias (entre ruas e becos) capazes de colocá-las tão longe umas das outras, apesar das “proximidades”. Mas arrisco-me a dizer que elas poderiam ter se encontrado nas festas, em bares, em lugares

⁶ Localizei essa jovem com a ajuda de um colega que trabalhou no S.O.S Criança e a conhecia pois ela já tinha passado pelo programa de auxílio psicológico da entidade.

freqüentados pelos jovens do bairro. Talvez ocupassem posições inimigas. Seus namorados poderiam ser rivais, o que impossibilitaria qualquer aproximação. Quando uma estava exposta publicamente na rua, sendo as “mulheres do chefe”, outras já ocupavam os lugares da casa, restringindo suas aparições, pois se tornaram as “jovens viúvas” ou as mães dos “herdeiros da violência”.

Sabrina e Clara⁷ expuseram suas vidas, seus amores, dilemas, contravenções, opiniões. Falaram-me sobre suas raivas e excitações, arrependimentos e conquistas, dores e alegrias assim como Rafaela, Luíza, Renata, Elisa e Marcela. Poderia ter sido só a história de uma delas, que por si só revela um universo rico de sentidos e de significados, atribuídos por nós, os “estranhos”, e principalmente por elas como indivíduos produtores e reprodutores dos valores da vida social. Mas cada depoimento teimava em se fazer presente, apresentando-se como objeto raro e instigante. Assim, quis buscar o maior número possível de narradoras, acreditando que cada uma poderia me surpreender ainda mais. No entanto freei o meu entusiasmo e optei em desvelar as surpresas que essas sete histórias me reservaria.

Deste modo, estipulei as estratégias de vivência e sobrevivência ao campo de pesquisa. Em um dos bairros conheci uma moradora que trabalha em uma organização não governamental (ONG) de lá, além de ser conhecida por todos:

⁷ Para resguardar suas identidades, o que não foi exigido pelas narradoras, estipulei nomes fictícios para todos os personagens e optei não revelar os nomes dos bairros.

Dona Gesimar⁸, pessoa valiosa, sempre esteve disposta a me ajudar. Lembro-me das nossas caminhadas pelas ruas do bairro quando nos dirigíamos à casa de uma das jovens viúvas. Esses percursos eram regados por suposições que eu, a pesquisadora, trocava com ela, a “vivenciadora”. Íamos imaginando as surpresas que nos aguardavam, se as garotas aceitariam conversar, se ainda estariam dispostas em participar nas visitas seguintes ou se ainda estariam por lá. Durante o tempo da pesquisa, as que ficaram, não permaneceram as mesmas. Ora se encontravam com outros filhos, outros relacionamentos, ora aspiravam outros sonhos, outros desejos.

Fragmentos do diário de campo apontam essas mudanças ocorridas:

...quando cheguei a casa de Sabrina seu semblante me pareceu sofrido. Ela é uma jovem que com tão pouca idade, 21 anos, já tem quatro filhos. A morte foi sua companhia por diversos caminhos na vida. Ela perdeu dois companheiros vitimados por homicídio, além da avó e da madrinha que também são falecidas. Realmente ela tem motivos para expressar através de seu olhar, de um sorriso desajustado, tanta desilusão. Seus farrapos de roupa, os cabelos bagunçados conjugavam com aquele cenário de miséria de esperanças (agosto de 2000).

Há mais de um ano que não visitava Sabrina. Seguia com Dona Gesimar até a casa dela e no caminho nos questionamos como ela estaria. Lembro-me daquela jovem que apesar de ter a minha idade parecia mais velha do que eu.

⁸ Nome real. Pessoa importantíssima para o desenvolvimento da pesquisa. Mora no bairro há mais de 40 anos, e por isso conhece muita gente, assim como muitas histórias.

Roupas largas e cabelos bagunçados, vaidade esquecida, expressões dolorosas evidenciavam as marcas das experiências vividas... assim era para mim Sabrina. Mas tal é a minha surpresa quando chego no portão de sua casa e pergunto para uma jovem por Sabrina. Essa mulher de cabelos compridos, minissaia e top, abriu um sorriso e falou: “Sou eu”. Como ela estava diferente! Não podia mais sustentar a imagem anterior que tinha dela. Sabrina envaideceu-se, mostrou-se, transformou-se. Parecia que estava escondida, coberta pelas dores que viveu, e isso a enfeiava (maio de 2003).

As entrevistas ocorreram em suas casas. Julguei importante não retirá-las de seus lugares para que pudessem se sentir mais à vontade e confortáveis, apesar do inevitável constrangimento em conversar com uma pessoa que veio de um lugar tão distante. Preferia estabelecer nas primeiras conversas um caráter mais informal. Conversávamos todas ali presentes, eu, elas, Dona Gesimar, seus filhos, suas mães, irmãs, amigas. Falávamos sobre nossas vidas, nossas famílias, nossas casas, sobre a “novela das oito” e sobre o calor do Ceará, estratégias para quebrar o estranhamento. Aos poucos iam surgindo as questões mais específicas sobre a vida de uma jovem viúva, mas como nesses momentos a sala estava cheia de olhares e juízos diversos, resguardava os detalhes como mote para retornar novamente a suas casas. Assim, segui novamente a orientação de Wright Mills, onde o bom “artesão” do mundo social “tece” sua própria metodologia, evitando fetichismos técnicos e construindo a sua *imaginação sociológica*.

Empatia estabelecida então só me restava perguntar se na próxima visita eu poderia trazer um acompanhante: o gravador. Nesses momentos só estava

presente, eu com as minhas indagações e elas acompanhadas de suas histórias e lembranças. Enfim estaríamos a sós. Elas não titubeavam, acredito que gostavam de contar suas histórias como uma forma de desabafo. Em se tratando de uma experiência de pesquisa, geralmente uma pessoa passa a contribuir com uma outra pessoa, quando está passa a tornar-se pessoalmente valiosa para ela⁹. O interesse do informante pode ser motivado pela sensação de ser um colaborador essencial numa empreitada importante ou pela chance de expressar idéias e opiniões pessoais para um indivíduo neutro.

Nos relatos gravados elas falavam inicialmente sobre a infância, a vida familiar, o lugar que moravam e como esse lugar foi se reconfigurando quando chegava o tempo da adolescência, esse sim, momento de grandes devaneios. Tempo dos namoros e das festas, das experiências com as gangues e as drogas, do acúmulo de satisfações e arrependimentos. São os períodos mais ressaltados em seus relatos. Procurava enfocar principalmente questões relacionadas à maternidade, a viuvez, a morte, os papéis desempenhados dentro e fora dos lugares públicos e privados, enfim, os significados que atribuem as experiências vividas. Algumas questões faziam parte do roteiro de entrevistas, outras foram mostrando-se relevantes através do desenvolvimento de seus relatos.

A análise dos depoimentos me fez lembrar Connerton (1989), que nos alerta que para lembrar é necessário esquecer. Esquecer acontecimento e

⁹Ver Geertz (2001) Nova luz sobre a Antropologia. Rio de Janeiro, Zahar.

seqüências de forma seletiva, que violentam o que se quer lembrar, possibilitando projeções e modelos de identificações futuras. As narrativas das jovens viúvas não tinham uma temporalidade linear, ora falavam sobre a adolescência, ora voltavam para infância, ora diziam sobre os significados atribuídos após a experiência com o luto, ora voltavam para a época em que namoravam os chefes das gangues, o tempo de amar. Assim, os momentos “esquecidos” não são enterrados ou apagados da memória, eles retornam permanentemente. Para Walter Benjamin (1987), a história do homem é construída cujo lugar não é estabelecido por um tempo homogêneo e vazio, mas um tempo saturado de agoras.

Assim, as descrições que fazemos de nós próprios, tomando como referencial de análise as nossas experiências, nossas formas de pensar e de agir em certo momento de nossa existência é determinado, segundo Connerton, pela maneira como entendemos as nossas ações passadas. Quando compreendemos o que foi feito de forma equivocada ou de forma bem sucedida em uma determinada ocasião, passamos ou não, a construir uma nova forma de agir. Portanto, para o autor o passado é um referencial de mudança ou permanência inevitável no momento de escolha, de tomada de decisão. Além disso, quando identificamos e compreendemos a ação de uma pessoa, situamos seu comportamento tomando como referência o seu lugar nas suas histórias de vida, ou seja, as representações que estão sendo transmitidas são formuladas pelo sujeito social que a vivenciou, tomando como referencial o seu ponto de vista. Por outro lado, devemos identificar sua conduta através do lugar na história dos contextos sociais a que pertencem.

A perspectiva analítica desse estudo busca alcançar os discursos, as representações e as experiências de vida das jovens viúvas, as viúvas das gangues. A intenção é entendê-las através das construções simbólicas que fazem sobre a juventude e a violência, os comportamentos estipulados com relação às experiências com a maternidade, o luto e a viuvez, além dos significados dados por elas para a casa e a rua, enfim, a multiplicidade de fragmentos da vida social que fornecem elementos para compor seus patrimônios sociais, além de compor, é claro, a subjetividade desses atores sociais: as jovens viúvas.

Clifford Geertz nos orienta a ficarmos atentos ao comportamento do homem, pois é através da ação social que as formas culturais se articulam. A cultura é entendida como um sistema de signos interpretáveis, um contexto, uma “teia de significados” que deve ser descrita densamente. Devemos etnografar, anotar os discursos sociais para alcançarmos seus significados. Assim, abre-se a possibilidade de analisar o aspecto da subjetivação no comportamento social, atribuindo para as ciências sociais um novo campo de pesquisa com a temática das emoções. Norbert Elias já havia sinalizado nesse sentido quando através de sua sociologia dos afetos analisa o controle das emoções. Para o autor, ocorreu uma mudança no comportamento dos homens das sociedades ocidentais, onde eles passaram a moderar suas emoções espontâneas e controlar seus sentimentos para viverem em uma sociedade “civilizada”.

Por fim, utilizo a orientação dada por Roberto Cardoso de Oliveira (2000) sobre o trabalho dos pesquisadores das ciências sociais:

(...) o ato de olhar e de ouvir são, a rigor, funções de um gênero de observação muito peculiar – isto é, peculiar à antropologia –, por meio da qual o pesquisador busca interpretar – ou compreender – a sociedade e a cultura do outro, “de dentro”, em sua verdadeira interioridade. Ao tentar penetrar em formas de vida que são estranhas, a vivência que dela passa a ter cumpre uma função estratégica no ato da elaboração do texto, uma vez que essa vivência – só assegurada pela observação participante “estando lá” – passa a ser evocada durante toda a interpretação do material etnográfico no processo de sua inscrição no curso da disciplina (2000: 34).

É em campo que se vive às emoções, situações inusitadas e surpreendentes que, ao meu ver, torna instigante o trabalho dos pesquisadores das coisas sociais. É lá que se dá a viagem sugerida pelo Professor Octavio Ianni, e assim, largamos nossos hábitos, vícios, convicções e certezas, no momento da partida e da travessia, abrindo-nos cada vez mais para o desconhecido, à medida que mergulhamos nele. Ianni ainda lembra que à medida que se viaja, o viajante se desenraiza, se solta e se liberta, atravessando fronteiras e dissolvendo barreiras, inventando diferenças e imaginando similaridades. Nos perdemos e nos encontramos, ao mesmo tempo em que reafirmamos e modificamos. Há sempre

transfigurações, “de tal modo que aquele que parte não é nunca o mesmo que regressa” (2000:31).

E assim estiveram várias pessoas por essa pesquisa, essa viagem, essa estação de tantas vidas. Muitas chegaram, ficaram, passaram, sorriram e choraram. As narradoras (e por que não a pesquisadora também?) encontraram, reencontraram e se despediram de muitas pessoas, de muitos tempos. Minha intenção é desvendar e compreender as jovens viúvas, utilizando os poetas da sociedade, os viajantes das ciências sociais. Resta-me agora anunciar como estruturei a forma de narrar suas histórias de vida, seus caminhos e encruzilhadas percorridas, suas viagens e estações desembarcadas.

Os capítulos e suas histórias

No primeiro capítulo: **Vivendo Perigosamente: jovens pobres no Brasil urbano**, inicio uma discussão sobre a juventude contemporânea e a violência urbana. A intenção é fazer uma análise dos dilemas e desafios vivenciados por esses sujeitos sociais, devido o fato de atuarem em cenários marcados por diversos significados atribuídos, as também diversas, situações de violência da qual estão expostos, principalmente os jovens das regiões pobres. A partir daí percebo o lugar ocupado pelas jovens viúvas e mapeio o cenário do qual são protagonistas.

O segundo capítulo: **Jovens Viúvas: legados contemporâneos da violência urbana juvenil**, é o momento de contar duas histórias de vida de duas jovens viúvas: Sabrina e Clara. Através de suas narrativas abrem-se as portas de seus mundos, de suas vidas, de seus discursos, representações e experiências, enfim, de seus *modus vivendi*. São histórias emblemáticas e significativas devido à riqueza dos relatos, das emoções alardeadas e dos dilemas enfrentados. Questões relevantes, não só sobre elas como também sobre as outras garotas, são apontadas para serem desenvolvidas nos capítulos seguintes.

A partir do terceiro capítulo intitulado: **Ser jovem, mãe e viúva** pretendo compreender o significado que as jovens viúvas atribuem a essas categorias, que são, na verdade, funções desempenhadas socialmente por elas. Utilizando o conceito de cultura de Clifford Geertz proponho uma análise do comportamento feminino e dos diferentes papéis sociais desempenhados em determinadas épocas de suas vidas: do tempo em que eram as “mulheres do chefe” até quando se tornaram as “jovens viúvas”.

O quarto capítulo: **Vivendo o Luto: o encontro entre Eros e Tanatos**, é um mergulho na subjetividade das jovens viúvas. É o momento de desvendar os sentidos da morte e as formas como elas vivenciam o luto, pois muitos significados foram atribuídos por elas a essa experiência: continuar vivendo após a morte dos amantes. Então, como as jovens viúvas lidam com a morte? Como vivenciam o luto? Qual o significado que elas atribuem a essa experiência? Nesse

sentido, a teoria do autocontrole de Norbert Elias possibilita a compreensão do fenômeno da morte, que cada vez mais, faz parte do cotidiano dos moradores das regiões pobres e periféricas das cidades e desencadeia formas distintas de interação social.

Por fim, no quinto capítulo: **Enigmas e revelações sobre a vida na casa e a vida na rua**, aposso-me das clássicas categorias analíticas de Roberto DaMatta – a casa e a rua – para compreender as formas de atuação das jovens viúvas nos lugares públicos e nos lugares privados. Além disso, é necessário entender o sentido que esses lugares passam a ter após as experiências com os grupos juvenis, a maternidade e a viuvez, enfim, quando passam a resignificar esses lugares.

No desenvolvimento dos capítulos me preocupei em contar trechos das histórias de vida das outras jovens viúvas que integraram o universo analítico dessa pesquisa. Nesse sentido, pode-se localizar suas falas e personificar suas representações, atribuindo identidade ao que foi relatado. Quanto ao segundo capítulo, optei em realizar as reflexões sobre as histórias de vida de Clara e Sabrina ao longo do desenvolvimento do trabalho para que suas narrativas pudessem dialogar com as narrativas das outras jovens viúvas.

Capítulo 1

Vivendo “perigosamente”: jovens pobres no Brasil urbano.

Que sei eu do que serei,
Eu que não sei o que sou?
Ser o que penso?
Mas penso ser tanta coisa!
E há tantos que pensam ser a mesma coisa
Que não pode haver tantos!
FERNANDO PESSOA

1.1. Noções sobre juventude: dilemas e desafios de um conceito.

Diante das circunstâncias hoje vivenciadas pela população jovem brasileira, que tem seus cotidianos marcados por dilemas e incertezas em relação ao mercado de trabalho, rodeados por comportamentos estigmatizados (violento, delinqüente, rebelde) e pela falta de reconhecimento da relevância de suas atividades artísticas e culturais, além das limitações ao acesso a serviços de educação, de saúde, lazer e moradia, enfim, diante dos fatores socioeconômicos, políticos e culturais notoriamente desfavoráveis, como é ser jovem hoje no Brasil?

E para os grupos populares, visivelmente excluídos e mais penalizados pela atual situação mundial?

A noção de juventude deve ser analisada como uma construção social, histórica e cultural caracterizada por um mundo de experiências próprias de uma determinada fase da vida humana e pela diversidade de produções do campo simbólico. Sendo assim, se definirmos apenas por critérios biológicos e jurídicos, corremos o risco de limitar sua condição de sujeitos possuidores de essências diferentes, mas que na verdade, devem ser percebidos como desiguais, quando tratamos das circunstâncias nas quais estão localizados.

Devemos relativizar o conceito de juventude para compreendê-lo ao longo da história, pois se hoje alegasse que uma garota grávida aos 14 anos teve uma “gravidez precoce”, no início do século passado, com 15 anos de idade, muitas já estavam prestes a se casar ou a ser mãe. Quanto às definições jurídicas, elas estão diretamente associadas aos fatores sociais e culturais, visto que, os regulamentos que tem valor de lei ou de norma são constantemente alterados de acordo com o desenvolvimento de cada sociedade¹⁰.

¹⁰ O Brasil já formulou dois instrumentos jurídicos referentes à criança e ao adolescente. O Código do Menor de 1927, classificado como disciplinador e estigmatizador, foi a primeira carta a vigorar na América Latina. Posteriormente foi substituído pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) de 1990, abrindo assim, um momento de profundas transformações no que diz respeito à proteção e atenção aos direitos desse público. Ver discussões de Danziato (1998) e Freitas (2000).

Em cada período e nas diversas formações sociais, as concepções, as representações e as funções atribuídas aos jovens apresentam-se de formas diferentes, e haverá diferenças também quanto à posição ocupada nas relações sociais. Levi & Schmitt (1996), nos chama a atenção para o fato de que a categoria *juventude* é freqüentemente adotada pelo seu caráter de limite, estando situada entre a dependência infantil e a autonomia da idade adulta, entre a imaturidade e a maturidade sexual, entre a formação e o florescimento das faculdades mentais, entre a falta e a aquisição de poder. Essas classificações limítrofes negam a singularidade da rede simbólica e valorativa específicas das experiências vividas dessa fase da existência humana, por isso é imprescindível o cuidado com elas.

A definição de juventude passa a estar, assim, marcada por um caráter que não possibilita a compreensão de sua peculiaridade, de seu caráter próprio. Como se o jovem fosse alguém que não se é mais, e ao mesmo tempo, que ainda não se chegou a ser (Abramo, 1994). Dessa forma, se constroem as ambigüidades que cercam essa etapa da vida, favorecendo classificações que não conseguem atingir o conteúdo simbólico produzido por esses indivíduos. Entendê-los como sujeitos que ainda não são e por isso, não sabem o que querem, pode indicá-los também como autores das crises sociais¹¹. Como se a idéia de que essa “idade

¹¹ Segundo Helena Abramo (1994), alguns estudos compreendem a juventude aliada a idéia de crise social. Matza relaciona a idéia de crise com a noção de “estado de revolta” juvenil, já em Lapassade, há um “mal-estar” da juventude moderna. Foracchi parte da perspectiva que a crise juvenil é proveniente do conflito da entrada no mundo adulto. Assim, essas abordagens colocam a juventude como um problema da sociedade moderna segundo Abramo.

difícil”, repleta de transformações e mudanças abruptas, produziu uma relação conflituosa do jovem com o seu meio. Por isso a sociedade os responsabiliza pelos males provocados, principalmente, pelos fenômenos de violência.

Para Helena Abramo (1994) os jovens produzem uma intervenção crítica no espaço público:

Eles montam uma encenação, articulam uma fala com suas figuras carregadas de signos, com suas músicas, levando questões e buscando provocar respostas, simultaneamente, sobre sua condição juvenil, sobre a ordem social e sobre o mundo contemporâneo. Não estão, assim, restritos ao âmbito do privado; e seu significado não se reduz ao seu caráter simbólico de crise social vigente, pois eles se produzem intencionalmente como emblema e é exatamente nisso que se reside sua atuação crítica (1994: xv).

Assim, os jovens se direcionam para a construção de uma “subcultura” como definiu Cohen (1968), um sistema próprio de valores e padrões de comportamento gerados como repúdio explícito aos valores dominantes. Para o autor, essa atitude defensiva busca a autovalorização diante de uma situação adversa, uma resposta aos problemas de ajustamento a um determinado sistema de *status*, que resulta na impossibilidade de integração social, motivado por essa recusa, expresso em seus comportamentos classificados como desviantes e marginais.

A Escola de Chicago, nos anos 20 e 30, enfocou seus estudos para a compreensão desse comportamento desviante dos jovens. Aliado aos processos de urbanização desenfreada das cidades, os pesquisadores se preocuparam em compreender as formas de sociabilidade dos *street gang boys*, rapazes de bairro pobres que fazem das ruas o palco de suas atuações e encenam papéis que estavam em desacordo com as normas sociais, por estarem vinculados ao mundo da criminalidade. Assim, inauguram os estudos das questões da delinqüência, rebeldia e revolta como problematizadores da noção de juventude, em contraposição da idéia de “juventude normal”.

Acompanhando essa tendência de estudos sobre juventude e violência, durante muito tempo, as ciências sociais no Brasil seguiram o mesmo destino. Diversos autores como Viana (1988), Zaluar (1985), Caiafa (1985), Abramo (1994) e Diógenes (1998) tornaram-se referências para estudos nessa temática. A partir da compreensão das formas de sociabilidade juvenil co-relacionada com fenômenos de violência, abriu-se um leque de inquietações para outros pesquisadores que passaram a considerar outras questões como as manifestações culturais para compreender as diversas formas de sociabilidade juvenil.

O que se quer, na verdade, é entender a complexidade desse grupo de indivíduos e seus processos de sociabilidade e de identificação sem construir determinantes que levem a estigmatizações. Por exemplo, atribuir a criminalidade

juvenil a pouca escolaridade, à pobreza e o desemprego, como se só os países pobres e as classes sociais menos favorecidas pudessem ser os protagonistas de ações violentas. É claro que são fatores socioeconômicos agravantes, mas não determinantes. Basta observar os *hooligans* na Alemanha, jovens freqüentadores de estádios de futebol que constantemente liberam suas fúrias atentando contra a vida de outras pessoas.

Situando na realidade brasileira, podemos lembrar dos “incendiários de Brasília”, os jovens de classe média que atearam fogo no índio Pataxó em 1997, ou até mesmo, o caso do estudante de um colégio de classe média localizado em um bairro “nobre” de Fortaleza, que matou outro estudante com golpes de artes marciais. Vez por outra, a *mídia* noticia casos de violência envolvendo jovens das classes médias e ricas. Se são raros ou não, fica a discussão sobre as prioridades das pautas jornalísticas, mas aconteceram e foram registrados. Isso não podemos negar ou desconsiderar, portanto, segundo Diógenes (2003):

Se os jovens da periferia precisam alardear suas aparições, intensificar os usos da cidade, criar registros públicos e se fazer ver para ganhar um poder, os jovens de classe média, ao contrário, escamoteiam suas presenças, rechaçam a cidade que já tanto lhes pertencem e no silêncio realizam suas demonstrações de poder (2003: 24).

Diante disso, fica impossível compreender a juventude enquanto categoria social sem levar em consideração os processos de identificações. Ao longo de suas vidas e através do contato com outros membros de seu meio social, os indivíduos se identificam a determinados valores, que são produzidos e reproduzidos socialmente. Eles se aproximam dos modelos que lhes são desejáveis, atribuindo-lhes reconhecimento, e ao mesmo tempo, buscam se diferenciar dos valores que rejeitam. Os grupos juvenis são expressões dessas iniciativas de diferenciações.

Atualmente no Brasil, uma das formas de identificação dos jovens está relacionada com a preferência musical simbolizada na figura dos “roqueiros”, dos “góticos”, dos “regueiros”, dos “forrozeiros”, dos “pagodeiros”, e por aí vai. Há também identificações motivadas pela forma de se vestir, um vestuário específico de um grupo, como o das “patricinhas” e “mauricinhos”, “hippies” ou “hippies-chiques”, os “clubbers” e os “largados” e tantos outros. Cada grupo com seu arsenal de valores e adereços, sempre rejeitando o do outro. Outrora, segundo Matza (1968), eram as “tradições ocultas” da vida americana que definiam os jovens como delinqüentes, boêmios ou radicais.

Assim, os processos de identificação geram diferenciações. Os modelos são hierarquizados, buscando sempre se distinguir daqueles que consideram inferiores ou inadequados, fazendo escolhas e se posicionando em relação aos outros. Essas escolhas e modelos de identificação são correspondentes aos desejos juvenis. Pois segundo, Cassab (2001) os desejos derivam do universo das

práticas sociais que envolvem os processos de identificação de determinados grupos, de acordo com os estilos de vida valorizados. Isso não quer dizer que os sujeitos estão condicionados a desejar o que seu grupo considera como essencial, mas que os valores culturais, padrões, relacionamentos, símbolos e práticas são parâmetros a partir dos quais e com os quais, os indivíduos fazem suas escolhas, baseado naquilo que assumem como seus maiores desejos (Cassab, 2001).

Diante disso, estar “satisfeito” em uma “sociedade insatisfeita”, como designa Agnes Heller (1998), não significa saciar todas as necessidades concretas, mas sim, ter consciência que sua existência conta, que sua presença deixou um vestígio na fase do mundo, e isso satisfaz. É assim que devemos pensar a condição juvenil. Como sujeitos construtores de signos, consumidores de desejos e atuantes na esfera pública. Antes de serem condenados por causa de suas manifestações de violência, deve-se antes de tudo, compreender a relevância de suas construções e aparições. Então, o que está sendo alardeado através de seus atos criminosos? De que forma eles exprimem suas opiniões frente às questões sociais? Quais são os dilemas enfrentados, e como os enfrentam?

Assim, fica mais complexa a compreensão de seu entendimento como sujeitos ativos e protagonistas que reagem aos dilemas e desafios impostos pela sociedade, que ao contrário dessa perspectiva, ressaltam mais a negatividade de suas experiências de vida do que as suas possibilidades de afirmação. Diferente de penalizá-los pelos males da sociedade e considerar que é melhor eliminá-los

por serem desnecessários e irrelevantes para o bom andamento da ordem socioeconômica, política e cultural, deve-se compreender os jovens como eles são e não como gostaríamos que eles fossem.

1.2. Violentos ou violentadores: estratégias de vivência e sobrevivência juvenil.

Compreender o jovem no final do século XX e início do século XXI nos remete a reflexões sobre seu cotidiano marcado por diversas situações de violência que aponta para uma forma “perigosa” de viver, que por sua vez, é um fenômeno que abarca diversos elementos de compreensão. No caso específico dos jovens pobres urbanos, este “viver perigosamente” está expresso, em primeiro momento, através das estatísticas de protagonismo dos jovens no cenário de violência em centros urbanos, pelos alarmantes índices de vítimas de homicídios na faixa etária de 15 a 24 anos, pelos indicadores de exclusão do sistema educacional e pelas limitações de sua inclusão no mercado de trabalho¹².

Sobre as taxas de homicídios, é na faixa etária de 15 a 24 anos, que as mortes atingem sua maior incidência. O momento crítico, e de maior risco em ser vítima, está situado na idade de 20 anos¹³. Esse dado suscita diversas leituras, uma delas

¹² Ver tabelas em anexo.

¹³ Dados do Ministério da Justiça atestam que o Brasil já ultrapassou a marca de 40 mil homicídios por ano de sua população total. Considerando que a Guerra do Vietnã registrava por ano a morte de 43.700 soldados e que os confrontos da guerrilha colombianas deixam anualmente um saldo de 35 mil mortes, percebemos que os dados da criminalidade brasileira são comparáveis aos de conflitos bélicos de maior intensidade. Segundo

é que os jovens estão vivendo cada vez menos, e isso pode provocar um sentimento de banalização da vida e até mesmo da morte, ou seja, viver e morrer passando a ter o mesmo valor. Essa equivalência pode estar levando os jovens, principalmente das camadas menos favorecidas, a desacreditarem em possibilidades positivas e afirmativas para suas vidas. Exemplo disso é a frase alardeada por Sandro do Nascimento, 20 anos, o famoso seqüestrador do ônibus 147 em junho de 2000 no Rio de Janeiro, que gritou de forma desesperada para o país inteiro ouvir: *Eu não tenho nada a perder mesmo!* O desfecho todos sabem, o jovem morreu, e as circunstâncias de sua morte, como tantas que acontecem diariamente, é de difícil compreensão para os que se interessam em saber.

É comum o comportamento violento dos jovens ser explicado pelo uso de drogas, pelo desejo desenfreado em consumir, pela promiscuidade sexual, pela lógica do ganho fácil e pela idéia de “desestrutura familiar”. Pensando assim, cria-se uma cultura de ações repressivas e/ou imediatista voltadas para conter a violência dos jovens, que camufladas por uma moral protetora e assistencialista, prejudicam a suas conquistas de autonomia frente a suas trajetórias de vida. Desse modo, os jovens não seriam capazes de “sobreviver” se não estivessem assistidos por políticas públicas ou envolvidos em projetos sociais. O que dizer então dos jovens que passaram por esses projetos e políticas sociais e se envolveram com o “mundo do crime”? Qual o diferencial que o pertencimento a uma dessas iniciativas tem na vida dos jovens que deles fizeram parte e dos que

dados do Mapa da Violência III (2000), sua taxa anual de 48,5 homicídios em 100.000 jovens, faz o Brasil ocupar o 3º lugar no contexto internacional.

nunca participaram? De acordo com Freitas (2000), os ganhos que um projeto possibilita são *condições para a construção de algo novo*, são ferramentas que lhes são dadas para que eles possam manuseá-las consciente de suas escolhas. Não é o projeto que salva, mas sim o que pode ser feito dessa experiência.

Outras explicações também são dadas como o envolvimento de jovens em situações de violência exclusivamente pelo consumismo exacerbado, desapego ao trabalho, desejo de ascensão social fácil e rápida, perda de valores comunitários e pelo comportamento agressivo. Estes são argumentos de caráter moralista que atribuem aos jovens imagens estigmatizadas, principalmente aos moradores das regiões pobres. Para Cassab (2001), esses tipos de avaliações não levam em consideração a produção da subjetividade desses jovens, nem mesmo a dimensão cultural presente em suas experiências de vida, podendo está restritas a classificações do senso comum.

Dito dessa maneira, pode parecer que os jovens reagem passivos, como se fosse inevitável escapar desse cotidiano de violências, e são portanto, frutos de um sistema excludente que não possibilita outro caminho a não ser o da criminalidade. No decorrer do meu convívio com jovens moradores de bairros pobres e populares, ligados ou não a instituições que executam projetos sociais, percebi como existem expectativas e uma vontade latente de escaparem das armadilhas de exclusão, pobreza e violência. Porém, seus envolvimento com o

“ilícito” e suas trajetórias “desviantes” parecem ser muito mais evidenciados, principalmente pela *mídia*, do que suas possibilidades de êxito.

Não cabe aqui questionar por quê alguns jovens protagonizam situações de violência e outros não, visto que, a minha intenção é desvendar a complexa rede de significados dado a vida perigoso dos jovens pobres urbanos, ou sua forma de “viver perigosamente”. Para tanto, tomo como referencial a idéia de *cultura* como uma “teia de significados”, como enunciou Clifford Geertz (1978), ou como um contexto onde se desenrolam a vivência do homem e suas relações sociais, pois é através de seu comportamento que as formas culturais encontram articulação. Com isso, as particularidades sociais na vida de jovens pobres urbanos surgem como um universo de condições que marcam trajetórias possíveis – ou impossíveis – de serem alcançadas.

Michel Wieviorka (1997) aponta que os novos contornos da violência contemporânea estão marcados pela raiva e pela frustração. Em se tratando do contexto juvenil essa visualização é facilmente notada:

Não é mais a luta contra a exploração, a sublevação contra um adversário que mantém com os atores uma relação de dominação, e sim a não relação social, a ausência de relação conflitual, a exclusão social, eventualmente carregada de desprezo cultural e racial, que alimentam hoje em toda parte do mundo, inclusive na Europa Ocidental, condutas amotinadoras ou

uma violência social mais difusa, fruto da raiva e das frustrações (1997: 7).

Nesse caso, não há orientação baseada na razão, na objetividade. As ações dos grupos juvenis são puramente subjetivas e orientadas pela convicção de que assim indivíduos “banidos socialmente”, podem conquistar, o que para eles, lhes foram negado. Por um ato, muitas vezes considerado pelos jovens como impulsivo, mata-se, agride-se, violenta-se acreditando numa capacidade que sai da realidade cotidiana para sentir em alguns minutos o prazer da conquista e do poder. Para Diógenes: “A experiência das gangues torna-se assim um modo de *inclusão social às avessas* cujo passaporte é a violência e a marca cultural é o território” (1998:32). Eles querem “*consumir* a cidade da qual foram banidos, realizar sua inscrição nos registros dos quais foram proscritos, adornar-se com os elementos estéticos dos quais foram expropriados e finalmente, ser jovens”(1998: 41).

Pertencer a uma gangue ou a um grupo é uma forma de “exposição”, de “alardeamento” de suas existências, negada a toda hora por uma sociedade que aparentemente não se preocupa com o destino de jovens pobres que sobrevivem de forma lícita ou não diante das condições de exclusão social, econômica, política, cultural, e até mesmo moral. Para Sánchez-Jankowski (1997), as gangues são muito mais do que um grupo de indivíduos mapeados por territórios e

envolvidos com o crime. Noções de pertença, liderança e informalidade são constitutivas desses agrupamentos sociais:

A gangue é entendida como um sistema social organizado que é ao mesmo tempo quase privado (isto é, não totalmente aberto ao público) e quase secreto (isto é, a maior parte das informações sobre suas atividades permanece restrita ao grupo), cujo tamanho e objetivos tornam indispensáveis; que a interação social seja dirigida por uma estrutura de liderança com papéis bem definidos; em que a autoridade ligada a esses papéis é tão legítima que os códigos sociais regulam tanto o comportamento dos líderes quanto o das bases; que planeja e provê não somente serviços econômicos e sociais para seus membros quanto sua própria manutenção como organização; que persegue esses objetivos a despeito da legalidade ou ilegalidade das atividades e que não tem uma burocracia (isto é, um pessoal administrativo hierarquicamente organizado e distinto da liderança) (1997:28)

Contextualizar o universo aqui denominado como “perigoso” dos jovens pobres urbanos engloba diversos fatores. Vai além de classificá-los, fazendo uso do vocábulo popular, como “gangueiros”, “drogueiros” ou “marginais”. Viver perigosamente significa viver de forma instável e incerta diante da limitação de expectativas morais, socioeconômicas e estruturais, ou seja, os indivíduos passam a criar estratégias de sobrevivência. Se é perigoso é porque falta a efetivação dos direitos básicos referentes à vida, à saúde, à moradia, à alimentação, à educação, à profissionalização, à família, ao respeito e à dignidade.

No caso da educação, a compreensão que os jovens tem da escola é que ela é lugar da violência, tendo em vista os casos de homicídios e espancamentos que vários alunos já sofreram dentro de suas dependências. A polícia é uma instituição completamente desacreditada, assim como o judiciário, que traz mais constrangimentos por causa de sua ineficiência do que resoluções aos conflitos, sendo assim, há aqui também uma representação de instituições que violentam. Quanto ao aperto e desconforto de seus domicílios, a família numerosa e a instabilidade econômica que dificulta as relações familiares podem ser percebidas também como exemplos desse contexto marcado por violência dos mais variados tipos. Sem valor do violento salário mínimo, a incrível fonte de renda que “sustenta” todos esses personagens contextualizados acima.

Nesse sentido, o filme *Ônibus 174* do diretor José Padilha, nos remete a diversos questionamentos que são feitos quando pensamos a respeito da violência juvenil ou dos jovens violentados. O primeiro é o próprio lugar da violência na sociedade brasileira. Por um lado ela pode ser tratada como uma estratégia de sobrevivência por parte das classes menos favorecidas. No caso dos jovens, ela é um valor, onde sua utilização está relacionada com a idéia de força e bravura. Também pode ser tratada como veículo de aparição na cena pública, o palco de encenação que faz com que a sociedade perceba a existência de um determinado ator ou grupo social. Conjugada com a lógica capitalista, a violência é mercadoria quando se torna um produto vendável e que dá lucro, como no caso

dos programas jornalísticos e de auditório que na busca pelos maiores índices de audiência a coloca como questão central.

Retomando o filme, Sandro do Nascimento, o protagonista, durante todo o “episódio” construiu uma imagem de violento como uma estratégia para amedrontar as pessoas de dentro e de fora do ônibus. Para nós, espectadores, o semblante diabólico e agressivo nos fez acreditar que ele realmente iria “matar geral” como anunciava. Mas, para a assistente social que conheceu o menino que foi morar nas ruas após presenciar o assassinato de sua mãe e que gostava de capoeira, ele não teria coragem de fazer o que ameaçava. Ter ou não coragem, não vem ao caso aqui, devemos ir mais longe para compreender esse fenômeno. É preciso questionar sobre o contexto social que coloca os jovens pobres urbanos nos lugares onde eles estão, para assim entendermos o lugar da violência nas sociedades contemporâneas.

De fato a violência pode trazer a idéia de “positividade” quando possibilita a reprodução da vida social ou a possibilidade de mudança ou transformação. Essa noção está vinculada a idéia de poder discutida por Foucault (1984), que o trata como um conceito que evidencia demandas sociais de reconhecimento e diferença. Como se a violência contribuísse para a denunciar os problemas sociais de uma determinada época. Assim, cabe a sociologia evidenciar as “mediações ausentes” como denominou Wieviorka (1997), os sistemas de relações cuja falta ou enfraquecimento criam os espaços da violência:

(...) a violência deve ser analisada antes de tudo como uma representação, como a subjetividade de grupos, ou mesmo de uma sociedade inteira, incapazes de se compreender e de compreender o que as cerca; se são tão tangíveis, se é possível estabelecer empiricamente que há um déficit de atores e de mediações através de sistemas de relações, a violência constitui certamente forte realidade objetiva. A sociologia deve então distinguir os problemas, mostrando como a violência contemporânea se renova, tanto em suas percepções subjetivas quanto em suas realidades históricas. (1997: 25).

Assim, retomando a perspectiva de analisar a violência como instrumento de denúncia e deflagradora de novos legados da vida social, pretendo contar a história de jovens garotas moradoras das regiões pobres das cidades, que um dia encontraram garotos como Sandro do Nascimento, envolvidos com a criminalidade e sem nenhuma perspectiva de construir uma vida diferente da imposta pela ordem excludente do capital. Essas garotas, as namoradas, as mulheres dos “chefes” dos grupos juvenis, viveram ao lado deles e com eles tiveram filhos e desejaram um dia construir uma família. Mas, a efemeridade de suas vidas os levaram a morte, “de forma matada ou morrida”, e assim deixaram as jovens viúvas para contar suas histórias e para nos levar a questionar os sujeitos e os contextos proscritos pela violência urbana juvenil.

1.3. Revelações cotidianas: juventude e violência na composição de novos atores sociais.

Resta-me agora, depois de localizar os personagens dessas histórias como legados contemporâneos da violência urbana juvenil, iniciar o processo de desvendamento de suas trajetórias de vida, para assim decifrarmos os enigmas de uma trama social que empolga e instiga.

Andar pelos bairros pobres das cidades me fez perceber como existe um número grande de crianças que se destacam em relação ao número de adultos. Suas vozes apresentam-se como sinfonias que compõe com alvoroço e ternura um cenário que incorre em contradições. Suas andanças, rua a cima rua a baixo, podem evidenciar uma liberdade exercida pela identificação de uma familiaridade com o lugar de suas moradas. Nas favelas e bairros periféricos as crianças são protagonistas, representam a maioria, e por isso, suas demandas devem ser consideradas. O que elas precisam, inicialmente de uma família. Remeto ao Estatuto da Criança e do Adolescente:

Toda criança ou adolescente tem direito a ser criado e educado no seio de sua família e excepcionalmente, em família substituta, assegurada à convivência familiar e comunitária, em ambiente livre da presença de pessoas dependentes de entorpecentes.

Art. 19º. do ECA

A família continua representando segurança e proteção, pelo menos segundo a legislação que reflete práticas sociais. Não podemos negar que é recomendável, mas essa tendência vem diminuindo por diversos motivos e um deles é decorrente dos índices de mortalidade dos pais da maior parte dessas crianças descritas acima. Geralmente elas são criadas por famílias onde a figura paterna é cada vez mais rara, quer seja pelo grande número de mulheres chefes de família separadas de seus cônjuges que assumem a casa, ou por causa da “morte prematura” do pai, muitas vezes ocasionada pelo envolvimento com *esses entorpecentes* condenados pela legislação, entre outros motivos que possibilitam as novas configurações da família contemporânea.

Esses “herdeiros da violência” são os filhos de jovens viúvas que representam um novo perfil de jovens, e posteriormente de família, desencadeado pela “vida perigosa” ao qual estão sujeitos. Assim, quem são essas jovens incumbidas de criar outros indivíduos sujeitos aos mesmos desafios que os seus? Quais são as estratégias criadas para sobreviverem e para fazê-los sobreviver?

As jovens viúvas são garotas basicamente entre 19 e 24 anos que namoraram rapazes moradores de seus bairros envolvidos em gangues ou em situações de violência. Com eles tiveram filhos e posteriormente foram surpreendidas com a notícia de suas mortes¹⁴. “Mortes prematuras” pois apesar de serem anunciadas, não são acreditadas. E quando elas acontecem inicia-se mais um novo período

¹⁴ No quarto capítulo há um aprofundamento sobre a representação da morte e a forma como as jovens viúvas vivenciam o luto.

em suas vidas. Em seus relatos percebo como esse eterno recomeçar possibilita diferentes definições e marcam as trajetórias percorridas. Em cada um desses momentos elas acumulam experiências e estigmas, papéis e posturas, traumas e lições.

No começo da história elas são “as filhas” geradas em uma família na maioria das vezes avolumada. Durante a infância freqüentaram a escola, brincaram na rua, e de uma certa forma, foram observadas pelos olhares comprometidos dos pais. Para elas, esse é o momento da obediência e da autoridade familiar que funcionam, pois um *não* pode amedrontar e impossibilitá-las de fazer o que quiserem. Cabe a elas submeter-se à vontade dos outros, no caso de seus pais. No geral, não há amarguras ou ressentimentos relacionados a esse momento de suas vidas. É claro que uma infância envolvida por pobreza e exclusões dos mais diversos tipos pode causar sentimentos de indignação e frustração, mas seus relatos não evidenciam isso. Mesmo porque elas não se consideram como jovens que “se revoltaram”, e por isso, se envolveram em situações de violência direta ou indiretamente, mas acreditam que em certas ocasiões, elas erraram.

A adolescência é o tempo das descobertas, das experiências certas e erradas vivenciadas, da mudança de papéis desempenhados. Agora elas já não são “as filhas”. Estão nas ruas, conhecendo o que até então a delimitação da casa

impossibilitava¹⁵. É lá que encontram os namorados, as festas, as drogas e a possibilidade de fazer o que quiserem, como acreditam. Ao invés de “meninhas” são agora “as mulheres dos chefes”, impõem respeito para serem respeitadas, pois devem zelar a imagem que cabe a esse papel. Até que um dia se tornam mães e pouco tempo depois viúvas dos jovens de vida fugaz. A elas resta retornar aos lugares privados e domésticos do lar, da casa. Estão de volta, mas com uma bagagem diferente repleta das experiências certas e erradas, vexatórias, punitivas, mas também corajosas e aventureiras.

Voltam para casa não mais como “as filhas” ou as “mulheres dos chefes”, mas como as “jovens viúvas”, signo das novas percepções subjetivas e das novas configurações da violência urbana. Elas tomam a maternidade e a viuvez como marco divisor que ocasionam mudanças de papéis sociais e de visão de mundo. Ser mãe as incubem de responsabilidades que não tinham antes, assim, o tempo para outras atividades fica inicialmente comprometido. Já a viuvez, marca o período de reclusão, o desaparecimento da cena pública, pois o luto é vivido na casa. Como essas jovens experimentam, em um curto período de tempo, tantas mudanças e transformações? Porque tratam essas experiências como resignificadoras?

Para o pesquisador em campo, a surpresa é inevitável. Isso é bom, pois a tomo como a força motriz de um trabalho sociológico ou antropológico. DaMatta

¹⁵ O significado dado a casa e a rua, bem como os papéis desempenhados nesses lugares serão aprofundados no último capítulo.

(1988) já havia anunciado quando nos orienta a estranhar o familiar e familiarizar o que nos é estranho. Estamos em campo estranhando tudo, e assim, nos surpreendemos constantemente. Em 2000, início do trabalho exploratório, marquei a minha primeira conversar com uma das jovens viúvas que viria a entrevistar. O lugar foi um bar perto da universidade, interposto entre a minha casa (a universidade) e a dela (seu bairro). Imaginava uma jovem que viria vestida com roupas escuras, de semblante agressivo e com o corpo marcado por tatuagens e vestígios de uma vida perigosa. Pensei encontrar uma pessoa adornada, padronizada, estereotipada. No meio de outros jovens estudantes universitários surge Renata, na época com 18 anos, que poderia e foi facilmente confundida com um dos outros jovens que estavam no bar, e por que não seria?

A ousadia percebida quando nos falamos por telefone foi evidenciada na sua postura e na forma como, já naquele primeiro encontro, me contou sobre as “coisas erradas” vividas. Tatuagem, ela tinha, uma folha de maconha na mão esquerda, herança dos tempos em que bebia cachaça, roubada da mercearia do pai, escondida no banheiro da escola com as amigas e gostava de ir as festas para brigar e paquerar. Tempo dos “namoros proibidos”, consenso entre as jovens viúvas, e da vida de “mulher do chefe”. Renata é uma jovem que participou de todo o processo investigativo dessa pesquisa. Pude acompanhá-la e observar as diversas aspirações e desejos de construir ou reconstruir sua trajetória de vida. Uma delas era fazer vestibular para Ciências Sociais, resultado da intervenção da pesquisadora em campo, que involuntariamente, pode representar uma referência.

Esse é o momento das trocas simbólicas como anunciou Pierre Bourdieu. Renata e sua ousadia também me incitaram, seja profissionalmente ou pessoalmente. Se o cientista social pretende intervir no grupo estudado, muitas vezes pode ser surpreendido pela intervenção que o grupo pode fazer nele:

(...) eu entrei de cabeça mesmo, fui até o fundo do poço, e saí, de cabeça erguida. E eu posso ter feito o que eu fiz, posso ter errado o tanto que errei, eu posso ter feito tatuagem, mas... eu não vou dizer que eu me arrependo. Eu me arrependo de algumas coisas. Mas, eu não baixo minha cabeça pra ninguém não. Quem quiser gostar de mim vai ser do jeito que eu sou (Renata, 22 anos)

Renata namorou o líder de uma gangue que morreu em 1998, aos 19 anos de idade, de complicações respiratórias em decorrência do uso de drogas. Com ele teve uma filha que na época tinha pouco mais de um ano. Mãe e filha moravam (e moram até hoje) na casa dos pais de Renata e o namorado não podia visitar porque a casa de dela ficava localizada em uma rua que era “território inimigo” da gangue do rapaz. Assim, conviveu pouco tempo com elas, e Renata falou que compartilhava com ele o sonho de um dia poder, enfim, vier ao lado da família que haviam construído. Mas a morte traz, por determinação do fado ou destino, a infelicidade, a ruína, a desgraça.

As jovens viúvas lutam para construírem uma imagem positiva de si, apesar de serem o tempo todo, e por todos, classificadas através de marcas infamantes e vergonhosas. São estigmatizadas pelo envolvimento com os grupos juvenis, que

por si só estigmatiza. O imaginário social fortalece essa idéia e, como ressalta Goffman (1988), o estigma faz com que as pessoas terminem reconhecendo nelas os valores atribuídos pelos outros, no caso, depreciativos e condenadores. Apesar de sentenciadas, suas experiências de vida são tomadas como lições, e para elas possuem um significado importante quando acreditam que podem ser utilizadas no momento de criação dos filhos, os herdeiros da violência:

Eu acho que o que importa não é você ficar se preocupando com o seu passado, é você olhar pro seu futuro. O que eu fiz, tá eu fiz, não me arrependo totalmente não. Pelo menos eu adquiri experiência e tenho experiência para passar pra minha filha. Eu posso chegar um dia e dizer pra ela não usar drogas, e se ela perguntar o por quê, eu vou saber dizer o por quê. Porque eu já passei por aquilo ali. (...) Eu acho que se eu não tivesse passado por tudo isso, eu não teria amadurecido como eu amadureci (...) Eu já passei por muita coisa num espaço de tempo bem pequenininho. (Renata, 22 anos)

Renata acredita na possibilidade de construir trajetórias menos violentas. Assim, como Sabrina, Clara, Marcela, Rafaela, e outras tantas Marias, Carolinas, Julianas e Paulas que conheci durante a minha trajetória de pesquisa em bairros pobres e periféricos de Fortaleza. Tantas que passaram e não quiseram ficar, ainda envergonhadas de suas histórias, vestidas por marcas que para elas condenam, e que ainda não podem ser tratadas como lições. Fui surpreendida não só pelas jovens que facilmente simpatizaram com a idéia de contar suas

histórias, e com aquelas que recuaram, me deixando *a ver navios*. Sinal de que enquanto algumas tratam com mais tranqüilidade, outras ainda estão incomodadas. Assim, prefiro dizer que nesse estudo estão as jovens que encaram sem constrangimento suas histórias, e por isso aceitaram conversar com uma “estranha” pelo simples fato de contar, narrar, desabafar.

Clara, 23 anos, uma outra jovem viúva, me surpreendeu quando em uma das nossas conversas informais, sem a presença do gravador, me falou que gostava de freqüentar o reggae da Praia de Iracema¹⁶. A surpresa foi porque eu poderia um dia encontra-la lá, lugar multicultural e multisocial, freqüentado por todos, classes pobres, médias e ricas, “intelectualizadas” e “popularizadas”, “revoltadas” e “realizadas”, oprimidas e opressoras. Todos estão juntos, não há barreiras, e percebo como alguns desejos juvenis são absolutamente iguais, independente de suas origens e trajetórias de vida. Assim, a festa representa para os jovens o que Diógenes (2003) chamou de “espaço de dissoluções”.

Como é, então, ser jovem, mãe e viúva? Qual o lugar ocupado pelas mulheres nesse cotidiano de violência? Como ela se comporta diante dos desafios estabelecidos? O que essas jovens sonham e desejam? Como compreendem a morte e como vivenciaram o luto? Qual o lugar da casa e da rua após vivenciarem diversas experiências? Assim, reservo aos capítulos seguintes o aprofundamento

¹⁶ Festa quinzenal que reúne jovens de diversas classes sociais em Fortaleza. A Praia de Iracema é um bairro onde se localiza o Centro de Arte Cultura Dragão do Mar, reduto de lazer e boêmia de moradores e turistas da cidade.

de questões enunciadas nesse, que teve a intenção de localizá-las como novos atores sociais gestados pelos novos paradigmas da violência urbana.

Quanto ao próximo capítulo, duas jovens viúvas narraram suas histórias de vida. Narrativas puras, sem intervenções ou explicações, pois a intenção é mergulhar no universo das jovens viúvas, revelando suas angústias e prazeres, seus medos e desejos, suas buscas e privações.

Capítulo 2

Jovens Viúvas: legados contemporâneos da violência urbana juvenil.

Eu simbolicamente morro várias vezes
só para experimentar a ressurreição.
CLARICE LISPECTOR.

A partir de agora duas histórias serão contadas com a intenção de ilustrar as trajetórias de garotas moradoras das regiões pobres das cidades que tem seus cotidianos marcados por diversas situações de violência. Clara e Sabrina foram escolhidas por causa da riqueza de detalhes apresentados em seus depoimentos. Clara logo simpatizou comigo e se sentiu à vontade para conversar logo no início de nossos encontros. A empatia praticamente imediata facilitou bastante as entrevistas e terminou possibilitando que a história de Clara fosse narrada por completo. Quanto a Sabrina, ela foi uma das primeiras jovens viúvas que conheci.

Então pude acompanhar um bom período de sua trajetória de vida, como o nascimento de outros filhos, a mudança de sonhos e perceptivas, e por aí vai. Assim, também se mostrou importante e significativa para ser apresentada.

Essas duas jovens têm praticamente a mesma idade, moraram no mesmo bairro e também possuem em comum histórias de perdas e ganhos. Cada uma a sua maneira falou sobre as expectativas que tem sobre a vida e sobre a morte. Falaram de suas dores e alegrias chorando e sorrindo. Os trechos de seus depoimentos que foram transcritos nesse capítulo evidenciam como eles são emblemáticos e que não se poderia dispensá-los para se entender o universo simbólico das jovens viúvas. Eles se impõem, como essenciais e indispensáveis.

2.1. A história de Clara: acaso ou destino?

Do sobrado onde mora, Clara tem uma visão completa da cidade de Fortaleza. De sua varanda, ela pode sentir pela manhã a brisa do mar, que fica próximo de sua casa, aliviando os dias de calor, bem como, pode avistar os luxuosos prédios da Avenida Beira-Mar¹⁷, atestando assim, os contrastes de uma cidade que é ao mesmo tempo torpe e aprazível. De lá, Clara também observa seu filho de 3 anos brincando com outras crianças. Por mais que as mães pareçam inteiramente envolvidas com outras atividades, elas observam seus filhos com cuidado, pois

¹⁷ Avenida localizada nos bairros do Meireles e Mucuripe situados a Beira-Mar. São bairros das classes médias e ricas de Fortaleza e de maior concentração de renda da cidade.

inesperadamente pode ecoar pelas ruas a notícia de mais um caso de morte no bairro, e essa aparente tranqüilidade é desfeita.

É comum nos bairros pobres e tidos como perigosos ouvir cotidianamente narrativas sobre a morte. Mais comum ainda são histórias que envolvem pessoas jovens. Histórias de corpos na plenitude estirados no chão e rodeados por curiosos que o observam sem menos saber da trajetória de vida daquela pessoa, enquanto a família, e por diversas vezes, a companheira que esse jovem deixou, debulham-se em lágrimas. Clara, 23 anos, é uma dessas companheiras. Ela é uma garota que viveu ao lado de um “chefe” de gangue até a noite em que deixou de ser a “mulher do chefe” para se tornar uma jovem viúva.

O período narrado e lembrado por ela é o tempo da adolescência, o tempo de amar, quando foi apaixonada por um “chefe” de gangue, e que muitas vezes freqüentou a delegacia em busca de seu namorado. Período que convivia com “drogueiros” e “gangueiros” e que viveu a situação mais difícil de sua vida, como ela mesma classificou: a morte de seu amado. Clara é uma das diversas jovens que conheci durante os quatro anos de pesquisa que realizei. Na sua história de vida, ela tem em comum com as outras garotas, o fato de ter tido um filho com um integrante de gangue que morreu. No entanto, cada história narrada tem a sua singularidade e aponta um universo rico e cheio de significados.

Clara é a única filha de um casal que sempre trabalhou para sustentar a casa e proporcionar uma boa criação para a filha. Sua mãe é auxiliar de enfermagem e seu pai já foi motorista de ônibus. A família, apesar de simples, nunca teve grandes problemas financeiros, mas durante o período de sua infância as brigas entre seus pais a incomodaram muito. Clara considera que por causa desses desentendimentos ela não tem muitas recordações do tempo que ia a escola na infância, pois mudava constantemente de casa devido às separações dos pais, e assim não conseguia cursar um ano inteiro na mesma escola. Sua memória é marcada pelas diversas vezes que se escondia em casa ou que saía fugida com a mãe quando seu pai chegava alcoolizado.

A jovem falou brevemente sobre algumas brincadeiras que gostava de fazer quando seus primos de São Paulo vinham passar as férias em Fortaleza. Eles costumavam construir brinquedos com objetos encontrados no lixo e na praia, e se divertiam, tanto no momento da procura por esses objetos como quando suas “criações” ficavam prontas. Para Clara tudo isso era uma grande brincadeira, e lamenta o fato das crianças de hoje preferirem os brinquedos que já estão “prontos”, deixando assim de se deleitar com a sua própria imaginação, além de privar-se de um momento de imensa satisfação.

Sua mãe é para ela um grande referencial de mulher e de mãe. Sempre cuidadosa e responsável, como avaliou, apesar de todas as preocupações causadas por Clara durante o tempo da adolescência:

A mãe toda vida foi uma mãezona. Eu tenho que agradecer de joelhos a Deus todo o dia da minha mãe existir na minha vida. Por mais que eu tivesse errada, ela sempre tava ali me apoiando, entendeu! (...) Ela me dizia: “Minha filha, tudo que você fizer, qualquer decisão que você tomar, eu tô aqui pra lhe apoiar. Olhe Clara, não tem uma pessoa no mundo pra gostar mais de você do que eu. Eu quero o seu bem”. Toda vida a mãe foi uma mãe excelente.(...) Ela era minha amiga, mas eu não era amiga dela e ela sentia muita falta de eu ser amiga dela e dizia que um dia eu ia contar a minha vida pra ela.

Mas a adolescente Clara demorou a contar “toda a sua vida” para sua mãe. Ela disse que achava que sua mãe já sofria demais por causa de seu pai, além de acreditar que estava tudo sobre controle na sua vida. Quando seu filho nasceu, Clara então compreendeu o zelo e as preocupações maternas.

Aos 10 anos, seus pais, enfim, se reconciliam e a família compra uma pequena casa, que hoje é a casa onde mora com o filho. É aproximadamente nessa época que Clara considera como o início de sua adolescência. Tempo de viver novas experiências, de sentir novas sensações, enfim, o momento de viver um tempo preenchido de “agoras”. A jovem agora deixa de ser a “filhinha da mamãe” e se tornou uma garota ousada, a “mulher do chefe”, que agora diz que nunca se preocupou com os rótulos que as pessoas criaram para ela, como o de “doidinha”, “mulher de malandro” ou o de “mulher de gangueiro”.

Clara começou a paquerar com Beto, seu primeiro namorado, por causa de uma brincadeira com as amigas que duvidaram de sua capacidade de seduzí-lo, e ela determinada e ousada, provou que conseguiria conquistá-lo. E conseguiu. Com Beto sua história não é lembrada com alegria. Suas narrativas expressam mágoas e decepções. O namoro durou quase sete anos, dos 13 aos 20 anos, ambos tinham a mesma idade. Além de seu primeiro namorado, foi também seu primeiro beijo e com quem teve sua primeira experiência sexual. O que marca sua memória foram às diversas vezes que apanhou dele, as diversas vezes que se humilhou por ele e as diversas vezes que prometeu não voltar mais para ele. Ela conta que Beto era uma pessoa violenta, e quando estava alcoolizado tinha o costume de espancá-la, não importava o lugar. Podia ser em um bar e até mesmo na frente de sua casa, chegando fácil aos ouvidos de seus pais, que por isso não aprovavam o namoro. Esse foi o primeiro “namoro proibido” de Clara.

A jovem conta que no começo do namoro o rapaz controlava o ciúme que sentia, mas depois de dois anos, começaram as brigas e as agressões. No início havia tanta cumplicidade entre o casal que Clara conseguiu até mesmo que Beto se afastasse da gangue que integrava e parasse de usar drogas. O rapaz esperou durante um ano para Clara, aos 14 anos de idade, sentir-se segura e aceitar ter a sua primeira relação sexual com ele. Esse momento foi compartilhado com uma amiga, que assim como ela, e diferente das outras garotas do grupo, não tinham vivido, até então, nenhuma experiência sexual. Ficou combinado que esse

“probleminha” seria resolvido na casa de Beto quando o pai dele sáísse, deixando a casa sozinha para os dois casais.

O fato foi satisfatoriamente consumado, segundo avalia a jovem. Clara saiu feliz da casa do namorado, e junto com a amiga, pensaram que todos na rua sabiam do que tinha acontecido, inclusive a sua mãe. Clara teve vontade de compartilhar sua experiência com ela, mas ficou envergonhada, apesar de sempre ter tido um bom relacionamento com a mãe, norteado por conversas e esclarecimentos e sem proibições e punições, como já foi mencionado. Por não conhecer os métodos de contracepção, nada melhor do que uma mãe auxiliar de enfermagem para sanar todas as suas dúvidas. Mas a vergonha impossibilitou uma orientação adequada:

Eu tinha medo da mãe descobrir e de ficar grávida, porque eu não entendia nada desse negócio de comprimido. Eu não entendia nada, tanto que foi ele (Beto) que foi na farmácia e perguntou ao homem lá como era que usava aquilo. E eu, era tão engraçado, todo dia ele trazia os comprimidos, mas eu tava doida, né, e nem imaginava nada. Eu provocava tanto quando tomava comprimido. Eu só sei que do meio pro fim, tinha dias que eu tomava um, tinha dias que eu tomava outro e tinha dias que eu não tomava. Ele me dava os comprimidos para eu tomar, eu dizia que queria água pra tomar, e quando ele saía pra buscar eu rebolava os comprimidos. Aí eu menstruava, começava a tomar os comprimidos de novo, sem ser no dia, já menstruada, aí não terminava nunca a caixa toda... menina, era uma coisa! Eu acho que não engravidei foi porque Deus não quis nessa época. (risos)

Para ela, tudo o que fora vivido e experimentado ao lado de Beto compensava a paixão que sentia por ele. Apesar das inúmeras humilhações, por causa dos espancamentos e das traições sofridas, na época Clara acreditava que a relação poderia ser diferente, que eles poderiam viver uma história de amor, apesar das dificuldades e da reprovação de sua família:

C: Hoje eu acho que era só a proibição mesmo que me encantou tanto. E também ele foi o meu primeiro namorado, meu primeiro tudo: meu primeiro namorado, meu primeiro beijo, minha primeira transa. Porque como namorado, assim, fixo mesmo, né, a primeira pessoa foi ele. Aí eu me encantei, pronto. E ele fazia com que eu me sentisse muito bem. Ele já sabia o que era a vida, ele quis só pegar a besta.

P: E o que quer dizer “ele já sabia o que era a vida”?

C: Ele já sabia o que era ter um relacionamento sério, porque ele já teve outros relacionamentos, entendeu! E ele me pegou na primeira vez em tudo. Eu acho que a pessoa se apega demais a isso.

Certo dia, Beto avisou a Clara que não queria mais ficar com ela, pois estava interessado em outra garota. Mesmo assim, ela insistiu para ficarem juntos. Ele ficou com ela, mas só aquela noite. Antes de ir embora, Clara perguntou se eles tinham voltado a namorar, o rapaz riu e disse que ela deveria gostar primeiro dela própria para depois gostar de alguém. Ela nunca esqueceu dessa frase, e por causa dela disse que nunca mais vai deixar que outro namorado a trate com

desprezo. A nova garota na vida de Beto se chamava Fátima e era uma "doidinha", como Clara a classificou, pois usava drogas, brigava nos bailes funk, era integrante de gangue, e inclusive namorava um "chefe" de gangue. Essa última notícia a deixou cheia de esperanças para voltar com Beto, mas Clara não imaginava as surpresas que o destino reservara para ela.

Enquanto pensava em estratégias para reconquistar o agora "ex-namorado", um outro rapaz começou a paquerá-la, seu nome era João. Ela resolveu ceder aos galanteios e "ficou" com ele para fazer ciúmes em Beto. Este logo soube da existência do rival. Na realidade, João era um duplo rival de Beto, pois além de ter "ficado" com Clara, ele era o "ex-namorado" de Fátima. Clara só soube disso depois, mas a intenção de João era seduzir a "mulher de Beto" como vingança. Clara gostou da idéia, mas foi surpreendida pelo o que viria a sentir por João, e nem ele imaginou que sua intenção fosse desvirtuada porque terminou se apaixonando por Clara.

Idas e vindas marcaram os relacionamentos de Clara e João, Beto e Fátima, Clara e Beto, Fátima e João. Fátima engravidou de João, mas sua tentativa de ficar de vez com ele é frustrada, pois o rapaz já estava apaixonado por Clara, que por sua vez, não queria mais saber de Beto, apesar dos apelos dele em voltar a namorá-la. Declara-se guerra entre os rapazes por causa de Clara, acarretando em um confronto direto entre eles. Mas ela avisa que agora quer viver ao lado de João, mesmo com a desaprovação de seus pais, que nunca o receberam em sua

casa e sempre aconselharam a garota a terminar mais um relacionamento com um rapaz envolvido com drogas e gangues:

O meu relacionamento com o João foi bom demais, só que ele tinha esse vício, né, dele, ele era viciado em crack. Aí, o que acabou com ele foi isso. Mas ele era assim, ele era viciado, mas na hora que eu chegava e se ele tivesse usando, eu chamava ele pra ir embora na hora, e ele ia embora. Deixava tudo que tivesse lá e ia embora. O pessoal diz que gente que é viciado em crack é agressivo, mas comigo ele nunca foi agressivo não.

Durante o tempo do namoro, Clara, aos 20 anos de idade, mesma idade de João, por diversas vezes ia atrás dele quando sabia que ele estava "armando" para sair com a gangue. Ela o impedia. Ele terminava obedecendo. Quando encontrava os garotos do bairro consumindo ou comprando drogas na casa de João, ela expulsava todos e brigava com o namorado. Ela conta que ele sempre obedecia a todos os seus mandos. Perguntei se ela não tinha medo de uma possível vingança dos outros integrantes da gangue, pois além de afastar João do grupo ela também proibiu o comércio e consumo de drogas na casa dele, a jovem respondeu que não, que não tinha medo deles. Clara acredita que todos esses jovens, no fundo, queriam e querem uma mulher como ela, que pudesse zelar e cuidar do namorado. Uma companheira que pudesse salvá-los do "mundo do crime". Uma mulher que não fosse "doidinha", e que tivesse coragem de enfrentar tudo e todos para defendê-lo:

Eu acho que eu nasci com essa sina de ajudar as pessoas. Esse pessoal assim, de gangue. Porque agora é que a minha vida tá mudando, por causa do pai do meu filho. Porque depois que eu passei aquilo com ele, eu disse não, não vou mais mexer com esse pessoal não. Mas, a maioria dos meus envolvimentos só era assim, com gente assim, de gangue. Intervalo meu de briga com o Beto eu só ficava com esses meninos. Um deles foi o João, que eu terminei me apaixonando.

Clara sempre trabalhou durante sua adolescência. Enquanto namorava Beto, ele, sempre ciumento, tentou impedir. Mas ela não cedeu aos seus apelos e ameaças. Já João incentivava Clara a ganhar seu dinheiro para poder custear suas despesas sem ter que depender de ninguém. O casal costumava sair para bares com os amigos e Clara gostava de beber cerveja, mas sempre atenta para que João também só ficasse bebendo e não fosse usar crack. Ela concluiu os estudos via supletivo no ano de 2000 e sempre sonhou com uma profissão.

Com oito meses de namoro, Clara, aos 21 anos, descobriu que esperava um filho de João. O rapaz ficou radiante, ela ficou imensamente preocupada. Sua mãe logo percebeu seus enjôos. Ela confessou que estava grávida e avisou que iria abortar. A mãe falou que se fosse fazer isso, que o fizesse bem longe da casa dela. A jovem desistiu da idéia. Mãe e filha uniram-se ainda mais durante o período da gravidez. Já seu pai, que no primeiro momento não gostou da notícia, terminou tendo que aceitar e passou a defender a filha dos comentários maldosos dos vizinhos. João continuou sem freqüentar a casa da namorada. Quando a criança nasceu, Clara o levava ao seu encontro, que agora eufórico e

esperançoso por sentir-se pai de verdade sonhava em poder viver ao lado da família que construiu. Quanto à filha que teve com Fátima, ela o proibiu de encontrá-la.

Como João morava só, sua casa virou o lugar de encontro do casal. A mãe de Clara sempre soube dos encontros escondidos, mas não impedia, só aconselhava a garota a separar-se dele, mesmo com o nascimento de seu filho. O motivo alegado a essa proibição era porque João já havia cometido um homicídio. Clara contou que um dia um amigo de João o chamou para “acertar uma parada” com um sujeito com quem havia se desentendido em uma bebedeira. Segundo os relatos de Clara, quando João usava ripinol¹⁸, ele perdia o controle total de suas ações ficando agressivo e desorientado. Valente e destemido, foi até o bar com o amigo e terminou atirando no sujeito, deixando um corpo como aquele do início da história, a espera da curiosidade alheia e dos prantos afetivos. Ele foi detido pela polícia e passou a responder judicialmente pelo homicídio.

Na época do crime, Clara não namorava João. Essa situação ocorreu cerca de um ano antes de começarem o namoro, mas a jovem conta que o crime causou um grande sentimento de arrependimento e remorso nele. João passou a se apresentar mensalmente no Fórum, mas tinha medo de ficar detido por lá. Os outros integrantes da gangue diziam que pelo fato dele ter muitos inimigos, podia morrer quando “descesse” para o presídio. Seu filho e sua mulher ajudaram João

¹⁸ Comprimido alucinógeno utilizado pelos jovens.

a ter uma razão para diminuir o uso de drogas e se afastar das gangues. Nas audiências do Fórum ele ia acompanhado da família que constituiu. Sua intenção, segundo Clara era construir uma boa imagem a seu respeito.

Mas o destino insiste em surpreender. Disposto a encerrar sua trajetória de contravenções, João termina sendo envolvido e envolve sua companheira em mais uma atitude, que segundo Clara, ele não tinha a intenção de fazer. Durante uma tarde, Clara estava com o filho na casa de João quando chegou um amigo em uma bicicleta roubada e pediu para João trocar por crack. João terminou convencendo Clara que iria bem rápido falar com um traficante para fazer a troca, e que ela não precisava se preocupar. Assim que dobrou a esquina de sua rua, o dono da bicicleta roubada estava dentro da viatura da polícia e acusou João de ser o assaltante. Ele ficou vinte e dois dias detido na delegacia do bairro. Uma advogada, que segundo relata Clara é da “máfia dos traficantes”, falou que por 600 reais livraria João da cadeia. E livrou. Clara não mediu esforços para ajudar o companheiro:

(...) Eu fiquei louca para arranjar esse dinheiro. Eu e a família dele, mas a família dele não podia dar muito. Aí eu falei com uma amiga, e peguei um dinheiro emprestado e fui falar com um traficante que abastece aqui o bairro. (...) O dinheiro todinho junto tinha dado 100 reais. Aí eu fui lá nele: “Ei, eu sou a mulher do João”. Ele :”Ah! O cara vacilou, né!” Aí eu disse que queria que ele me ajudasse: “Eu vou te dar 100 reais pra tu me arranjar uma parada pra mim de 100 reais.” Aí ele olhou pra mim, porque já conhecia que eu não era, né! “Pra que que tu quer isso?Tu vai

levar lá pra dentro da delegacia?” “Não, eu vou botar na mão do Nando, que é amigo do João, pra ele vender” Aí ele me arranhou 100 reais de pedra de crack. Olha, pra você vê como é que é, com 100 reais ele apurou 350 reais. Aí eu peguei meu celular e dei junto, porque ela (a advogada) queria 600 reais.

No tempo em que ficou preso, João tentou se enforcar. Clara conta que o jovem estava desesperado, pois como já estava sendo processado por homicídio, o remorso e um certo desgosto em viver começou a abatê-lo. Além disso, ele teve uma forte crise de abstinência e pediu para Clara levar crack para ele. Ela não atendeu o pedido do namorado, arrebatando assim, as últimas forças do rapaz. Quando enfim, ganhou a liberdade, João estava visivelmente deprimido e decepcionado com o caminho que direcionou sua vida.

Certa noite, João, aos 23 anos de idade, consumiu uma grande quantidade de crack e Clara ficou temerosa em deixá-lo sozinho e decidiu dormir na casa dele. No meio da noite, ela acordou e sentiu a falta do companheiro ao seu lado na cama. Ela preferia que João deitasse do lado da parede, pois se resolvesse sair, deixando-a sozinha, Clara perceberia e acordaria para impedi-lo. Mas, nessa noite, a jovem foi dormir antes do companheiro, e os lugares na cama foram trocados.

Ao acordar, depara-se com o rapaz pendurado na cozinha. Dessa vez ele havia conseguido se enforcar. Clara não acreditava no que estava vendo e chamou muito por ele. A porta estava bem trancada, e ela teve dificuldade em

abrir para pedir socorro. Quando conseguiu, os familiares do rapaz, que moravam ao lado, os acudiram, mas para João já era tarde demais. Depois desse dia, Clara não mantém a porta de sua casa bem trancada. Toda vez que ia visitá-la em seu sobrado, a porta estava encostada, ela me recebia e subíamos para conversar.

Clara contou que se sente culpada por não ter acordado no dia que João se enforcou. A dor foi tamanha que teve vontade de sumir, de ficar quieta sem ouvir os comentários curiosos que os vizinhos faziam a respeito do caso, e sofria por ter que contar diversas vezes como tudo aconteceu. Cansada da situação, resolveu ficar em casa por um tempo, afastando-se do convívio com os vizinhos e das pessoas que trabalhavam com ela. A vontade que Clara tinha era de se distanciar dos lugares em que viveu ao lado do namorado para saber se a dor da perda poderia diminuir. Mas somente o tempo amenizou todo aquele sofrimento que sentia e isso ela percebeu depois de dois anos do ocorrido, como contou.

O velório do rapaz, realizado na casa da mãe dele, foi coberto pelo medo e pelo constrangimento. Apesar da dor e de não acreditar no que estava acontecendo, Clara se dispôs a cuidar do corpo do companheiro, e mais uma vez, tentar protegê-lo, como já havia feito inúmeras vezes durante o tempo do namoro:

Ele foi velado na casa da mãe dele. O corpo ia para o cemitério, mas aí... eu queria que o corpo tivesse ido pro cemitério porque eu tava com medo. (...) Quando o João morreu e o pessoal souberam, todo mundo, menina, se você visse, era tantos fogos

da outra gangue. (...) Porque é assim, não sei se tu sabe, quando morre uma pessoa da gangue, as outras gangues vem atrás e invade, né! Que é pra tripudiar. Aí a mãe dele disse que mesmo assim queria ele aqui. Quando ele veio, ele veio de mortalha, eu troquei a roupa dele. Eu e a mãe dele trocamos a roupa dele, calçamos a meia nele, deixamos ele bem direitinho, bem ajeitadinho. Vesti ele com a camisa do Corinthians, que ele era Corinthians doente. Aí quando foi de madrugada, o pessoal me disseram que a gangue ia invadir. Aí eu liguei pra um colega meu que é dessa polícia de moto e pedi para ele ficar lá. (...) Mas no outro dia de manhã, a rua lá é pequenininha, era tanto do gangueiro dentro dessa rua. Gangue de tudo que era lugar que veio, que era amigo dele. (...)

Hoje a cama de Clara não tem mais o calor do amado. Ela nem mesmo frequenta a casa dele. O pouco contato que tem com a família de João a deixa incomodada, pois eles se emocionam muito, principalmente por considerarem a criança parecida com o pai. Ela lembra que todo dia às seis horas da tarde levava o filho para ver o pai, já que a família dela não aprovava o namoro. Após sua morte não só o “lugar de dormir”, mas a “hora de encontrar” passaram a ter outros significados. Falta o entusiasmo e a alegria de antes.

Seu relato sobre o lugar de dormir me fez lembrar à história de Arturo e Elide, personagens centrais de um dos contos dos *Amores Difíceis* (1992) de Ítalo Calvino. Esse casal vivia de desencontros, apesar de morarem na mesma casa. Ele trabalhava à noite na hora que a esposa chegava do trabalho, e ela trabalhava de dia na hora que o esposo estava chegando. A única forma de sentir um ao

outro era quando cada um sozinho ia dormir. Elide espichava o corpo em direção ao lugar do marido, para procurar o calor dele, mas reparava que onde ela dormia era mais quente. Sinal de que Arturo também dormia ali, e isso compensava um pouco a saudade.

Hoje Clara mora sozinha com seu filho e recebe a ajuda financeira da mãe para sustentar a casa. Ela concluiu o curso técnico em enfermagem em 2003 e trabalha como voluntária em um hospital da rede pública de Fortaleza, esperando que possa ser contratada. Após dois anos da morte de João, ela começou a namorar um rapaz que conhece desde sua infância. Esse não tem e nunca teve nenhum tipo de envolvimento com gangues, drogas ou qualquer ato ilegal. Ele apenas surfa, como contou. Uma vez ele acompanhou Clara em uma visita ao túmulo de João, e pediu permissão ao finado para ficar ali, olhando o cuidado que Clara ainda tem com João. No final da minha observação de campo, o casal estava brigado, e Clara me disse que seu filho sentia muita saudade do “pai vivo” que ela arranjou para ele.

2.2 Sabrina: quando a história se repete.

Para Sabrina, 23 anos, sua vida é dividida em dois momentos: o de *moça* e o de *mulher*. Essa jovem foi criada pela avó paterna e suas recordações de infância são marcadas pela efemeridade. Ela apenas contou brevemente como gostava de brincar de bonecas e ir à escola, lugar onde freqüentou até a 5ª série. Seus pais

são separados e formaram cada um uma outra família, mas continuaram visitando a filha em finais de semana e datas comemorativas. Na casa da avó – que ela chamava de mãe – o ambiente familiar não era marcado por conflitos entre as três famílias que lá moravam e viviam basicamente todos com o dinheiro da aposentadoria da avó¹⁹.

Aos 13 anos de idade, ela abandonou de vez a escola e começou a se envolver com um grupo de jovens do bairro que costumavam usar drogas e se definiam como uma gangue. Sabrina se apaixonou por um dos integrantes da gangue e passou a ser a “mulher do chefe”. Pouco antes, ela namorou um rapaz, que classificou como sendo uma pessoa “certinha” por não ter nenhum tipo de envolvimento com atos criminosos. Com ele teve sua primeira experiência sexual.

Assim como os outros integrantes da gangue, Sabrina começou a sair à noite para bailes funk e shows de forró, e durante o dia ia ao encontro da turma na praça do bairro. Seus relatos revelam a satisfação e o sentimento de alegria que sentia quando estava reunida com os amigos. Nesses encontros eles faziam uso de drogas, sendo a maconha e a cachaça as mais usadas, e planejavam a forma como iriam “se divertir” nas festas. A avó não aprovava as saídas de Sabrina, mas não proibia e aconselhava a neta a abandonar a turma que costumava chamar de “povo sem-futuro”. Para a jovem, a educação que recebeu da família sempre foi

¹⁹ Nas classes populares, quando os filhos se casam ou *se juntam*, (termo popular que significa morar junto estabelecendo uma relação de união com alguém) eles continuam, na maioria dos casos, morando na casa de seus pais. Os casos de concubinato são mais freqüentes do que as uniões civis registradas em cartórios.

baseada em muitas conversas e aconselhamentos, e lamenta não ter seguido essas orientações.

Sabrina com 14 anos começa a namorar Carlos, um dos integrantes da gangue da qual fazia parte, o rapaz tem a mesma idade que a sua. Nessa época, ele trabalhava na Companhia Municipal de Trânsito de Fortaleza, mas logo foi demitido, passando então a se envolver de vez com o “mundo do crime”. Nesse período, os vizinhos, que a conheciam desde criança, comentavam que o rapaz estava praticando assaltos e que ele não era uma boa companhia, mas na época Sabrina não acreditava e continuava ao lado de Carlos. Essa relação é lembrada com muito desgosto, pois é marcada por traições e agressões físicas. Ela o descreve como sendo uma pessoa muito violenta e não consegue explicar o porquê de ter se envolvido com ele. Hoje ela considera que a paixão que sentiu não era tão forte como pensava.

Após o primeiro ano de namoro, Sabrina descobre sua primeira gravidez, então, sai de casa para “se juntar” com Carlos e vai morar com o companheiro na casa da mãe dele. Sua família aceita sem contestar. Nesse período, ela passou a ficar mais tempo em casa, abandonando as festas e o grupo. O consumo de drogas era feito às escondidas, pois o namorado a proibiu de usar durante o período de gestação. Ela apanhou muito de Carlos durante o tempo que moraram juntos, pois ele voltava drogado e descontrolado para casa e, segundo Sabrina, descontava toda a sua raiva em cima dela.

Cansada de ser humilhada, pois além das constantes agressões, existiam as também constantes traições do rapaz, a garota ainda "buchuda" resolveu voltar a morar na casa de sua avó. Quando seu filho nasceu, a jovem estava com 15 anos e Carlos só via o filho quando Sabrina o levava em sua casa. O rapaz também tinha outro filho fruto de um rápido relacionamento anterior. Sabrina fez questão de mencionar que Carlos era um pai zeloso e sempre se preocupava com os filhos. Apesar de estarem morando em casas diferentes, o casal continuou namorando. A notícia da espera do primeiro filho não foi recebida com espanto ou surpresa para a jovem:

Quando eu saí grávida, eu, assim, eu não entendia nada ainda. Eu não tinha muita mentalidade pra nada não. Eu não tava nem aí. Eu tô grávida, o jeito é ter. (...) Eu não saia mais, assim, muito né... mas eu não vou dizer... assim... que eu era só dedicada ao meu filho porque eu estaria mentindo se eu dissesse isso, né! Minha mãe (ela chama a avó de mãe) me deu muita oportunidade pra mim sair, sabe, porque ela achava que eu era muito nova e que eu não ia ficar pressa dentro de casa por causa do menino. Aí, ela me liberava.

As saídas de Sabrina eram tanto com o namorado como com as amigas, mas aconteciam com muita frequência. Seu filho ficava sob os cuidados da avó e de uma tia que integrava uma das famílias que moravam na sua casa. Assim, sempre tinha alguém que poderia cuidar da criança. Essa tia também criou Sabrina desde pequena. Para a garota elas eram as suas duas mães. Era com essa tia que trocava confidências e a quem pedia conselhos sobre sexualidade e

relacionamentos amorosos, já que tinha vergonha de falar sobre esses assuntos com a avó-mãe. Avó e tia como haviam criado Sabrina agora estavam fazendo a mesma coisa pelo filho da jovem.

O tempo foi passando e o contato com um novo grupo de amigos foi fazendo Sabrina se desinteressar por Carlos. Em uma de suas saídas ela conheceu Fábio, o líder de uma outra gangue de seu bairro. A paquera começou na praia iniciada por Fábio, mas Sabrina não deu atenção de imediato. Carlos estava tão envolvido no seu mundo de contravenções, que nem percebeu a atração que aos poucos sua companheira passou a sentir por um outro rapaz. Assim, quando se deu conta já era tarde demais e Sabrina já havia cedido aos encantos de Fábio.

Durante seu namoro com Fábio, Sabrina freqüentava os bailes funk do bairro com ele. Nessas festas, a jovem disse que ia para impedir que o namorado se envolvesse em confusões, pois ele costumava brigar e tomar partido das brigas de seus amigos. Ele gostava de ser o *herói*, como relatou, por isso não usava maconha, que era a droga mais comum do grupo, pois assim poderia perder o controle de seus atos. A jovem falou que nunca soube de nenhum envolvimento de Fábio com assaltos ou drogas. A única coisa que ele fazia, que ela repreendia, era beber demais. Nesse mesmo período, aos 18 anos, para agradar o namorado, como confessou, Sabrina resolveu abandonar o uso de drogas:

Quem teve foi eu envolvimento com droga quando eu tava com ele, mas só no começo. Um dia eu tinha fumado maconha, aí... eu olhei assim pra ele...assim... uma pessoa se sentir ridícula na frente daquela outra...eu me senti ridícula na frente dele, porque ele não fumava aquilo. Aí eu achei que aquilo que eu tava fazendo era errado, porque ele não merecia ser enganado. (...) Ele era uma pessoa que não merecia eu enganar ele, e nem mentir pra ele, muito menos dar desgosto pra ele com esse negócio de droga, né, sem ele usar e eu usando, né! Eu não quis mais saber.

Certo dia enquanto estava com Fábio em sua casa, Sabrina recebe a inesperada visita de Carlos, acompanhado de dois amigos e completamente transtornado. Ele tentou falar com a ex-companheira na tentativa de rever o filho, mas ela não deixou sob orientação da avó, que diferente de Sabrina, considerava Carlos um pai pouco preocupado com a criação e as despesas da criança. Após o fim do relacionamento, no período de um ano, ele praticamente não visitou o filho e nem pediu para que Sabrina o levasse ao seu encontro. A jovem achou que Carlos deveria ter o seu direito paterno atendido, até mesmo para que a confusão criada por ele na porta de sua casa fosse menor. Mas a avó e Fábio a impediram.

Revoltado, Carlos culpou Fábio de estar roubando o papel de pai que era dele e o ameaçou. Fábio tentou se explicar mas Carlos não ouvia ninguém. Com a ajuda de seus parceiros, o rapaz tentou invadir a casa de Sabrina. Os vizinhos, que presenciaram a confusão e sabendo dos antecedentes de Carlos, chamaram

a polícia e o grupo terminou fugindo. Sabrina não poderia imaginar que essa seria a última vez que veria Carlos. Pouco tempo após esse incidente, Sabrina soube de sua morte. Para a jovem o motivo pode ter sido o envolvimento com o crime, pois ele morreu de “morte matada”, assassinado com tiros de revólver, aos 19 anos de idade. A amargura que marca as recordações desse antigo relacionamento, reflete na sua alegação de não ter se deixado comover tanto com a morte de Carlos.

No dia do sepultamento, Sabrina levou o filho a pedido da mãe de Carlos que pediu para reunir todos os parentes do rapaz. Foi sua primeira experiência frente ao luto. Ela nunca tinha ido a um velório nem ao cemitério e confessa que não soube como preparar o filho de 4 anos para enfrentar essa situação:

A avó dele pediu pra mim levar ele, né, pra ver o pai ao menos a última vez, né. Aí eu levei. Quando chegou lá no cemitério do Bom Jardim, ele disse assim... ele viu cavando o buraco e botando ele, aí ele disse assim: “Mãe, não vão tirar ele não?” Eu disse: “Vai” Porque eu não queria dizer... porque ele era uma criança, né, e eu não queria dar muito entendimento a ele, assim, pra essas coisas, porque ele era muito pequeno. (...) Eu tinha medo porque criança fica nervosa, fica até meio virada do juízo, né... eu fique com medo e não disse. Aí ele disse: “Mãe tão jogando areia nele. Aí eu “Não, ele vem ali atrás. Isso é só brincadeira” foi o que eu disse pra ele, e pronto.

Hoje Sabrina se arrepende de ter levado o filho tão pequeno ao sepultamento do pai. Ela o descreveu como sendo um garoto muito tímido e “vergonhoso” que passa o dia perto dela, quieto e sozinho sem dar muito trabalho. Quando a jovem menciona o nome do pai ou qualquer coisa sobre ele para o menino, ele reage dizendo para não falar no pai dele, pois o pai está morto.

Sabrina não sabia que no período entre os dois episódios (a tentativa de invasão e a notícia da morte de Carlos) ela, aos 20 anos de idade, estava grávida de seu segundo filho e o primeiro que teria com Fábio. Com isso, mais uma vez, “arruma suas coisas” e vai morar na casa da mãe do companheiro. Família formada, mulher grávida e enteado, Fábio decide procurar um emprego para poder ajudar nas despesas da casa. Ele consegue alguns *bicos* e tem dificuldades em ser contratado pois, segundo Sabrina, ele era conhecido como um “gangueiro”, e isso estigmatiza, apesar de estar afastado da gangue desde a notícia da gravidez da mulher:

Quando a pessoa entra na gangue é tipo ladrão. Todo mundo sabe que aquela pessoa é ladrão. Aí quando a pessoa vai se regenerar, já tendo regenerado, aí não deixa aquela fama de ladrão. Por que ninguém vai acreditar, ninguém acredita, tá entendendo. É igualzinho quando é de gangue.

O nascimento do filho, um menino, deixou Fábio radiante. Ele que cuidava bem do enteado, tratando-o com muito cuidado e afeição, sonhava com o dia que

colocaria seu filho no colo. Esse momento na vida do casal ficou marcado pela satisfação e pelo contentamento. O pai Fábio saía todos os dias para trabalhar e a mãe Sabrina ficava cuidando da casa e das crianças, e assim, ia tudo bem na vida do jovem casal. Fábio estava passando por um período de treinamento em uma empresa que prometeu assinar sua carteira de trabalho se ele fosse contratado. Nos finais de semana a família gostava de ir à praia, que fica próxima a casa deles, e à noite o rapaz ia ao encontro de colegas que costumavam beber juntos em um bar. Essas saídas causavam discussões entre o casal, pois Sabrina tinha ciúmes do companheiro sozinho na rua, além de considerar que ele bebia demais.

O tempo passou e Sabrina, mãe de dois meninos, agora esperava pelo seu terceiro filho. Todos moravam na casa da mãe dele. Em uma noite, enquanto ela colocava seus filhos para dormir e esperava o companheiro voltar para casa após a ida ao bar, Sabrina com seis meses de gravidez, escuta o alvoroço dos vizinhos dizendo que Fábio estava sangrando perto da parada de ônibus. Ela sai em busca do companheiro e pensou que ele tivesse sido ferido por causa de um assalto. Chegando lá ela encontra o corpo estirado no chão e ensangüentado. O desespero foi tão grande que a jovem não conseguia acreditar e não sabia o que fazer. Ela disse que estava vivendo um período tão feliz na sua vida, uma grande paixão, e não queria que esse momento terminasse de forma tão trágica. O infortúnio maior foi quando soube que os esfaqueadores de Fábio foram os amigos do finado Carlos. Se foi rixa de gangue, Sabrina não soube dizer.

A jovem narrou a morte do companheiro emocionada. No local do crime ela pode ver o último suspiro e o último olhar de Fábio:

Aí, eu peguei cheguei lá, no local onde ele tinha morrido (...) na parada do ônibus. Quando eu cheguei lá ele estava deitado estirado, de buços ele, aí eu desesperada não sabia o que fazia. Se eu ia chamar a mãe dele ou ligava pra uma ambulância, não sei o que eu fazia né... porque eu não queria deixar ele só, porque eu tinha medo... porque ele estava vivo né, (...) o pulso dele ainda estava batendo...ainda tava batendo o pulso dele.... Aí eu fiquei e quando a ambulância chegou... ele me fez um sinal antes de morrer. (...) Aí olhou pra mim fechou os olhos e abriu de novo... aí ficou olhando pra mim... (...) foi quando a ambulância chegou, que pegou no pulso dele... Eu já sabia porque era que não ia levar ele. (...) Porque ele já tinha morrido. Porque a ambulância não leva, quando tá morto, não leva.

O corpo de Fábio demorou a chegar ao Instituto Médico Legal, pois nessa mesma noite a equipe teve que atender outro chamado, deixando a família do rapaz esperando por muito tempo e sem entender o motivo da demora. Após a liberação do corpo, Sabrina preferiu não participar da troca de roupa para o velório e seguiu para a casa da avó de Fábio, lugar onde a cerimônia iria acontecer. Durante todo o tempo que ficou velando o companheiro, Sabrina não conseguia acreditar que tudo aquilo estava acontecendo, que seu momento de felicidade tinha terminado. Até o fim da pesquisa de campo, quando conversávamos sobre o momento da morte de Fábio, a jovem se emocionava muito e confessou que até hoje não acredita que isso aconteceu.

Após a morte do companheiro, Sabrina ainda morou mais três meses, o período final da gravidez, na casa da mãe dele, o lugar onde vivia com Fábio. A situação financeira da família começou a apertar, e Sabrina se viu diante da decisão de retornar novamente a sua casa. A jovem sabia que seria mais uma vez bem acolhida pela avó. O nascimento do terceiro filho não foi tão festejado quanto o do segundo, pois a família estava envolvida pela desesperança que a dor do luto provoca. A família de Fábio pediu para Sabrina deixar os filhos morando com eles. Sabrina consentiu. O recém nascido foi adotado pela irmã de Fábio e o mais velho ficou sob os cuidados da mãe dele. A jovem viúva voltou para casa acompanhada das lembrança de um período feliz de sua vida e confortada pelo seu primogênito, o filho tímido que teve com Carlos.

Aos 20 anos, essa jovem mãe de três filhos, perdeu o segundo companheiro e está de volta à casa de sua avó. Essa casa foi reformada e como era grande fizeram uma divisão, de modo que ficou separada para que as três famílias pudessem morar com uma certa privacidade. Uma parte ficou para a avó, a outra para a tia e Sabrina ficou com a terceira parte e a certeza de que teria a sua própria casa de uma vez por todas. Assim, a jovem passou a viver cuidando do filho e sendo cuidada pela avó.

Durante um período de quase dois anos ela disse que não teve nenhum tipo de relacionamento com nenhum outro rapaz, pois ainda sentia muita saudade de Fábio e não conseguia se interessar por ninguém. Não tinha o ânimo de antes,

quando saia cheia de entusiasmo com as amigas para dançar e paquerar nas festas juvenis. Ânimo na verdade parece que essa jovem, de expressões tão melancólicas, foi perdendo diante das experiências vividas. No ano de 2000, ela foi surpreendida por duas notícias que parecem uma constante em sua vida: primeiro a morte da tia e posteriormente a da avó. O medo da morte é então inevitável para ela:

P: Você tem medo de morrer?

S: Tenho.

P: Tem medo de perder outra pessoa querida?

S:(...) eu tenho medo de morrer, assim, porque eu fico pensando, assim, aí meu Deus, eu morro, lá no cemitério, né, Deus me livre! Eu lá no cemitério vou ficar sozinha. Eu não vou encontrar ninguém, eu tenho medo de ficar sozinha, vagando sozinha.(...) se Deus hoje dissesse que quem morresse ia se encontrar com aquelas pessoas que é da família, aquelas pessoas queridas, eu era a primeira a querer morrer, porque eu sabia que eu ia me encontrar com eles. Que eu ia ficar né, com eles (...) eu sempre dizia pra mãe (a avó) que quando ela morresse, eu queria morrer também com ela, pra não ficar só. Pra mim ficar com ela e saber que ela tava ali comigo.

Quando visitei a casa dela pela primeira vez no final do ano de 2000, encontrei uma jovem dona da casa com um aspecto de mulher envelhecida e sofrida. Essa aparência é quase comum nas regiões pobres das cidades. Algumas mulheres que tem em torno de 20 anos, aparentam ter mais idade do tem. No caso de Sabrina, na época com 21 anos, ela inicialmente me passou essa impressão.

Quando a entrevistei, já na casa subdividida, ela recordava emocionada a vida que teve ao lado de Fábio, mesmo estando unida a um outro companheiro. Sua aparência estava mal cuidada, o cabelo desarrumado e usava roupas largas para esconder o excesso de peso. Com o novo companheiro chamado Luís, 28 anos, rapaz “trabalhador”, como classificou, sem nenhum tipo de envolvimento com gangues, drogas ou assaltos, Sabrina já tinha um filho, mais um menino recém nascido.

Quando perguntei a ela se algum dia ela pretendia trazer os filhos para morar em sua casa, ela disse que não. Pois ser mãe dá muito trabalho e os filhos, que moram com a mãe de Fábio, estão sendo bem cuidados. A concepção de família que tem está relacionada com a que teve. Sabrina foi criada, não por sua mãe biológica, mas por uma mãe que, segundo ela, lhe deu amor e atenção. Como seus filhos estão sendo criados por outras mães, eles também, assim como ela, ficaram bem. Sabrina acredita que se contar aos filhos que eles ficaram com a família paterna porque ela não teve condições financeiras para criá-los, talvez eles compreendam e não fiquem com raiva dela. A cobrança que ela faz a sua mãe é exatamente essa, nunca ter recebido uma explicação quanto ao fato de também ter sido criada longe dela.

Em 2003, voltei a me encontrar com Sabrina depois de um período de visitas e entrevistas a outras jovens viúvas. Ela já é mãe de cinco filhos. O primeiro, 9 anos, filho de Carlos, sempre ao lado dela. Os dois garotos seguintes, 6 e 4 anos,

filhos de Fábio, como moram próximo à casa de Sabrina costumam visitá-la com frequência, mas continuam morando com a família paterna. Por fim, um garoto de 3 anos e uma menininha de 2 anos, que teve enquanto amamentava o quarto filho e nem percebeu que esperava por mais um, ambos filhos de Luís. Sabrina continua cuidando das tarefas de casa e sonhando em um dia poder conseguir um emprego para poder pagar uma boa escola para os filhos, mas o vestígio da baixa escolaridade dificulta a realização desse desejo. Mesmo assim, ela não deixa de sonhar.

Toda vez que Sabrina discute com Luís, ele diz que ela ainda gosta do “finado”. Assim como Clara, a jovem viúva da história anterior, que diversas vezes ouviu a mesma frase do namorado atual. A maioria das jovens que entrevistei afirmam que se os namorados estivessem vivos, elas estariam com eles. A questão é: como a relação foi interrompida repentinamente, com a morte dos namorados, as jovens viúvas acreditam que se eles estivessem vivos estariam com eles até hoje. Suas narrativas a respeito dos jovens mortos por quem foram apaixonadas são marcadas por carinho, saudade e satisfação. Como se naquele tempo fosse o tempo de amar. As novas relações não tem o mesmo entusiasmo das anteriores como contam.

Foi com angústia que Sabrina falou sobre a percepção que os vizinhos tem sobre ela. À parte do seu passado que lastima, ela quer esquecer, mas as pessoas não querem deixar. A história de Sabrina converge com outros

depoimentos que ouvi das jovens viúvas entrevistadas. São geralmente garotas estigmatizadas, mas que ainda acreditam e sonham na possibilidade de mudarem seus destinos. Elas dizem que não têm vergonha de suas histórias de vida, mas que gostariam de ser vistas como uma pessoa sem marcas condenatórias deixadas pelo passado. Sabrina disse que não se relaciona com seus vizinhos, porque sempre vai ser para eles uma jovem “perdida”, sem recuperação:

Tem pessoas que não compreendem ninguém. Umhas pessoas que só botam pontos negativos nas coisas, sabe. Pessoas que gostam de criticar as pessoas, gosta de falar de tudo, assim, da pessoa (...) por isso eu não tenho, assim, muito entrosamento com ninguém. Porque eu já sei, a pessoa conta uma coisa e aumenta, inventa outra.(...) Eu acho assim, que eu sou uma pessoa assim, uma pessoa legal, uma pessoa compreensiva (...) Eu compreendo as pessoas, né. Assim como eu compreendo, eu gosto que me compreendam também.

É como Goffman (1984) aponta. A sociedade utiliza a conduta e a aparência como princípios de definição de uma pessoa. Suas experiências passadas produzem suposições que generalizam a forma como essa pessoa vai ser definida pela sociedade. O estigma se torna uma nuvem que muitas vezes cega a visão. Talvez as pessoas não queiram enxergar ou não estejam dispostas a tentar compreender o outro.

2.3 Como recordam as jovens viúvas

Além de recordarem o tempo que vivia com os namorados falecidos, como o tempo de amar, as jovens viúvas também constroem outras representações. Elas alegam que a imaturidade foi o fator que conduziu seus destinos ao encontro dos “gangueros” e “drogueiros”. Esse é uma das explicações dada ao fato de terem se interessado por jovens integrantes de gangues e envolvidos em atos criminosos. Suas narrativas revelam que esses relacionamentos “perigosos e proibidos” desaparecerem de suas histórias de vida, porque o tempo da imaturidade (e do amor) ficou no passado por causa de novas experiências vivenciadas. Elas contam que hoje seus relacionamentos são com rapazes sem envolvimento com o “mundo do crime”. São jovens trabalhadores que ajudam nas despesas da casa, e até mesmo, na criação dos “filhos dos finados”, que na maior parte dos casos, atribuem a esses namorados o referencial paterno.

Então, toda a forma de conhecimento do novo, do presente está estruturado pelo que já foi conhecido e experimentado no passado. Desde modo, a memória pessoal diz respeito às recordações contidas nas histórias de vida de cada um, porque estão localizadas no passado pessoal e a ele se referem (Connerton, 1989). Desse modo, através das narrativas das jovens viúvas percebe-se que elas não querem esquecer ou apagar de suas lembranças à época em que foram as “mulheres dos chefes” das gangues juvenis dos bairros pobres e perigosos das

periferias de Fortaleza. Elas tomam essas experiências como resignificadoras de suas vidas, e são tratadas como “lições”.

É claro que por estarem apaixonadas pelos namorados no momento de suas mortes suas recordações são marcadas por sentimentos de alegria e felicidade, ao mesmo tempo em que, a forma trágica como a relação terminou revela a dor e a aflição que o envolvimento com garotos “marcados para morrer”, devido seus envolvimento com atos de violência, podem levar. É por isso que as narrativas das jovens viúvas apontam para a avaliação de resignificação de vida, principalmente, por causa das experiências frente a maternidade e ao luto.

Todas dizem que não pretendem esconder suas histórias, nem mesmo as histórias dos pais para os filhos. Elas acreditam que através das experiências com drogas, gangues e atitudes criminosas, poderão afastá-los desses caminhos. O medo de viver com seus filhos as mesmas angústias e os mesmos dilemas que vivenciaram com os pais dessas crianças é um espectro que ronda os cenários de instabilidade e incerteza das regiões violentas e pobres das cidades grandes, pois elas conhecem a sedução que o “mundo do crime” pode exercer sobre os jovens de seus bairros.

O fato da maior parte das entrevistadas não ter se mudado da rua ou do bairro onde moravam no momento de envolvimento com integrantes de gangues e após a morte desses companheiros, indica a relação do lugar com os elementos

de identificação pessoal. Em seus bairros, elas são reconhecidas como “a mulher do finado”, e isto estabelece uma identidade que pode condenar. Se tivessem saído desses lugares, eles poderiam não dizer tanto sobre suas histórias, e assim não condená-las, mas por outro lado, foram esses lugares os cenários de suas “histórias de amor”.

Deste modo, reporto novamente as narrativas de Calvino, especificamente a história do míope Amilcare Carruga. Esse homem, depois de um tempo decide retornar ao lugar onde morou durante sua juventude. Chegando lá descobre que a cidade só tinha sentido porque estava relacionada com a lembrança do grande amor que viveu com Isa Maria Bietti. Para Amilcare, “quando alguém se separa de um ambiente onde viveu por muito tempo; quando se volta a longos intervalos, se estranha o lugar, parece que aquelas calçadas, aqueles amigos, aquelas conversas ou são tudo ou já não podem ser nada” (1992: 101).

Capítulo 3

Ser jovem, mãe e viúva.

Mirem-se no exemplo daquelas mulheres de Atenas
Temem por seus maridos, heróis e amantes de Atenas
As jovens viúvas marcadas
E as gestantes abandonadas
Não fazem cena
Vestem-se de negro, se encolhem
Se conformam e se recolhem
Às suas novenas serenas

Chico Buarque, Mulheres de Atenas.

O papel da mulher em um universo mapeado por situações de violência é concebido geralmente como secundário ou menos importante e atuante do que a do homem. Um dos motivos dessas interpretações são as estatísticas da criminalidade feminina que apontam registros menores com a relação à masculina. Parto da perspectiva de que a presença feminina deve ser compreendida de forma mais complexa, diversificada e especializada. As mulheres não são maioria no *front* das atividades criminosas, mas isso não representa a sua ausência²⁰. Elas estão lá, e participam diretamente, matando, assaltando, traficando, enfim,

²⁰ Ver Almeida (2001); Fonseca (2000); Zaluar (1994, 1985).

atuando no “mundo do crime”. Por outro lado, se não estão liderando as gangues, elas são as “mulheres do chefe”, e quando o envolvimento dos companheiros com atos de violência os levam a morte, elas se firmam como as *jovens viúvas*.

Sobre o universo do crime no feminino Rosemary Almeida (2001) aponta que a mulher por ser considerada frágil, maternal e estar confinada aos espaços privados não teria motivações, segundo o imaginário social, de se envolver nos discursos sobre a vida pública, e muito menos em situações de violência. Assim, para a sociedade seria inconcebível pensar que a mulher seria capaz de matar. Segundo Almeida é necessário:

(...) inserir no debate sobre violência e suas mais diferentes manifestações e representações as mulheres, não só como vítimas, mas também como autoras, como personagens da tensão interminável entre a mulher e a sociedade onde vivem e a qual integram, envolvidas num imaginário social já estabelecido e que se instala cotidianamente, com sua presença, sua visão de mundo e sua criação (2001: 90).

Então, uma das possibilidades de perceber a “tensão interminável entre a mulher e a sociedade” é analisar a participação das companheiras, das namoradas, enfim, das mulheres no universo dos grupos juvenis. Nesse sentido, o papel dessas personagens é imprescindível para compreender o comportamento de jovens envolvidos em situações de violência, já que segundo os relatos das

jovens viúvas, elas influenciaram em muitas decisões que seus companheiros tomaram com relação a suas trajetórias de vida.

3.1. Quando a maternidade gera papéis, posturas e aspirações.

Culturalmente o ideal feminino é revelado através das diferenças dos papéis sexuais. A mulher é a fraca, a frágil, a sensível e simboliza a subjetividade. Por outro lado, o homem é sinônimo de força e bravura, age guiado pela racionalidade e é orientado por padrões de conduta social a não demonstrar suas emoções. Desse modo, em situações onde ocorre a inversão dessas atribuições do feminino e do masculino, emergem percepções de “estranheza” e “anormalidade”. No imaginário social acredita-se que o envolvimento da mulher no mundo do crime, é devido algum tipo de desvio de ordem psíquica, principalmente por não almejar o casamento, a maternidade e a construção de uma família.

Portanto, a maternidade pode ser compreendida como um ideal dessa fragilidade, e assim tende a reservar para a mulher sua restrição aos espaços privados e sua saída da esfera pública. Imagens veiculadas a fragilidade, inocência e serenidade constroem o ideal feminino num contexto onde a *Virgem Maria* é o exemplo a seguir – ser virgem e mãe. Contrapondo-se a esse ideal, *Eva* estaria representando a mulher do pecado, do desejo, associada a imagens consideradas perigosas como sensualidade, malícia e perspicácia. Numa cultura

alimentada pelo estereótipo do amor de mãe como instintivo²¹, mulheres que contrariam essa regra passam a carregar imagens depreciativas, imagens de *Eva*, chegando até mesmo a se autoperceberem como indivíduos fora dos padrões de conduta esperados pela sociedade.

O nascimento dos filhos, tanto para os garotos como para as garotas, é um elemento fundamental de afastamento da visibilidade pública. Quando perguntava para elas como receberam a notícia da gravidez, as *jovens viúvas* falaram que após a surpresa pelo inesperado, terminaram aceitando pois acreditam que ser mãe é uma função natural, fixado pelo destino de toda mulher. Além de passarem a assumir um novo papel social, mudando da condição de filha para a de mãe, a maternidade na vida das jovens viúvas acarretou o abandono das ruas, das festas e da turma de amigos, para ficarem em casa cuidando dos filhos, como alegam, e assim, alterando suas formas de viver. Para os namorados, o nascimento dos filhos também possibilita uma aproximação aos espaços privados, mesmo que por pouco tempo:

(...) quando minha filha nasceu eu parei de ir pra baile funk...e ... entrei em uma depressão muito grande quando vim pra casa, porque eu queria ele (o namorado) do meu lado eu não tinha, só tinha minha filha, porque ele não podia andar na minha casa
(Renata, 22 anos).

²¹ Ver Elisabeth Badinter (1985) onde o amor materno não é compreendido como um sentimento inato, mas sim desenvolvido através de variações socioeconômicas da história, podendo ou não existir entre as mulheres, pois esse sentimento humano, incerto, frágil e imperfeito, está relacionado com a época e com circunstâncias de ordem material da mãe.

Pra mim ser mãe é tudo! Mexa comigo, só não mexa com ela (com a filha), porque senão eu viro uma onça. Aí eu endoio e viro aquela doida de antes, que não tinha medo de nada e nem de ninguém (...) Eu dou um boi para não entrar em uma briga, mas dou uma boiada pra não sair dela (Elisa, 20 anos).

Então, é fundamental a compreensão dada ao significado da maternidade através de suas próprias construções, já que para essas jovens esse fato não é interpretado como um problema. Sendo assim, o trato com a sexualidade nos possibilita essa compreensão, tendo em vista que, a juventude contemporânea atua em um cenário onde diversos *tabus* já foram quebrados. Mesmo assim, apesar do “fazer” ser mais “natural”, o “falar” ainda é constrangedor. Com isso, a falta de orientação sexual na vida dos jovens vem aumentando as estatísticas de abortos e de doenças sexualmente transmissíveis em pessoas com menos de 20 anos. Dessa forma, o planejamento familiar tornou-se um conceito quase em desuso, e isso é muito “perigoso”.

De acordo com Michel Foucault (1990), a sexualidade está inscrita nas relações socio-culturais que envolvem as relações de poder fazendo dos indivíduos reféns de modelos normalmente aceitos. O corpo “masculino e feminino” é um “campo político” onde se inscreve diversas formas de preconceito, controle e violência, ou seja, micropoderes que são frutos não apenas das ações localizadas de grupos, castas sociais e instituições que definem suas estruturas de normatização da sexualidade, mas também um fenômeno imperativo em

sociedades nas quais as leis de mercado são o princípio-eixo das relações humanas. Sendo assim, a sexualidade ou o trato com a saúde do corpo estão envolvidos por um contexto que violenta.

No que se refere à sexualidade juvenil existe diferenças de ordem social e de gênero²². Aos jovens das classes “mais favorecidas” existe o suporte financeiro dado por suas famílias e até mesmo o emocional, onde as jovens mães terminam compartilhando com seus pais os cuidados e as obrigações que é conferida a essa nova posição social. Geralmente elas terminam os estudos e entram no mercado de trabalho. A família do pai da criança costuma dividir as atribuições. Quando a intenção é interromper a gravidez de uma garota de classe média ou rica, tudo é feito na *surdina* para não provocar constrangimentos e nem colocar a honra da garota em discussão.

Já nas classes pobres cabe a própria jovem assumir a responsabilidade completa pela criança, o que não é tomado como um estorvo em suas vidas, pois a maternidade para essa classe é praticamente inata ao papel feminino, sem que haja a necessidade de estipular o “momento certo”, sem planejar. Inicialmente a notícia pode surpreender, mas posteriormente a família termina aceitando. Quanto ao pai da criança, uns assumem e estabelecem uma relação de concubinato, enquanto outros terminam a relação com as garotas (quando existia) negando a

²² Esse trabalho não se propõe fazer um recorte aprofundado de gênero ou de classe, tendo em vista que a opção analítica é pela compreensão do significado cultural do comportamento social. Mas são fatores que merecem ser mencionados.

paternidade. Esse é o momento onde as jovens abandonam os estudos de vez, na maioria dos casos, e passam a assumir os afazeres domésticos, enquanto suas mães, em um contexto onde é grande o número de mulheres chefes de família, ficam encarregadas de manter a subsistência da família, constantemente acrescida de novos integrantes.

Posso dizer que quase todas as jovens que entrevistei alegaram que não planejaram sua gravidez, mesmo porque a falta de orientação sexual e a falta de compreensão das atribuições advindas da maternidade são fatores que agravam o crescente registro de gravidez “não planejada”. Opto em interpretar a gravidez na adolescência como “não planejada” ao invés de “não desejada” ou “precoce” . Essa escolha está de acordo com os discursos das jovens entrevistadas nessa pesquisa, onde a maternidade é avaliada como algo natural na vida de uma mulher, independente da faixa etária, e a anormalidade acontece justamente quando uma mulher ainda não concretizou esse fato.

A narrativa de Luíza, 19 anos, simboliza a despreocupação que as jovens pobres tem com relação à gravidez. Ela teve o primeiro filho com 14 anos e o segundo com 15 anos, ambos são frutos de um relacionamento que durou 5 anos com um garoto que foi assassinado em julho de 2001 no Fortal²³. Luíza conta que sentiu muito a morte do companheiro e demorou para se relacionar novamente

²³ Festa anual que acontece em Fortaleza no mês de agosto. É popularmente conhecida como um carnaval baiano fora de época e tem como atrações principais grupos artísticos de Salvador que se apresentam em cima de trios elétricos. São realizadas em lugares públicos, geralmente na Avenida Beira-Mar, o que possibilita a participação de todos os moradores e turistas da cidade, apesar dos blocos possuírem cordões de isolamento.

com outros garotos. Hoje ela namora outro rapaz, diz ser “trabalhador”, e mora na casa dos pais com os dois filhos. Quando a encontrei em junho de 2002, achei que estivesse grávida. Ela negou, disse que estava gorda, pois como não trabalha passa o dia em casa, comendo. Não posso afirmar se ela escondia o fato ou se não havia percebido na época, mas pouco tempo depois, minha indagação foi confirmada. Luíza teve outro filho com o atual namorado.

Quando eu sai grávida, eu assim, eu não entendia nada ainda, eu não tinha muita mentalidade pra nada não. É... eu não tava nem aí. Era... eu to grávida, é o jeito é ter, né! (Luíza, 19 anos).

Essa naturalização da maternidade para as adolescentes pode estar associada à falta de orientação sexual. Segundo dados da pesquisa sobre juventude e violência²⁴ realizada pelo Laboratório de Estudos da Violência (LEV) da Universidade Federal do Ceará (UFC) em 1999, a sexualidade faz parte do interdito, ou dos assuntos nunca discutidos com os pais. Entre os jovens das diversas classes sociais da cidade de Fortaleza, 52% deles dizem “nunca” ter conversado com os pais sobre sexualidade e apenas 11,5% dizem falar muito sobre o assunto.

Os jovens ressaltam que aprendem sobre sexo com os amigos, com a televisão e na escola. Levando em consideração que os amigos se encontram na mesma situação que a deles, ou seja, conversam apenas entre eles; onde sexo e

²⁴ Ver a publicação *Ligado na Galera: juventude, violência e cidadania na cidade de Fortaleza*. Brasília, Editora UNESCO, 1999.

namoro ocupam a décima posição como prioridade de discussão nas escolas públicas, e que a televisão não se responsabiliza em adotar uma metodologia de caráter educativo em suas programações, restam aos jovens falarem com quem?

Assim, a falta de orientação leva a descrença na eficácia dos métodos de contracepção. Os jovens sabem que existem camisinhas masculinas e femininas, DIU, pílulas anticoncepcionais e medicação injetável, mas a questão é que eles não sabem como funcionam esses métodos, e antes de tudo, não há para uma grande parte dos jovens pobres a preocupação em evitar a gravidez.

Não é à toa que dados do Ministério da Saúde apontam que no Brasil há em média um milhão de partos realizados por jovens anualmente. Esses números ainda revelam que 60% dessas jovens voltam a engravidar novamente 18 meses depois. Nos hospitais ligados ao Sistema Único de Saúde (SUS) em Fortaleza cerca de 30% a 40% das gestantes atendidas tem até 19 anos²⁵. Independente da classe social, a gravidez pode preencher o vazio social de algumas mulheres, além de funcionar também, como uma forma delas desempenharem o papel feminino perante a sociedade.

²⁵ Os jovens estão mais preocupados com a Aids do que com uma gravidez inesperada no que diz respeito às relações sexuais. Parece, então que a morte amedronta mais do que a maternidade e a paternidade. Segundo a pesquisa do LEV/UFC, o que mais preocupa os jovens, de ambos os sexos, nas relações sexuais é a AIDs, com 73,4% das respostas. Já a gravidez preocupa apenas 22% dos entrevistados.

Como já foi dito, há uma mudança de visão de mundo das jovens devido o fato de terem se relacionado com garotos “marcados para morrer”. Nesse sentido, a maternidade e a “viuvez” seriam os dois principais motivos que as levaram a resignificarem suas vidas. O momento da morte dos companheiros faz com que essas garotas troquem o título de “mulher do chefe” para tornarem-se então as *jovens viúvas*. Assim, essa mudança de papel social ocasiona também novas posturas a serem adotadas por uma mulher que transitou por diversas funções em um curto período de sua vida, no caso durante o tempo da adolescência. Essa mulher inicialmente era uma menina, que vivia sob os olhares da família nos espaços domésticos, posteriormente, desperta seu interesse para as descobertas da vida no mundo da rua, e assim torna-se a “mulher do chefe” da gangue. Com a maternidade e a “viuvez”, essa menina-mulher volta novamente para casa, mas agora com outro título e com uma nova bagagem de experiências acumuladas, ela agora é uma *jovem viúva*.

3.2.Pra além dos mitos: a jovem viúva.

Em todos esse momentos posturas específicas de comportamento são fixadas. A *jovem viúva* sabe desde quando era a “mulher do chefe” que sua honra e sua dignidade estavam colocadas a prova a todo instante. Sendo assim, para manterem-se “idôneas”, devem se afastar das gangues, das festas e das drogas, na tentativa de construir uma imagem respeitável perante o grupo. Afinal, sua

condição de “mulher do chefe” impõe um comportamento que a diferencia das outras garotas.

Elas afirmam que o fato de não serem usuárias de drogas e nem integrantes de gangues, possibilita a construção de uma imagem mais respeitada, tanto para os namorados como para os grupos de jovens. Sobre suas experiências com drogas, a maioria nega o uso, e poucas revelaram que já foram usuárias. O consumo de bebidas alcoólicas era mais comum, mas não são compreendidas por elas como drogas. Quanto as ilegais, a maconha era a preferida para as garotas que admitiram o uso.

Existe um cuidado em torno das questões que envolvem o uso de drogas, pois um indivíduo estigmatizado, quando admite ser consumidor, agrava ainda mais a sua imagem perante a sociedade. As expressões “maconheiro”, “drogueiro” e “cheirador” atestam o caráter depreciativo e censurado relacionados aos consumidores de drogas. No caso das jovens viúvas, ser ou não usuária faz uma grande diferença no processo de construção de suas imagens, tendo em vista os seus esforços de enobrecimento pessoal que é constantemente colocado à prova pelas outras pessoas.

Um outro ponto é sobre suas participações nas gangues. Segundo seus relatos, as jovens afirmaram não integrarem as gangues dos namorados, pois o “chefe” deve ter uma mulher “digna e honesta” e não uma “maluca e incoseqüente”, uma “doidinha” segundo o vocábulo juvenil. Se no início do

namoro elas faziam parte dos grupos, logo se afastam a pedido dos namorados. Alguns garotos costumam buscar namoradas fora do círculo de amigos, segundo contam as jovens viúvas, e assim, preferem namorar com garotas “sem envolvimento”. De qualquer forma, a “mulher do chefe” tem uma honra a zelar. A questão da dignidade e da autoridade moral ronda constantemente as relações sociais de mulheres inseridas em situações de violência. Isso não quer dizer que esses jovens nunca se relacionaram com garotas envolvidas em gangues, mas a “mulher honesta” que será a mãe de seus filhos, não deve dar motivos para que desqualifiquem sua postura.

Se os garotos procuram namoradas fora desse contexto, parece inevitável para elas não se relacionarem com jovens que não tenham nenhum tipo de envolvimento com atos de violência. Em suas narrativas elas enfatizam que o fato dos namorados participarem de gangues nunca foi à motivação do interesse e da proximidade com eles. Ser ou não integrante de gangue não representa, segundo dizem, um motivo de atração mais intensa:

Nunca gostei. Nunca gostei nem do apelido dele. (...) Eu não gostava, é por isso que eu digo que não me atraia em nada ele ser de gangue. Me atraia pela a pessoa dele, mas não assim, o fato dele ser assim, né! (Renata, 22 anos)

Era muito bom ficar com ele. Até que ele era diferente. Ele era de gangue, era muito doido, era chefe de gangue, mas comigo, pra mim ele não era. Era como se ele não fosse tudo aquilo que

falavam dele, que ele fazia, entendeu! Porque ele era muito bom pra mim (Clara, 23 anos).

Para elas, o interesse é pela conquista de uma pessoa em destaque e desejada por outras garotas. O “chefe da gangue”, símbolo da “força e bravura masculina” pode suprir determinadas carências fruto desse contexto “pobre e perigoso” onde falta quase tudo, quer seja amparo material, quer seja emocional. Assim sendo, podemos estar diante de uma espécie de troca de proteções. Se por um lado esse homem forte pode ampará-la, cabe a “mulher do chefe” representar a “salvação”, a pessoa que ira livrá-los do envolvimento com atos de violência. Elas afirmam que durante o “tempo do namoro” havia uma preocupação em afastá-los do envolvimento com atitudes criminosas. Há uma espécie de consenso entre as entrevistadas ao alegarem que enquanto eram as companheiras desses jovens, eles estavam afastados dos grupos ou atravessavam um período de “redenção”.

Quando se tornam “as viúvas”, a honra e a dignidade feminina são ainda mais “vigiadas”. Culturalmente percebe-se como a sociedade pode ser cruel e muito exigente com a postura de uma mulher viúva. Além de sua imagem, existe também a imagem do companheiro falecido que deve ser preservada. E nesse caso, “preservar a imagem” é manter-se “fiel” carregando o título de “esposa” para sempre. É comum as viúvas serem classificadas como mulheres insensíveis quando elas passam a ter novos relacionamentos afetivos.

Um tempo, que deve ser longo, é socialmente estipulado para que uma mulher possa ter novamente um companheiro. O luto deve ser publicamente vivenciado para que ela possa demonstrar a importância do companheiro e “respeitar sua memória”. Não é à toa que a expressão “viúva alegre” representa a mulher que se comporta de forma inadequada. Independente da classe social o comportamento de uma viúva será rigorosamente avaliado e constantemente vigiado.

Como fica então a situação de uma pessoa jovem, que tão cedo, é pressionada por normas sociais a não estabelecer novos relacionamentos com outros rapazes, principalmente em um breve espaço de tempo? Essa jovem continuará sendo avaliada e vigiada. Após uma média de três a cinco anos da perda dos companheiros, com exceção de uma jovem que perdeu o namorado no final de 2003, todas as outras já têm novos relacionamentos, e muitas também já tiveram outros filhos com esses rapazes.

A questão é, como já percebem os olhares condenadores dos vizinhos, que são seus “biógrafos mais perspicazes”, o fato de construírem novas relações não muda as classificações depreciativas carregadas desde o tempo dos “namoros proibidos” com os integrantes de gangues. As *jovens viúvas* sabem que carregam marcas aparentemente proscritas, e criam estratégias para viverem dessa forma. Por isso, elas ocupam mais os espaços privados do que os públicos. Vale lembrar que a maternidade e a “viuvez” faz com que as *jovens viúvas* passem a ocupar

outras esferas da vida social, afastando-se dos grupos anteriormente integrados.

Esse afastamento diz respeito tanto aos grupos juvenis como a vizinhança:

As pessoas acham que eu sou uma pessoa muito danada, muito danada... porque eu sempre andei com esses meninos de gangue, que não prestam, elas sempre falam: "Essa menina tão nova, já tem dois filhos, nunca criou vergonha na cara (...) tem que criar, né, senão criar, quem é que vai criar por ela" (Rafaela, 21 anos).

Eu só sei que vou ter que carregar pra sempre essa idéia que as pessoas tem de mim. Eu posso esquecer, mas as pessoas não esquecem não. Onde eu passo as pessoas, nem todas as pessoas, mas tem umas que ficam falando as coisas. Que eu fui isso e aquilo outro, aí começa a me discriminar. Sinto uma coisa tão ruim quando eu passo as pessoas falam. Como agora, eu não saio mais de casa, quando saio as pessoas: "Olha essa menina foi isso, essa menina foi aquilo" (Marcela, 20 anos).

Então, além das pressões sociais, os indivíduos também regulam seus comportamentos motivados por uma força interna. Os indivíduos sentem vergonha e ficam embaraçados quando seus comportamentos não condizem com os padrões sociais. A vergonha e o embaraço são considerados como modelações da economia de pulsões (Elias,1992). A pessoa que sente vergonha fez ou fará algo que entra em choque com pessoas a quem está ligada ou com o setor de sua consciência que controla a si mesma. Não é apenas um choque com a opinião social prevalecente, é um conflito com a parte de si que representa essa

opinião, com a sua própria personalidade. Para Elias, o indivíduo teme perder o amor e o respeito dos demais.

O embaraço é a contrapartida da vergonha. Ele ocorre quando algo fora do indivíduo invade sua zona de perigo previamente investida de medo pelo ambiente, até que esse medo se reproduza automaticamente em determinadas ocasiões. O embaraço é a ansiedade que surge quando outra pessoa ameaça ou ignora as proibições da sociedade representadas pelo próprio superego da pessoa.

As falas de Marcela e de Rafaela, *jovens viúvas*, “ex-mulheres dos chefes”, mães dos “herdeiros da violência”, evidenciam o que também aconteceu nas falas de Clara, Sabrina e outras tantas Carolinas e Julianas, que apesar de percorrerem trajetórias distintas se encontraram em algumas encruzilhadas. Suas marcas estão transcritas em seus corpos. Suas experiências de vida denotam para elas lições, para os outros condenações. Sentem vergonha sim, e ao mesmo tempo em que constrange, pode motivar a construção de outros caminhos, com outros destinos.

3. 3. Honra e dignidade: a lei da “mais forte”.

De que modo então figura a honra e a dignidade como elementos simbólicos que regula o comportamento das *jovens viúvas*? Como foi visto anteriormente,

para as *jovens viúvas* são estipuladas normas de conduta de acordo com o papel social desempenhado. Então, para entender o universo social do qual fazem parte e que cotidianamente estão construindo, devemos atentar para os seus códigos de valores e para os códigos sociais que, de uma forma ou de outra, influenciam seus comportamentos.

Portanto, prendo-me ao conceito de honra adotado por Pitt-Rivers (1973 apud Fonseca, Claudia, 2000, p.15) que o compreende como sendo “um nexo entre os ideais da sociedade e a reprodução destes ideais no indivíduo através de sua aspiração de os personificar”. Seguindo essa linha de investigação, Fonseca (2000) desenvolve seus estudos sobre as relações de gênero e de violência em grupos populares seguindo duas linhas de investigação:

o primeiro sublinha o sentimento individual, o orgulho pessoal, ou seja, o esforço de enobrecer a própria imagem segundo as normas socialmente estabelecidas; o segundo refere-se a um “código de honra”, um código social de interação, onde o prestígio pessoal é negociado como o bem simbólico fundamental de troca (2000, 15).

O critério de prestígio social quando a honra é compreendida como reguladora de interação compartilhada entre grupos sociais, pode variar conforme a idade, o sexo, a posição social e econômica e o estado civil de cada pessoa. Dessa forma, a maternidade e a “viuvez” podem ser avaliados como dois elementos de controle de conduta das *jovens viúvas*, uma vez que, essas duas condições resignificaram seus comportamentos perante a sociedade:

Aí quando a gente começou a ficar sério mesmo, ele disse: “Oh, se tu quiser ficar comigo tu vai ter que deixar de andar com essa galera, deixar de fumar cigarro e deixar de usar drogas”.(...) porque homem nenhum que gosta de uma pessoa de verdade, vai querer uma mulher usando drogas, andando com quem não presta. É muito feio, é muito feio mesmo.. eles não vão querer isso. Porque pro líder da gangue, a mulher do líder da gangue tem uma imagem a zelar. Por exemplo, antes de mim, ele nunca tinha tido uma namorada, só era fica. Agora para os outros eu era a sua “mulher”, não era a namorada, era a “mulher”. (Rafaela, 21 anos)

Rafaela narra o cuidado com a imagem no tempo em que era a “mulher do chefe”. Sua atuação em público, ao lado de um grupo que se divertia namorando, se drogando, freqüentando festas e brigando, fez com que sua presença fosse percebida, principalmente pelo rapaz que viria a namorar, o chefe de uma outra gangue do bairro. Rafaela pertencia ao grupo rival, mas seu atrevimento despertou o interesse dele, apesar de no início desejar matá-la. Agora na condição de “mulher do chefe” deveria abandonar as ruas, os grupos e as drogas. A garota acatou o pedido, e juntos construíram uma história, cujo desfecho já sabemos.

Aos 15 anos engravidou do namorado que pertencia a uma gangue do bairro. Rapaz violento, costumava bater nela quando ela colocava sua reputação em jogo, ou seja contrariava as regras de “boa conduta” que cabe a “mulher do chefe”. Mesmo assim, considera que com ele viveu uma grande paixão. Certo dia o rapaz foi preso. Motivo: suspeita de assassinato e roubo a mão armada. Sentença: internação no São Miguel²⁶. Com o final da pena, se dirigiu à casa de Rafaela para ver o filho, não houve tempo, no caminho foi assassinado por amigos do outro jovem que outrora matou. Rafaela diz que não sofreu muito com a morte do

²⁶ Internato juvenil de Fortaleza onde jovens infratores sentenciados cumprem suas penas.

namorado, pois desde a época de sua internação no São Miguel já havia decidido terminar a relação.

Tempos depois teve outro filho fruto de um rápido “namorico”, mas sua mãe deu a criança para outra família criar. Rafaela não sabe com quem está o filho, mas sonha em um dia reencontrá-lo. Depois disso resolveu morar com sua avó, e lá está até hoje, sem namorados, sem festas, sem um dos filhos. A jovem não soube me dizer o que pretende fazer a partir de agora. Seus sonhos parecem encobertos, ofuscados, controlados pelas pressões sociais e individuais, fruto de desilusões provocadas pelas perdas sofridas.

Norbert Elias quando discute o *autocontrole* nos indivíduos, chama a atenção para um fenômeno na dinâmica social, onde o indivíduo “civilizado” passa a controlar suas ações e sentimentos de acordo com as relações vividas no cotidiano. O autor começa sua discussão sobre autocontrole quando discute a teoria do *processo civilizador* (1993). Para ele, o processo civilizador constitui uma mudança na conduta e nos sentimentos humanos rumo a uma direção específica. Não foi planejado nem efetivado através de medidas conscientes, racionais ou deliberadas de resultado ao longo prazo. Mas, nem por isso, sem um tipo específico de ordem. A reorganização dos relacionamentos humanos se faz acompanhada por mudanças nas estruturas da personalidade do homem, cujo resultado provisório é uma forma de conduta e de sentimentos, que Elias denomina como “civilizados”.

De acordo com Elias:

(...)planos e ações, impulsos emocionais e racionais de pessoas isoladas constantemente se entrelaçam de modo amistoso ou hostil. Esse tecido básico, resultante de muitos planos e ações isoladas, pode dá origem a mudanças e modelos que nenhuma

peessoa isolada planejou ou criou. Dessa interdependência de pessoas surge uma ordem sui generis, uma ordem mais irresistível e mais forte do que a vontade e a razão das pessoas isoladas que a compõem. É essa ordem de impulsos e anelos humanos entrelaçados, essa ordem social, que determina o curso da mudança histórica, e que subjaz ao processo civilizador (1993: 194).

A civilização é então movimentada pela dinâmica autônoma da rede de relacionamentos, ou seja, por mudanças específicas na maneira como as pessoas se vêem obrigadas a conviver. À medida que as pessoas sintonizam suas condutas, as ações se organizam de forma rigorosa e precisa, onde cada ação individual desempenha uma “função social”, que são diferenciadas pela competição. As condutas são variadas, uniformes e estáveis, penetrando pouco a pouco de forma automatizada. Nesse sentido, o *autocontrole* é um mecanismo que visa prevenir transgressões de comportamento socialmente aceito.

Elias ainda coloca que, o modelo de autocontrole – lugar onde as paixões são moldadas – varia de acordo com a função e a posição do indivíduo na cadeia de ações. Sua constância reduz os contrastes, as mudanças súbitas de conduta e a carga efetiva de toda auto-expressão. As pressões que atuam sobre o indivíduo produzem transformações que regulam todas as áreas de conduta dos setores da vida. Diante disso, com o transcorrer do tempo, tornam-se mais restritas as condutas que tentam satisfazer anseios e paixões, devido à dependência funcional das atividades de um número cada vez maior de pessoas. A vida fica

“menos perigosa“, “menos emocional” e “menos agradável”. O campo de batalha foi transportado para dentro do homem. Essa luta semi-automática da pessoa consigo mesma fica, freqüentemente sujeita a perturbações, tornando o desempenho das funções sociais mais difíceis.

Quando pensamos nesse controle das emoções, essa forma de conter os impulsos inconscientes que levam os indivíduos a agirem dentro de uma ótica mais racional perante as normas estipuladas pela sociedade, percebemos que a maternidade e a “viuvez” foram mecanismos que restringiram as condutas das *jovens viúvas*, pois possibilitaram redefinições de suas posições e funções sociais. Dito dessa maneira, compreendemos as razões que levaram as jovens viúvas a abandonarem os grupos juvenis, há pressões impostas pela sociedade, principalmente no que diz respeito ao papel de mãe e de viúva, que pregam posturas voltadas para a dignidade e a decência.

3.4. Tempos de sonhar, tempos de desejar.

Após o emaranhado de experiências vividas, de necessidades saciadas e frustradas, de sonhos realizados e desfeitos, o que anseiam as jovens viúvas? Sabemos que os sonhos e os desejos são feitos e desfeitos de acordo com o momento vivido pelas pessoas. Em fases específicas da vida, os indivíduos buscam satisfazer necessidades para tornar a vida mais prazerosa e boa, pois a vida sem uma única sensação de contentamento é absolutamente infeliz.

Diante do que foi vivido e do que ainda é pretendido, quando as *jovens viúvas* “recomeçam” suas trajetórias, seus sonhos e seus desejos atendem a uma inclinação motivadora e entusiasmada, em virtude da espera da realização dos novos desejos. Clara sonha com seu “Dia de Princesa²⁷,:”

Eu acho que com a pouca idade que eu tenho, eu já tenho experiência pra dá pra muita gente. E se eu voltar pra trás, é porque é burrice. Eu olho pra minha vida e tenho pena de mim, sabia? Eu mesmo tenho pena da minha vida, por isso que eu tenho convicção comigo que um dia vou conseguir ser a princesa do Netinho.(...) Dia de segunda-feira eu acordo cedo, arrumo a casa, faço tudo, porque ele vem dia de segunda, né, nas casas das pessoas. Eu tenho esse sonho na minha vida.(...) com o Netinho eu só quero conhecer ele, quero aquela transformação e quero pedir pra ele construir o túmulo do João. Fazer um túmulo bem bonito.

Clara acredita que tem experiências demais acumuladas, mas elas são infortúnias, pois se envolveu em situações de violência que acarretaram na perda da pessoa amada. Os tempos tumultuados e regidos por gangues e drogas ficaram guardados na memória, sendo considerados deploráveis, e servirão

²⁷ Programa dominical da Rede Record, apresentado por Netinho, apresentador oriundo das classes pobres, que realiza sonhos de garotas das periferias urbanas do Brasil. As jovens contempladas ganham roupas novas e elegantes, freqüentam salões de beleza, convidam os familiares para jantar em um luxuoso restaurante e tentam resolver os conflitos familiares. Modelo também adotado por outros programas populares.

apenas como um exemplo para orientar seu filho a não seguir o caminho dos pais. Agora ela quer se entregar a fantasias e devaneios de prazer.

Ser a princesa do Netinho é um desejo que ela narra de forma emocionada e convicta de sua realização. Desde o primeiro dia que a conheci ela me falou sobre esse sonho. Clara conta que aos domingos prefere assistir sozinha o programa pela televisão e fica comovida quando vê as cenas de jovens realizando o sonho que também é seu. Mesmo sendo a “Princesa do Netinho”, Clara gostaria de homenagear o seu “Príncipe” providenciando um lugar decente para a “morada de sua alma.” Na verdade seus sonhos ainda estão ligados ao companheiro falecido.

Já Sabrina gostaria de realizar um sonho relacionado a sua vida familiar e ao futuro de seus filhos. Arrumar um trabalho para poder ajudar financeiramente suas famílias é uma vontade que perpassa por todos os discursos das jovens viúvas que compõem o universo analítico dessa pesquisa. Então a narrativa de Sabrina é bastante abrangente e significativa:

... eu quero trabalhar, mas só que eu não arranjei ainda, porque eu não tenho um bom estudo. Porque eu não quero depender de ninguém pra dar pros meus filhos, eu não quero, né? O que eu quero é que os meus filhos dependam de mim mesmo. Eu dar o que eles querem, o que eu quero é dar a eles, tá entendendo? Eu quero isso. (...) O que cala mais a gente é nossos filhos. Cala assim, eu quero dizer, assim, afasta de certas coisas., porque a gente pensa nos filhos. Assim, de perder a cabeça, né? (...) Hoje eu não faço nada, só fico dentro de casa, só fico cuidando dos

menino da casa. De noite tomo banho e vou dormir. Eu janto e vou dormir. (...) Mas eu sinto vontade de sair, mas não posso. Não posso sair.

Esse depoimento retrata a preocupação da mulher-mãe em prover a sua família sem depender de ninguém. Nem do companheiro e nem de parentes. À vontade de Sabrina hoje é assumir a responsabilidade da criação de seus cinco filhos. Como dois deles moram com a família do ex-companheiro falecido, a jovem gostaria de trabalhar para poder ajudar nas despesas dessas crianças. Ela não pensa em trazê-los para morar com ela, pois acredita que eles estão sendo bem cuidados.

Mesmo ciente de sua importância nos espaços domésticos – relacionados à educação dos filhos – Sabrina como qualquer pessoa gostaria de sair para poder se divertir, afinal, ela é uma jovem de 24 anos. A dificuldade maior é ter alguém que fique cuidando das crianças, visto que hoje, ela não pode contar mais com o apoio da avó e da madrinha que também morreram. Então toda a responsabilidade com os afazeres do lar e da família ficaram a seu cargo.

Diante de diversas situações de violência e de exclusão social, os jovens das classes populares que não se envolvem com atos criminosos e ilegais, criam estratégias de sobrevivência e formas de satisfação pessoal dentro da ótica dos contextos em que estão inseridos. Diante disso, estar satisfeito em uma sociedade

insatisfeita, como designa Agnes Heller (1998), não significa saciar todas as necessidades concretas:

Se alguém consegue transformar sua contingência em seu destino, se alguém reiterar as palavras de Lutero: “Estou aqui e não posso agir de outro modo”, se alguém tem consciência de que sua existência conta, de que deixa um vestígio na face do mundo, esse alguém estará satisfeito com sua vida como um todo e dirá que se tornou o que, em vista das possibilidades existentes, podia tornar-se (1998: 46).

Para a autora, a sociedade insatisfeita é uma sociedade onde as ordens sociais se tornaram *contingentes*, ou seja, eventuais e casuais. Contudo, embora as ordens sociais possam ser diferentes do que são, as decisivas podem permanecer inalteradas, ou pelo menos, sofrer lentas alterações. Apesar das pessoas estarem cientes dessas possibilidades ilimitadas e tendo a liberdade de escolher os caminhos a seguir, em determinado momento estarão diante de possibilidades reduzidas e oportunidades sempre menores. Heller ainda argumenta que o contexto pode virar um estorvo no instante da escolha dos caminhos preferidos, e alguns jamais favorecerão a satisfação de necessidades individuais específicas.

Observando o caso das *jovens viúvas* tomo como referencial de análise dois elementos formadores de seus perfis. Primeiro: trata-se de pessoas jovens. Segundo: são pessoas pobres. Diante disso, juventude e pobreza irão determinar

vontades e aspirações, que Heller definiu como sendo *contingentes* de acordo com o contexto onde elas estão inseridas. Isso não quer dizer que essas pessoas estarão impossibilitadas de desejar, nem mesmo que seus desejos são impossíveis de se realizarem. O que elas querem é buscar prazeres e satisfações após terem vivenciado momentos árdus. A juventude por ser um momento carregado de símbolos, de expectativas e decepções, de potencialidades e fragilidades, institui um terreno inquietante para os desejos, que são constantemente modificados de acordo com as experiências vivenciadas.

Conseguir um emprego ou aparecer na televisão são desejos praticamente comuns na vida moderna. Hoje as *jovens viúvas* anseiam por isso, outrora as vontades eram outras. Se antes elas preferiam sair com os grupos de amigos, experimentar drogas, ter “namoros proibidos”, já vimos que tudo isso foi substituído por uma espécie de estabilidade social e emocional. Se antes a vida perigosa era prazerosa, hoje a prioridade é uma espécie de estabilidade.

Para Heller (1998), as necessidades podem ser interpretadas pelo sentimento de falta, mas isso não quer dizer que o sentimento de falta equivale à insatisfação. As *jovens viúvas*, até então, não realizaram os seus sonhos, e nem por isso podem ser classificadas como pessoas amarguradas e infelizes. A espera pela possibilidade de realização motiva as jovens e fomenta sentimentos de euforia pelo simples fato da possibilidade existir. Então, se não houvesse a crença, essas pessoas teriam todos os motivos para sentirem-se insatisfeitas.

A autora ainda argumenta que, a satisfação das carências pode ser compreendida como uma forma de transformar *contingência* em destino, pois trás a possibilidade do aumento de autodeterminação – que Heller entende como a satisfação das necessidades desejadas. Dessa forma, sonhar com a realização de um desejo é um caminho que possibilita a transformação da vida das *jovens viúvas*, rumo caminhos com trilhas menos sinuosas – há tempos marcadas por carências emocionais, econômicas e sociais. Cada uma sonha de sua forma, e elas sonham muito. Esse fato não pode ser deixado de lado quando buscamos compreender seus universos, os significados que atribuem a vida e a maneira como essas jovens mulheres vivem. Pois é assim que as jovens viúvas estão agindo e reagindo sobre seus contextos sociais.

Capítulo 4

Vivendo o luto: o encontro entre Eros e Tanatos.

*Chores sem compreender que a saudade
É um bem maior que a felicidade
Porque é a felicidade que ficou!*
MANUEL BANDEIRA.

Eros, deus do amor, da vida, representa a integração e a sobrevivência. É o símbolo dos amantes, das pessoas apaixonadas, segundo a mitologia grega. Sua atuação é marcada por sentimentos intensos e fortes, capazes de provocar devaneios e deleites de prazer. Com a mesma veemência, *Tanatos* simboliza a intensidade e a força da morbidade. É o deus da morte, da grande dor, do pesar profundo. Representa a falta, a carência e a privação quando em contato com *Eros*, pois a perda do amante é sentida com muito pesar. É uma das dores mais profunda. Portanto, é um encontro encenado no palco da tragédia.

Remediar essa aflição fica a cargo de *Mnemosyne*, deusa que possui o poder da memória, onde tudo o que pertence ao reino do não-ser, do esquecimento, é presentificado, nesse sentido, tornam presentes aqueles que estão ausentes. Sua atuação depende do tempo, santo acalanto, capaz de confortar o coração aflito, fruto da perda provocada pela morte do amor. *Eros, Tanatos e Mnemosyne* trilharam juntamente com Sabrina, Clara, Rafaela, e outras tantas jovens que tão cedo ficaram viúvas, os caminhos sinuosos ocasionados pela experiência com o luto.

Muitos significados foram atribuídos por elas a essa experiência, viver após a morte dos amantes. Morte sabida mais não acreditada e nem compreendida, como praticamente todas são. A morte é uma certeza que temos na vida, ao mesmo tempo em que é também um mistério incompreensível, um absurdo inaceitável em sociedades modernas e ocidentais. Então, como as jovens viúvas lidam com a morte? Como vivenciam o luto? Qual o significado que elas atribuem a essa experiência?

4.1 (In) Compreensão da morte: signos do luto.

Não podemos mudar o fato de que um dia vamos morrer, mesmo com os progressos científicos e os avanços das pesquisas biomédicas, mas podemos mudar o modo como tratamos esse fato. Nas sociedades ocidentais, a morte é vista como algo doloroso e inaceitável, uma realidade inexorável tratada, com

recorrência, como um tabu, assunto do qual as pessoas não gostam de falar. Mas a morte é uma etapa da existência humana com a qual temos que conviver. Pode-se aceitar sua inevitabilidade ou pode-se negar, fugindo e imaginando que não pensando na morte podemos fazer com que ela deixe de acontecer ou de se aproximar de nós. Pessoas com grande envolvimento religioso, tem geralmente, menos medo da morte, segundo pesquisa realizada pelo Laboratório de Estudos sobre a Morte (LEM) da Universidade de São Paulo (USP). A espiritualidade e o apego à religiosidade ajudam a superar a ansiedade em relação à idéia de finitude.

Devemos então, situar os significados atribuídos à morte de acordo com as especificidades de cada sociedade, tendo em vista que, oriente e ocidente a trata de forma diferenciada. Segundo Philippe Ariès, desde o século XIX as atitudes diante da morte vem sendo modificadas. Se anteriormente ela era mais compartilhada, no presente vive-se o luto cada vez mais de forma solitária e vergonhosa. Novos rituais foram criados²⁸, como a difusão da cremação e as empresas especializadas em funerais, e assim percebemos como a racionalidade técnica do mundo moderno se estende a todas as esferas da vida humana. Norbert Elias (2001) entende que os rituais seculares foram se esvaziando de sentimentos e significados, tornando a morte algo contagioso e ameaçador, onde os homens, cada vez mais, involuntariamente se afastam dos moribundos.

²⁸ Em se tratando de sociedades ocidentais, capitalistas e modernas do século XXI.

As diferentes classes sociais também tratam a morte a sua maneira. As classes médias e ricas, tomam a dor do luto como a dor contagiosa, que pode causar situações de constrangimento. Ela costuma ser ocultada das crianças e banidas das conversas do cotidiano. Em muitos casos, a responsabilidade com os preparativos para a cerimônia do velório ficam a cargo de empresas especializadas, sendo assim, os velórios deixam de ser realizados em casa, pois as funerárias tornaram-se empresas “especializadas na morte” que providenciam toda a organização e preparação da cerimônia.

Nas classes pobres, a responsabilidade fica a cargo da família. O velório ainda é realizado na casa de familiares e atravessa a noite, seguido do sepultamento no dia anterior. Os vizinhos, parentes e conhecidos participam da cerimônia, deixando a sala, o lugar onde o corpo é velado, completamente lotada. Do lado de fora, um aglomerado de pessoas fica aguardando sua vez para participarem da cerimônia. Assim, a morte não é percebida como contagiosa, mas sim, como um momento de interação social, tendo em vista que, entre as classes populares os laços de solidariedade são mais fortes e as diferenças entre os espaços públicos e os privados são menores. Essas, sim são as “dores publicáveis”, as cobiçadas pela imprensa que viram notícias dos jornais.

O cotidiano das regiões pobres e periféricas das grandes cidades é marcado pela presença constante da morte, que cada vez mais se torna algo banal e comum para os moradores. Podemos considerar diversos elementos analíticos

para compreender essa tendência nas localidades pobres, como as péssimas condições dos serviços públicos de saúde, segurança e educação e até mesmo de assistência jurídica, que ocasiona um certo descaso com a vida, pois impossibilita qualquer crença em outras formas de se viver que não seja marcada por um cotidiano de negligências. Além disso, a morte provocada por situações de violência como rixas antigas ou pelo descaso dos profissionais de saúde são mais recorrentes e causam menos espanto e indignação para as classes pobres do que para as médias e ricas que tratam essas situações como anômalas.

Nos bairros pobres é comum as mortes violentas ocorrerem em vias públicas ficando expostas por longo tempo a comunidade. A família é rapidamente comunicada por conhecidos que presenciaram o ocorrido ou que estavam passando pelo local e perceberam que conheciam aquele corpo estendido. A demora da chegada da polícia e dos procedimentos de registro de ocorrência, além da lentidão da equipe do Instituto Médico Legal (IML) possibilita que os olhares curiosos de crianças e da população acompanhem todo aquele processo violento, que surpreende cada vez menos pelo fato de ser praticamente diário.

José de Souza Martins (1983) nos lembra como a morte é escondida e ocultada nas regiões “mais cultas” e rotinizada nas mais “populares”:

(...) Só nas regiões distantes e ‘atrasadas’, entre caboclos e indígenas, ou nas fissuras das cidades, das favelas e dos subúrbios, entre negros e mestiços, subsistem rebeldes ritos

funerários, concepções de morte radicalmente opostas à nossa morte branca e civilizada (1983: 09).

Nesse sentido percebemos como determinados fatores possibilitam a particularidade de comportamentos e representações diante da morte. Nas periferias, os rituais se distanciam da concepção de ocultamento e distanciamento. Ao contrário, destaca-se a publicidade e visibilidade pois desde o momento da morte até a realização do funeral, não só familiares e amigos, mas toda a comunidade participa. A notícia é alardeada com muita rapidez. A quantidade de pessoas presentes no local do velório, que geralmente é na casa do morto, pode simbolizar o prestígio quando o falecido era uma pessoa querida ou popular na comunidade. Portanto, um número expressivo de pessoas participando da cerimônia denota o ritual como um grande acontecimento, que pode se transformar em um marco no tempo e no espaço²⁹.

Assim, percebemos como o trato com a morte, enquanto prática social é norteado por ambigüidades e múltiplas significações. Se por um lado à morte de pessoas pobres, moradoras de bairros miseráveis e desfavorecidos tornam-se cada vez mais natural, como parte de uma forma de se viver perigosamente, ela ao mesmo tempo pode ser compreendida como um fator de integração social, na perspectiva de se pensar como os rituais são vivenciados. A forma como se vive o

²⁹ Alguns lugares ficam conhecidos como o lugar que fulano foi morto, assim como sua morte pode demarcar a mudança de um tempo para o outro.

luto possibilita pensar os significados estipulados pela sociedade e pelos indivíduos diante da morte e do morrer.

Quando o velório e o enterro são compartilhados socialmente, a morte toma uma conotação pública pois o velório e o enterro mobilizaram a comunidade e fortaleceram as relações sociais (DaMatta, 1997). Normas são estabelecidas e regras são estipuladas para o comportamento social. Mesmo os ritos fúnebres sendo essencialmente públicos, marcados por uma conotação social, onde até o momento do sepultamento as pessoas se encontram, o luto é uma experiência individual vivida dentro de um sujeito na sociedade (Koury, 2003). Depois de enterrado, o luto é geralmente vivido somente pelas pessoas que tiveram com ele uma proximidade maior, no caso a família e o cônjuge, pois são essas pessoas que passam a “visitá-los” no cemitério e a sofrer com a dor da perda.

Desse modo, viver o luto, em todas as suas instâncias e em qualquer tempo e lugar, apresenta-se de forma solitária e isoladamente pelos indivíduos que o experimentam. Ele é vivido na casa ou em espaços privados que possibilitem o desaparecimento do enlutado da esfera pública, da visibilidade. A dor provocada pelo sentimento de perda faz com que os indivíduos percam o entusiasmo e ânimo pela vida. A rua pode encobertar sua história de angústia e sofrimento, onde cabe a casa, o lugar do luto, simbolizar o apreço, a consideração e o respeito por aqueles que “já se foram”. Assim, elas rompem com o social e mergulham por completo em si mesma.

4.2. Da dor da perda a dor da solidão.

Viver o luto é lembrar o morto, impedindo que ele seja, enfim, soterrado pelo passado, como algo que não existe mais, que findou-se, que se acabou. Na tentativa de evitar ou de adiar esse processo, criam-se estratégias de sobreviver à morte, por parte, é claro, dos que ficaram. No caso de jovens garotas que perderam precocemente e repentinamente seus companheiros, a dor da solidão é um elemento relevante para se pensar o significado atribuído à morte. Isto quando a relação era considerada como uma grande paixão, pois um pouco de si também se perdeu.

Definir a morte como perda e relacioná-la a noção de “perda de si” e “ausência”, possibilita a idéia de compreendê-la como uma distância temporal e espacial de algo ou alguém representado como referencial do sujeito consigo mesmo e com os outros. Para Koury (2003), a “perda de si” possuiu um amplo significado de perda de referenciais que permite ao sujeito se situar em uma determinada situação social, tornando-o inseguro para desempenhar seu papel em sociedade e de se localizar como sujeito social. A “ausência” representa um sentimento de vazio, ocasionada pelo fato do indivíduo não se sentir preparado para lidar com a falta que passara a sentir. O encontro com esse temido sentimento é explicado por Koury (2003) como a representação do anseio nostálgico de um retorno a algo que se perdeu, agora atemporal.

Negar a morte ou não acreditar que ela esta acontecendo é uma prática comum movida pelos sentimentos de ausência, perda e solidão. As narrativas de Luíza e Marcela são bastante emblemáticas e revelam como a tragédia da morte do amado não é acreditada e parece que nunca será remediada para elas. Praticamente todas as jovens viúvas não acreditaram que estavam passando por aquela situação. Essa é a reação mais comum entre pessoas que vivenciaram as experiências com a morte:

(...) Aí, eu fiquei olhando pra ele dentro do caixão, esperando que ele piscasse o olho, que ele respirasse de novo. Eu não tava acreditando... eu sabia que ele tava morto, mas eu não queria acreditar. Eu achava que ele ia voltar a viver **(Luíza, 19 anos)**.

Eu não queria acreditar que aquilo tava acontecendo... eu não queria acreditar... porque eu gostava muito dele (...) passou tanta coisa pela minha cabeça. Uma pessoa que a gente sabia que não vem mais o quê que a gente pode fazer? O quê que pode fazer... só pensar em morrer também **(Marcela, 20 anos)**.

Conheci Marcela por intermédio de Sabrina. Quando retornei a sua casa em maio de 2003, o dia da surpresa em reencontrá-la tão diferente. Sabrina me falou que sua amiga e vizinha tinha perdido o companheiro a pouco mais de dois meses. Fomos a casa dela mas Marcela não estava. Sabrina se prontificou a marcar um encontro futuro para que nos pudéssemos nos conhecer. Na semana seguinte conheci Marcela e pouco de sua história, pois como a morte de seu

companheiro era muito recente, ela inicialmente se sentiu incomodada em falar sobre o assunto, principalmente com uma estranha

Marcela conheceu seu companheiro por ele ser amigo do segundo companheiro de Sabrina³⁰. Os rapazes faziam parte da mesma gangue e Marcela o conheceu na calçada de sua casa. Ela sabia que o rapaz tinha matado um integrante de uma gangue rival e que estava jurado de morte. Mas ela se apaixonou e foi morar com dele em um outro bairro da cidade. Marcela trabalhava em uma lanchonete e o rapaz era motoqueiro de uma empresa. Ela tinha muito medo quando ele voltava ao antigo bairro, cenário do homicídio e endereço anterior do casal, o receio aumentou quando engravidou e temia o fato do filho não poder conhecer o pai. Sua morte foi anunciada e o casal vivia sobre essa ameaça.

Como as famílias do casal moravam nesse “temido bairro” era inevitável o retorno a ele. Um dia enquanto estava no trabalho Marcela recebeu a notícia da morte do companheiro. Desesperada se dirigiu ao local do crime. O corpo ainda estava lá, exposto a todos. O rapaz foi baleado pelas costas, a vingança foi consumada. O autor dos disparos é conhecido dos moradores como um “gangueiro” e “drogueiro” que costumava causar desordem no bairro, mas como é

³⁰ Quando fui reler as primeiras entrevistas que fiz com Sabrina, encontrei o nome de Marcela. Naquela época, cerca de três anos atrás, Marcela era para Sabrina a amiga “certinha” com quem desabafava e confiava suas experiências. Realmente o destino é irônico, pois tempos depois colocou as amigas lado a lado dividindo a dor da perda do companheiro.

menor de idade foi detido para averiguações e posteriormente foi liberado por falta de provas. O caso nunca foi resolvido³¹.

Marcela voltou a morar na casa dos pais e lá teve sua filha no mês seguinte a morte do companheiro. Ele não conheceu a filha como temia a jovem. Nossas conversas se deram na garagem da casa, onde na parede está escrito o nome dela e do companheiro em volta de um coração, mania dos apaixonados. Enquanto conversávamos ela sempre ficava olhando para a parede, para aquele nome. A dor da perda era muito recente, a mais recente de todas as dores das jovens viúvas que conheci no percurso dessa pesquisa. Marcela tinha o olhar das decepções e do desgosto pela vida, assim me falou sobre sua vontade de morrer e do desinteresse em viver. Para a jovem, a filha significava um pedaço do amado que ela pode sentir, tocar, que ainda está ali ao seu alcance.

À vontade de morrer para reencontrar as pessoas também foi narrada por Sabrina, a amiga de Marcela. Ela perdeu primeiro o pai de seu primeiro filho, o ex-companheiro que a agredia, e afirma não ter sofrido com sua morte. Posteriormente, sua trajetória de vida colocou lado a lado *Eros*, o deus do amor e *Tanatos*, o deus da morte, pois veio a perda do companheiro com quem vivia. Sua tia, pessoa que conversava e a orientava, e a avó, que considerava como uma mãe, também faleceram em um curto período de tempo. Ela perdeu muito de si,

³¹ Em uma das minhas visitas a casa de Marcela ela me falou que o assassino do companheiro foi preso por assalto. A jovem soube através de um programa de televisão. Como já é maior de idade está detido na delegacia do bairro e a polícia abriu investigação sobre a suspeita de homicídio do companheiro de Marcela.

por isso, entende a sua morte como o momento do reencontro com essas pessoas que “já se foram” de forma repentina e sem que ela estivesse preparada para continuar vivendo.

Nesse sentido a solidão se manifesta de diversas maneiras. Ora pela perda de seus referenciais, ora por se considerar sozinha e desprotegida. Em todos esses momentos tanto Sabrina como Rafaela e as outras jovens viúvas pensaram que não suportariam, e que não iriam conseguir superar a dor e a ausência dessas pessoas. Para Elias (2001), quando o desejo de amor por uma outra pessoa é precocemente ferido e destruído, ela se sente incapaz de mais tarde dirigí-lo a outra pessoa sem experimentar os sentimentos aos quais este desejo a expôs. Assim, a solidão é um refúgio, uma forma das pessoas se protegerem de futuras dores provocadas pela possibilidade de reviver a dor da perda do amor.

Koury (2003) lembra que o sentimento de solidão desperta a melancolia no enlutado. É um sentimento para com o social e para consigo mesmo estimulado pelo momento de viver o luto:

O luto pessoal do sujeito que sofre uma perda, como conseqüência de sua subjetivação e falta de expressão no social, e pela ambivalência resultante na vergonha como individuação, a reprovação e o estranhamento público, constituem-se, enquanto tendência, em um delírio de expectativa. Como resultado, enfim, da não esperança e do sentimento de que algo iminente estivesse prestes a desabar sobre si (2003: 36).

É comum as jovens viúvas alegarem que o amor de hoje não é como o de outrora. Há uma idealização daquele tempo de amar provocado pela morte que impede o desfecho da história, pois a perda repentina impossibilita, é claro, o desenrolar do relacionamento que até então atravessava a etapa do encantamento. Para elas o que foi vivido ao lado desses rapazes representa o amor, a intensidade de um sentimento que só pode ser vivido uma vez, que não terá outro parecido. Com o passar do tempo, voltam a namorar outros rapazes, e afirmam que esses novos relacionamentos são com garotos sem envolvimento com atos criminosos. Além disso, não possuem também o mesmo entusiasmo e a intensidade se comparados com os passados, os amores perdidos e proibidos. Os relatos de Clara e Luíza são reveladores:

*Até hoje, eu ainda não arranjei uma pessoa que eu amasse. Às vezes quando eu brigo com o meu namorado, ele diz que não sabe como é que vive com uma mulher que ama um defunto. Ele sabe que eu ainda gosto dele (...) Quando é aniversário dele eu vou pro cemitério, dia dos pais eu vou pro cemitério... **(Clara, 24 anos)**.*

*A gente tinha planos de morar junto... a gente tinha muitos planos., e eu tenho certeza que... se ele não tivesse morrido eu tava com ele até hoje. Com certeza. **(Luíza, 19 anos)***

Assim, a lembrança de uma pessoa falecida está relacionada com o grau de satisfação que adotado as experiências vividas com ela. É no momento de viver o luto que o trabalho entre memória e esquecimento se inicia. Sanchez (1997) afirma que é esse o momento de seleção daquilo que deve ser lembrado para sempre e daquilo que será esquecido. Se as jovens viúvas consideram que ao lado dos companheiros falecidos viveram o tempo de amar é porque em suas memórias estão depositadas sensações de prazer, deleites de paixão.

Nesse processo de resgate do que não deve ser esquecido, as lembranças positivas constroem imagens idealizadas que valorizam o morto, enquanto que as negativas ganham outros significados. Geralmente, o morto deixa de ser uma pessoa comum e eleva-se a condição de “ídolo” ou de “herói”, assim suas qualidades e defeitos, acertos e erros se tornam virtudes excepcionais. Desse modo, resignifica-se a pessoa falecida da mesma forma que ressignificamos nossas próprias vidas, como afirma Sanchez (1997):

Ao ressignificar seu próprio passado, o indivíduo acaba por interpretar também os personagens que lá estavam presentes. Não só os fatos, mas também as relações sociais e as pessoas nelas implicadas, são constantemente reinterpretadas, tornando o pretérito sempre mais-do-que-perfeito (1997: 69)

Assim, as mortes dos companheiros que agrediam as jovens viúvas, aqueles que não guardam boas lembranças, não são percebidas como dolorosas e sofridas, pois já não eram mais pessoas e nem lembranças que valiam a pena

guardar. No caso de Rafaela ela não sofreu com a morte do namorado pois o desencanto da paixão, a idealização do amor já havia terminado. Eles não estavam mais juntos e ela pouco encontrava o rapaz:

Gosta dele eu não gostava muito não, e no dia que ele morreu. Eu não senti muito, só uma coisa ruim apertando dentro de mim. Nem chora eu num chorei. Só essa coisa ruim. Passou uns tempo aí e eu esqueci (...) Eu não senti muito a morte dele por causa que o sofrimento foi demais. Eu sofri muito na mão dele. E nem tava mais com ele porque ele tava preso. (...) Mais eu acho a morte uma coisa muito ruim, muito triste. (Rafaela, 21 anos).

Portanto o luto é, assim como a morte, uma prática social norteada por um amplo universo simbólico. É inegavelmente um ritual do sofrimento provocado pela perda inesperada, pela descrença em estar vivendo aquela situação. Como instância simultaneamente social e individual, entender o luto é compreender o significado da dor e o sofrimento dado pelos indivíduos e o seu lugar nos processos de interação social.

4.3. Saudade: o emblema da morte.

A lembrança do tempo de amar que foi finalizado de forma trágica e repentina é marcada por vários sentimentos. Essa ambivalência diz respeito tanto aos vários significados dados no momento de viver a morte como posteriormente, no tempo do luto. Esse é o momento de viver com as lembranças deixadas de uma época que não volta mais. Assim, a saudade acompanha a dor da perda, a solidão e todo

o sofrimento ocasionado pela morte de uma pessoa querida. Quanto maior a saudade, maior o amor por aquela pessoa que não se pode mais tocar, sentir, olhar.

Esse é o sentimento que fica e com o tempo aprende-se a viver com ele. Inicialmente se acredita que a dor é tão grande que nunca passará. À vontade de estar com aquela pessoa aumenta ainda mais. Com o tempo a dor diminui, mas nunca deixara de existir, e vez por outra é despertada pela lembrança. Quando se trata de uma saudade irremediável, provocada pela morte de uma pessoa, só resta como alternativa acreditar que através de sua própria morte a saudade será sanada, pois reencontraríamos novamente a pessoa amada.

Assim, a saudade qualifica socialmente as pessoas, os momentos, os lugares e as relações e pode ser analisada como uma categoria sociológica. Para DaMatta (1993) a existência social da saudade tratada por um viés ideológico e cultural possibilita a reflexão do sentido dado a determinadas experiências vividas pelos indivíduos. Se por um lado ela é uma experiência universal comum a todos os homens em sociedade, pois se vive à experiência da passagem, da duração, da demarcação e da consciência reflexiva do tempo, por outro lado, ela singulariza e especifica elementos que não estariam presentes em outras modalidades culturais de medir, sentir e classificar o tempo.

Portanto, a saudade como categoria social expressa uma concepção específica do tempo. Segundo DaMatta (1993):

... a saudade fala do tempo “por dentro”. Da temporalidade como experiência vivida e reversível que cristaliza uma dada qualidade. Assim, pela saudade, podemos invocar e dialogar com pedaços de tempo e assim, fazendo trazer os momentos especiais e desejados de volta. Por isso a saudade exprime igualmente como duração que pode ser (re) vivida e (re) experimentada generosa e positivamente. Com isso a saudade acena para uma percepção do tempo como experiência interna, dentro de uma hermenêutica socialmente balizada que passa de geração a geração (1993: 22).

Quando Clara narra as visitas que costuma fazer ao túmulo do ex-companheiro nota-se como esse ritual é para ela uma forma de mantê-lo vivo, de minimizar um pouco a saudade. Desse modo, do amor e da ausência nasce uma saudade que a jovem para suportá-la cria estratégias para continuar sobrevivendo. Ela acompanhou todo o processo de trato com o corpo do morto, o vestiu para o velório e zelou pelo corpo ficando ao lado do caixão durante toda a cerimônia. Apesar de seus olhos estarem comprovando aquele fato, Clara acha que nunca acreditara no ocorrido, nunca entendera porque sua história de amor teve um fim tão trágico:

Hoje em dia eu ainda sou inconformada porque como é que pode, meu Deus do céu! A gente vivia tão bem. Talvez se ele não tivesse morrido a gente já podia tá morando junto. (...) Pra mim ele não morreu. Eu chego lá no cemitério e falo: “Oi meu amor, cheguei!” Aí me sento lá no túmulo dele e converso as coisas que tá acontecendo comigo. Agora eu parei mais com isso porque eu

tô me acostumando, né, me acostumando a viver sem ele (Clara, 24 anos).

Tal é a concepção de tempo da saudade. Uma temporalidade que faz Clara aprender a viver sem o amado. É por isso que ele consola, por não ser marcado pelo relógio, por uma hora que não sabe ler a dor da saudade. Agindo como um bálsamo não possui um momento certo, contado, datado, ele apenas surge. O tempo de viver o luto contextualizado nos relatos das jovens viúvas transcorre em espaço caseiros, é um tempo que corre como lágrimas nos espaços mais íntimos da casa. Então é sobretudo intimidade, pois não engloba o tempo que DaMatta (1993) chamou de burguês, que pode ser comprado, vendido, esbanjado ou poupado, um tempo persuasivo ou coercitivo, mas que possui uma duração “poeticamente vivida e esteticamente apreendida”, sendo assim, bom ou mal, doce ou amargo, muito longo ou muito curto.

Sobre o tempo da periferia, onde a morte está inscrita no seu cotidiano, Sanchez (1997) afirma que:

O tempo da periferia não é o tempo previsível do relógio, do trabalho, ao contrário, é o tempo do possível, do acaso, do aleatório, do desemprego e, de alguma forma, também do ócio. É o tempo da doença e da morte, da dor, do sofrimento e da miséria. Paradoxalmente, esse é o tempo da vida e da experiência que Benjamin acreditava ter chegado ao fim (1997: 75).

Assim, se perpetua a saudade para as jovens viúvas, moradoras dos lugares periféricos de tempos multiformes. Lá a saudade pode ser trazida e levada, desaparece e aparece quando despertada pela memória. É o momento onde o passado facilmente se converte em presente, como indaga DaMatta (1993). Para o autor, é nesse espaço relacional produzido pelo tempo que se inscreve a saudade, pois nele as pessoas desaparecem mas as relações ficam³². Paradoxalmente permite transformar a perda em felicidade, pois demarca no presente um tempo que foi vivido, que aconteceu e foi fruto de um passado que existiu³³. A saudade possibilita a leitura da perda, da velhice, enfim da inexorável passagem do homem pelo tempo e da comunicação do passado com o presente.

Sobre essa comunicação entre mundos distintos, na concepção de DaMatta (1997) há que se pensar a sociedade brasileira sob uma lógica triangular, nesse sentido o autor compreende a cultura brasileira em três mundos: o da casa, da rua e do “outro mundo”. Para o autor, esse mundos não são simples espaços geográficos, mas conjuntos de valores e significados estipulados para cada um deles, que possuem, inclusive, um tempo próprio. Assim, o tempo da casa é cíclico prevalecendo relações de parentesco e amizade, o da rua é linear e marcado por regras impessoais, e por fim, o tempo do “outro mundo” é o tempo da eternidade. Esses mundos estão interligados e se complementam, podendo por

³² No ensaio “A morte e os mortos no Brasil”, publicado em *A casa e a rua*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, DaMatta diz que no Brasil, a morte mata, mas os mortos ficam. Desse modo compreendemos sua concepção relacional de entendimento dos fenômenos sociais.

³³ O que possibilita compreender a epígrafe do capítulo.

diversas vezes, se comunicarem uns com os outros, criando novas relações, sem estarem necessariamente pré-definidas.

Segundo DaMatta (1997), no “outro mundo” se localiza um plano onde tudo pode se encontrar e fazer sentido, pois representa a possibilidade de se concretizar tudo o que seria impossível no plano terreno. Então é lá o lugar da morte, de enfim, como já foi diversas vezes desejado e anunciado pelas narradoras desse estudo, o lugar de reencontrar as pessoas que já morreram. O “outro mundo” também é o lugar da esperança, da justiça e da igualdade, elementos capazes de fazer desse lugar, o lugar de amenizar o sofrimento, a dor da perda e a saudade deixada por aqueles que não vivem mais nesse mundo, o nosso mundo onde se vive o luto.

Assim, trilhando junto com Roberto DaMatta os caminhos percorridos por todos que participaram dessa viagem de pesquisa, como sugeriu o Professor Octavio Ianni, qual o lugar da casa e da rua para a vida das jovens viúvas? Além de se viver o luto na casa, qual os outros significados atribuídos a esse espaço? E quanto à rua? Como esses espaços são percebidos pelas jovens viúvas após terem vivenciado as experiências de mulher, mãe e viúva de chefes de gangues juvenis? Questões que serão desenvolvidas no último capítulo, o desembarque dessa estação.

Capítulo 5

Enigmas e revelações sobre a vida na casa e a vida na rua.

*Casa é canto, é quarto, sala,
É conta no fim do mês,
É paz no fim do dia.
É porto, é pai, mãe, irmão,
cachorro, amigo, vizinho.
É briga, bagunça, birra,
Manha, carinho, vizinho.
Casa é abrigo, morada,
É peito aberto e mão na cabeça.
Casa é ter tudo isso
e ainda assim, de vez enquanto,
sentir-se estrangeiro.
CLARISSA TAVARES.*

Diante de tudo que já foi dito sobre as formas de viver das jovens viúvas e sobre os significados que dão às suas experiências de vida, resta por fim

compreender as formas de interação social vivenciada nos lugares públicos e nos lugares privados, ou melhor, na casa e na rua como sugere Roberto DaMatta (1997). Nesse sentido, a orientação inicial dada pelo autor é que “casa” e “rua” não são apenas espaços geográficos ou lugares físicos comensuráveis, mas “entidades morais”, “esferas da ação social”, “domínios culturais institucionalizados” capazes de despertar leis, imagens, emoções que apesar de possuírem suas diferenciações são, ao mesmo tempo, “codificações complementares”.

São lugares diferentes quando adotam funções e posições próprias. A vida na casa é marcada pela moralidade, pela familiaridade, é o lugar doméstico por excelência, mediada por ordens hierárquicas. Em casa as jovens viúvas são as filhas e por isto devem obediência e respeito a seus pais, posteriormente quando voltam na posição de mãe, assumem um comportamento voltado ao ideário materno, ou seja, a mãe zelosa que deve ficar em casa cuidando da criação dos filhos. Na rua também desempenham papéis específicos pois são as “mulheres do chefe”, e como já foi dito, sua postura deve ser voltada para a hombridade e a decência, afinal sua honra e a do chefe da gangue estarão constantemente colocadas à prova.

Mas antes dessa posição viveram experiências impossíveis de serem experimentadas na esfera doméstica, do lar, da casa. Conheceram as gangues e as drogas, viveram o que denominaram como grandes histórias de amor, além de

algumas desilusões, seguiram e contrariaram regras, tudo em novo da euforia desencadeada por viver uma situação nova, diferente, “emocionante”. Até que um dia elas são surpreendidas pela experiência com a morte, a perda de uma pessoa querida com quem dividiam esses novos momentos, bem como os sonhos e as aspirações futuras. Agora elas retornam para casa como uma nova bagagem de experiência acumulada, chocando e comunicando o mundo da casa com o mundo da rua.

Então quais os significados que dão a esses lugares? Qual a representação que dão a casa quando são “as filhas”? E quando retornam como “as mães e viúvas”? E a rua? Como compreendem esse lugar? Qual o significado construído as experiências vividas na rua quando estão na casa?

5.1. Invisibilidade *versus* visibilidade: a vida na casa.

Para entender os código de valores que regem as narrativas das jovens viúvas é necessário situar esse grupo dentro dos contextos onde experimentaram as diversas experiências de vida. Nesse sentido, a casa é inicialmente o lugar onde elas se encontram ao lado de suas famílias e onde ocupam a função de filhas. Seus relatos evidenciam que esses lugares são marcados pela autoridade familiar, pela obediência e respeito aos pais. Era o momento de ter suas vontades controladas e vigiadas, o que posteriormente as levam em busca de uma pseudo-liberdade vinculada a rua.

As jovens viúvas são provenientes de famílias basicamente nucleares. São compostas por um pai, uma mãe, irmãos e irmãs. Das sete jovens apenas duas não foram criadas tendo uma figura paterna e apenas uma é filha única. Então não podemos de forma nenhuma pensar que elas foram criadas a “solta” ou que vieram de famílias classificadas pelo senso comum como “desestruturadas”, mesmo porque são conceitos vagos que denotam apenas marcas estigmatizantes. Elas são pessoas que apesar do cotidiano miserável, onde lhes faltavam quase tudo, não culpam a falta de orientação familiar pelo fato de terem se relacionado com garotos envolvidos em gangues juvenis.

Para Elisa, a orientação familiar é imprescindível para evitar que os jovens se envolvam em atos criminosos:

*Eu acho que eles se metem muito assim, com a violência porque às vezes não tem uma orientação da mãe e do pai, né. É um filho ‘desbundado’, sei não! Só entra dentro de casa só pra merendar, ou só pra almoçar e sai de novo. (...) É que o pai nem a mãe não tem moral, porque a pessoa pra ter moral não precisa bater, precisa ter moral e não bater, porque bater a pessoa fica mais safada ainda batendo. Eu acho que tem desses que não querem conselho de mãe, acha que tudo é brincadeira, e que querem ir pro mal, e acha que a mãe fica inventando mil coisas, né (**Elisa, 20 anos**).*

Esse relato evidencia a autoridade familiar como um elemento que pode ter bastante eficácia na criação dos filhos. É comum no cotidiano dos bairros pobres a

vizinhança desempenhar um papel de “parceira” no momento de criação dos filhos³⁴, tendo em vista que, lá os laços de solidariedade são muito fortes e as dimensões entre o que é público e o que é privado são muito pequenas. Assim, os pais que trabalham fora acreditam que seus filhos estarão sendo cuidados e vigiados. Mas essa “ausência” pode levar a uma falta de controle sobre o comportamento dessas crianças e jovens que ficam sujeitos as experiências da rua, que às vezes podem ser “perigosas”. Esse foi o caso de Elisa que sempre teve pais “ausentes” por estarem trabalhando. Assim, ela pode fazer o que quis, sem que houvesse ordens ou empecilhos, apesar de considerar que recebia de sua mãe conselhos para não se envolver com os “garotos perigosos” do bairro. Mas na realidade sua família sabia pouco sobre a vida que a jovem levava fora de casa.

Elisa disse que sempre trabalhou fora para ajudar nas despesas domésticas, já que possui uma família numerosa, e conseguiu completar os estudos. Ela mora com os pais e com quatro irmãos e a filha caçula. Tem uma outra filha que mora com a família do companheiro falecido. Ele era integrante de uma gangue do bairro e, segundo afirma, era também o chefe dessa gangue. O rapaz teve um ataque cardíaco dentro de um ônibus e o laudo médico constatou que foi provocado pelo uso de drogas. Elisa afirmou que ele era “muito doido” e ao lado dele também pode experimentar diversos tipos de drogas.

³⁴ Diferente da prática das classes ricas e médias que podem contratar empregados ou matricularem os filhos em tempo integral nas escolas, evitando que eles fiquem expostos aos “perigos” da rua ou longe de olhares vigilante capazes de controlar seus comportamentos.

Com o seu falecimento a família do rapaz considerou que Elisa não era capaz de criar uma criança e entrou na justiça para conseguir a guarda da menina. Eles ganharam e hoje ela enfrenta dificuldades para visitar a filha. Elisa disse que sofreu muito com a perda do companheiro e demorou um tempo para namorar outro rapaz. Esse novo relacionamento foi com o pai de sua segunda filha, outro integrante de gangue. O tempo do namoro foi curto e logo o casal se separou, mas hoje o rapaz costuma com frequência visitar a menina, além de ajudar nas despesas de sua criação. Elisa continua trabalhando e disse não andar mais com a mesma turma. A empolgação da adolescente passou, suas aspirações e valores são outros, e hoje, seu lugar é a casa.

Para DaMatta (1997):

na rua podem-se admitir contradições próprias deste espaço. Mas na casa as contradições devem ser banidas, sob pena de causarem um intolerável mal-estar. Afinal de contas, a casa não admite contradições, se essas contradições não podem ser imediatamente postas em ordem: em hierarquia ou gradação. A equivalência entre sentimentos ou moralidades, comuns a rua, é perigosa em casa (1997:56).

Nesse sentido, a casa é o lugar dos olhares vigilantes da família, que cobra uma obediência e tenta impedir possíveis desordens. Mas à vontade de conhecer o outro lado da vida, a que se dá na rua, termina minando essa possibilidade de ordenamento e trás o conflito para a casa, pois o jovem curioso vai lutar para

enfim, experimentar os enigmas reservados ao lugar “perigoso” da rua. Na adolescência a autoridade familiar perde a sua força e o jovem sai em busca do mundo público, ele quer se fazer visível e delimitar o seu espaço, construindo marcas e alardeando seus anseios.

Assim, a calma da casa é substituída pelo movimento da rua, como indica DaMatta (1997):

se a casa distingue esse espaço de calma e repouso, recuperação e hospitalidade, enfim, de tudo aquilo que define a nossa idéia de “amor”, “carinho” e “calor humano”, a rua é um espaço definido precisamente ao inverso. Terra que pertence ao “governo” ou ao “povo” e que está sempre repleta de fluidez e movimento. A rua é um local perigoso (1997:57).

Inicialmente em casa elas são as filhas, mas na rua a função da mulher do chefe denota uma outra postura. É lá que seus relatos são mais extensos e norteados pela emoção e empolgação que a invisibilidade da casa ofusca. De qualquer forma a casa sempre vai representar para essas jovens o lugar do repouso, do descanso, e vez por outra elas desejarão isso. Idas e vindas marcaram a vida das jovens viúvas a casa, a suas moradas, ao lugar onde um dia o cuidado da família vai ser avaliado de outra forma, com outro significado, que só será percebido após a ida a rua, após as experiências vividas nesse lugar até então desconhecido.

5.2. A rua: signos da vida pública.

A relação que as jovens viúvas tem com os espaços públicos é colocado por elas como sendo o lugar da liberdade. É na rua, com os amigos e vivendo outras experiências que o sentimento de liberdade, de poder fazer tudo é aflorado. Quando os jovens deixam de ser observados pelos olhares vigilantes dos familiares, que se encontram na casa, descobrem a riqueza do universo de experiências a serem vividas nos espaços públicos.

É lá que estão os namoros, as gangues, as drogas, as festas e toda uma gama de vivências, até então ignoradas, em virtude da restrição de suas presenças aos espaços privados. A partir de agora as jovens viúvas estão dispostas a arriscarem. A experimentarem as aventuras e desventuras da vida pública, pois agora não são mais crianças nem filhas, e como se tornam mulheres dos chefes das gangues, seus papéis sociais são diferentes dos até então experimentados nos foros íntimos.

Nos relatos de suas histórias sobressaem as situações que viveram fora de casa, ao lado de seus companheiros falecidos, os momentos do tempo de amar e dos encontros e experiências com os grupos de jovens. Elas consideram que nesses instantes estavam “curtindo” a vida, Isto é, estavam saindo com amigos, namorando rapazes e experimentando vários tipos de drogas. Como se curtir ou viver só fosse possível na rua, pois agora, as jovens tornaram-se presentes, suas

histórias são públicas e sua visibilidade foi evidenciada. A narrativa de Renata evidencia a busca pela liberdade proporcionada pela vida na rua:

Pra mim naquele tempo ter liberdade era poder sair, era poder ir pra festa, era poder curtir... fazer o quê eu quisesse. Eu queria naquele tempo mandar em mim, ser dona do meu nariz, e eu não era. Hoje em dia eu posso dizer que eu sou dona do meu nariz, e eu não faço questão de levar a vida que eu levava (Renata, 22 anos).

Esse relato aponta os significados atribuídos a esfera pública como o lugar da festa, da liberdade, de poder fazer tudo o que se quer sem seguir regras ou normas. Ignorando os olhares condenadores de quem quer que possa emití-los. Aqui a intenção é experimentar as sensações nunca permitidas pela delimitação física e moral dos lugares privados. Renata busca na rua o que a casa é incapaz de oferecer. Mas esses significados são revistos quando a experiência na rua é marcada pela dor, pela tristeza de ter que retornar a casa por causa da trágica perda do companheiro, sem que ela pudesse decidir a hora certa de voltar. A decisão ficou a cargo do destino que as levaram de volta ou por causa da maternidade ou por causa da viuvez.

Se por um lado à rua pode ser excitante por proporcionar independência e autonomia a atuação das jovens viúvas, por outro, é o lugar onde elas vivenciam a morte dos companheiros, o lugar onde findou-se suas histórias de amor. Então a rua representa a euforia, mas também a desilusão, e assim, apresenta-se como

palco das experiências inusitadas, que não são comuns, mas são diferentes do que a pseudo-segurança da casa³⁵ possibilita. Assim como a casa, a rua também produz múltiplos significados que variam de acordo com o momento vivenciado pelas jovens viúvas.

Para Hannah Arendt (2001), é na esfera pública que os indivíduos podem sobressair-se e distinguir-se das demais. A autora identifica a esfera pública como o *locus* do mundo comum, onde os sujeitos constroem os sentidos e os objetos são percebidos por pontos de vista diferentes e fruto da intersubjetividade dos indivíduos:

Toda atividade realizada em público pode atingir uma excelência jamais igualada na intimidade; para a excelência por definição, há sempre a necessidade da presença de outros, e essa presença requer um público formal, constituído pelos pares do indivíduo; não pode ser a presença fortuita e familiar de seus iguais ou inferiores. (2001: 58).

Nesse sentido, o valor dado às experiências do público só pode ser considerado em comparação com as experiências do privado. Assim, pelo fato das jovens viúvas estarem em situação de vigilância familiar, desempenhando uma função inferior na escala hierárquica da família – o de filha – e atuando

³⁵ A casa representa segurança quando a intenção é encontrar o amparo da família, como no caso das jovens viúvas que terminam construindo essas representações. Mas sabemos que para muitas crianças e jovens ela pode representar o contrário: o lugar da violência, do medo e da dor. A violência doméstica, apesar de ser uma prática silenciosa, é uma realidade que se transfigura de acordo com a época e atinge muitas crianças e adolescentes.

apenas para essa platéia, o lugar público torna-se o ícone da liberdade e aparição. Quando elas saem desses espaços passam a desempenhar novos papéis e a assumirem novas funções. Continuam vigiadas, mas por uma outra platéia, que inicialmente não incomoda: a vizinhança.

Doravante são as mulheres dos chefes das gangues e as mães de seus “herdeiros”, e isso requer um papel específico. A mulher do chefe não se droga, não briga, tem que construir uma imagem de honestidade e decência, além de ter que cuidar do seu homem quando ele se mete em confusão. Quando engravida volta para casa para cuidar do filho. Elas alegam que os rapazes envolvidos com atos criminosos e ilegais preferem as mulheres que possam “salvá-los”. Essa afirmação é expressa pela postura de hombridade e respeito que assumem, sobretudo na esfera pública. Sua dignidade é testada a todo o momento, não só pelos outros integrantes das gangues, que devem respeitar a mulher do chefe, como também perante os vizinhos e os demais moradores do bairro.

Não se pode negar que a opinião dos outros constrange e incomoda, principalmente, quando são impressões negativas e capazes de provocar atitudes de preconceito por parte das pessoas que convivem, bem como, do restante da sociedade. Como essas garotas sempre moraram no mesmo bairro, os vizinhos são seus “biógrafos” mais perspicazes. Falar sobre a convivência no lugar onde moram é um ponto que as deixam desconfortáveis. Posso dizer que todas, uma hora ou outra, são julgadas e condenadas pela conduta que tiveram no passado.

Seus vizinhos – os biógrafos – são os principais julgadores, pois fazem parte do convívio diário das jovens viúvas.

Sou testemunha das classificações depreciativas quando estou em campo, pois quando anuncio que procuro por jovens que tiveram filhos com rapazes que morreram devido seus envolvimento em situações de violência, percebo o desdenho com que as jovens viúvas são tratadas. Não só os moradores de seu bairro, mas pessoas que não compreendem a forma de viver perigosamente do qual os jovens pobres estão expostos, então é mais fácil discriminar e classificar essas garotas pejorativamente. As jovens viúvas sabem que carregam marcas estigmatizadas, algumas vezes elas mesmas se autoperceberem dessa forma, outras vezes buscam incessantemente desfazê-las.

Sabrina fala do incomodo que sente com relação à imagem que a vizinhança construiu a seu respeito. Essa imagem é estigmatizada pelo fato dela ter tido dois relacionamentos com rapazes integrantes de gangues que morreram. Como se a primeira experiência fosse determinante para evitar a segunda. Como se ela pudesse prever seu destino:

Eu queria que as pessoas soubessem, que elas compreendessem e soubessem que eu não era uma pessoa que elas pensam, assim... assim... vamos dizer, assim igual, ah, sei lá. (...) Eu queria que elas me isolassem, sei lá isolassem o meu nome, que pra elas eu fosse uma estranha, tá entendendo. Pelo simples fato que não tem nada a ver a pessoa se meter na vida

da outra, cada uma tem sua vida. Ninguém deve dá obstáculo na vida de ninguém não, porque, principalmente pessoa que tem filho, em vez da mãe pagar, quem paga é os filho, só cai pra cima dos filho, que não tem nada a ver, né! Caí pra cima da mãe, mas o pior parte cai pros filho (Sabrina,24 anos).

Um dos elementos de construção das imagens estigmatizadas das jovens viúvas por parte da vizinhança é a fofoca. É através dela que se informa sobre a reputação de um determinado indivíduo, contribuindo ou prejudicando a imagem pública. A fofoca é um relato real ou imaginário, de longo poder de alcance e de pouca profundidade investigativa, sobre o comportamento de uma pessoa. Para Fonseca (2000), a fofoca usada contra os fortes é uma arma de manipulação e de proteção; usada por fracos contra fracos, ela se torna um instrumento de ataque. Pode também ser compreendida como uma força niveladora, sobretudo, como um instrumento utilizado por aqueles que se sentem inferiores e que só podem elevar seu *status* rebaixando o dos outros. É uma arma das pessoas que têm medo de ser inferiores, não das que querem ser superiores, segundo a autora.

Nesse sentido, a fofoca comprometer a sensação de liberdade tão procurada pelas jovens viúvas, pois as outras pessoas passam a avaliá-las de forma depreciativa, estigmatizadora., e isso incomoda. Suas marcas ficam lavradas, por onde quer que elas passem. E essa marca é comunicada pela fofoca que discrimina, ataca e pode prejudicar. Para Goffman (1988), a discriminação é uma das atitudes que temos com os sujeitos estigmatizados. Os padrões

incorporados pela sociedade dos normais³⁶ fazem com que ele intimamente perceba-se como indivíduo abaixo do que realmente poderia ser, sendo portanto, sujeitos inferiorizados.

Portanto, a narrativa de Renata mostra o incomodo com relação à imagem estigmatizada construída pelas outras pessoas:

Hoje em dia, eu não procuro nem saber o que as pessoas falam de mim. Eu tenho certeza que tem gente que ainda acha que eu uso drogas, mas eu não estou nem aí, sabe! (...) Se você tiver muito bem, as pessoas nem ligam, nem ligam que você existe. Só se for pra ter inveja. Mas se você tiver mal, elas fazem questão de tá ali, de camarote, assistindo tudo (...) Eu nunca deixei a escola. Apesar de tudo, eu era sempre a melhor aluna. E as pessoas dizem: “Como é que pode !?” (Renata, 22 anos).

Portanto, é notório nos relatos das jovens viúvas a preocupação em construírem imagens positivas de si, lutando contra as imagens construídas pelos outros. Nesse sentido, algumas negam a participação em gangues, o uso de drogas e a prática de atitudes criminosas. Negam com medo de reafirmarem o que o senso comum (e os fofoqueiros) atesta a todo instante, que elas realmente são as meninas “doidinhas” e “danadas”, que provocam os comentários e as classificações depreciativas. Negar possibilita compreender a dimensão da honra e da dignidade que lutam para manter, onde qualquer desvio pode comprometer a construção positiva de suas imagens.

³⁶ Para Goffman o sujeito definido como normal é exatamente o oposto do sujeito estigmatizado. O ser humano normal não carrega nenhum traço que pode diferencia-lo dos demais.

O fato de terem se relacionado com garotos com envolvimento em situações de violência não os levam necessariamente a seguirem o mesmo caminho. Se fosse assim, então reafirmaríamos uma tendência do imaginário coletivo onde toda pessoa pobre está destinada a um destino de contravenções, o que é a todo tempo negado nesse estudo. Algumas jovens eram consumidoras de drogas, outras não; algumas participavam das gangues, outras não. Nesse sentido, não podemos generalizar uma prática comum. A questão é perceber que a negação de atos que possam comprometer suas imagens é desencadeada pela necessidade de construções positivas, dignas e decentes por parte das jovens viúvas.

Portanto, os enigmas e as revelações constituintes dos espaços de sociabilidade das jovens viúvas afirma a constatação de DaMatta (1997), onde na sociedade brasileira a oposição casa/rua é uma oposição que não tem nada de estática e absoluta³⁷. Situações comumente estabelecidas a esses espaços são comunicáveis e podem se encontrar no outro. Sendo assim, em casa o comportamento das jovens viúvas é vigiado pela família, o que as levam a crer que na rua encontrariam a liberdade. Mas quando lá estão se deparam com uma outra forma de vigiar: a dos vizinhos, que passam a transmitir informações sobre seus comportamentos por meio da fofoca.

³⁷ Jovens integrantes de grupos estipulam a lugares públicos, localizados na rua, uma noção de familiaridade e individualidade que podem ser comumente estabelecidos a casa. Exemplo disso são as praças, shoppings e festas onde eles delimitam como seus lugares e adotam como suas casas.

Mas a passagem da casa para a rua põe em contato não só dois mundos, como também duas temporalidades, como sugere DaMatta (1997). O tempo da casa é um tempo cíclico que se reproduz todas as vezes que alguém deixa a casa. A cada momento que retornarem a casa, as jovens viúvas irão trazer novas experiências que passam a resignificarem esse lugar. Experiências resignificadas quando em contato com as trazidas da rua. Na rua o tempo é linear e produz uma temporalidade impessoal que pode não dar nenhum direito a saudade ou a reversibilidade plena. O tempo da rua com seus movimentos desordenados, fugazes, instáveis é um tempo imoral de mudanças...

5.3. Resignificando os espaços: à volta para casa e o retorno à rua.

Portanto, é necessário perceber os novos significados dados aos espaços públicos e privados na vida das jovens viúvas ou a resignificação desses espaços. Inicialmente, a casa é o lugar onde as pessoas vivem até terem uma certa maturidade ou vontade de vivenciarem as experiências da vida na rua, ícone do lugar público. No caso específico das jovens viúvas, a casa foi substituída pela rua no momento de entrosamento com outros grupos de jovens. A rua tornou-se sinônimo de novas experiências, e até mesmo, de contravenções, onde as jovens, de certa forma, saíram do anonimato e dos olhares vigilantes da família. Com a maternidade, e posteriormente, a perda dos companheiros, as jovens viúvas retornaram a casa, mas agora com outra bagagem de experiências vividas acumuladas.

Marcela fala sobre a opção que fez pela casa em decorrência das classificações depreciativas dadas pela vizinhança. Agora a opinião dos outros incomoda e envergonha:

Eu só sei que vou ter que carregar pra sempre essa idéia que as pessoas tem de mim. Eu posso esquecer, mas as pessoas não esquecem não. Onde eu passo as pessoas, nem todas as pessoas, mas tem umas que ficam falando as coisas. Que eu fui isso e aquilo outro, aí começa a me discriminar. Sinto uma coisa tão ruim quando eu passo e as pessoas falam. Então agora, eu não saio mais de casa. Quando saio, as pessoas: “Olha essa menina foi isso, essa menina foi aquilo.” Aí começam a falar de mim (Marcela, 20 anos).

Então, os indivíduos sentem vergonha e ficam embaraçados quando seus comportamentos não condizem com os padrões sociais. Para Elias (1992), a vergonha e o embaraço são controladores da economia de pulsões. A pessoa que sente vergonha fez ou fará algo que entra em choque com pessoas a quem está ligada ou com o setor de sua consciência que controla a si mesma. Não é apenas um choque com a opinião social prevalecente, é um conflito com a parte de si que representa essa opinião, com a sua própria personalidade. O indivíduo teme perder o amor e o respeito dos demais.

Além, o embaraço, segundo Elias (1994), é a contrapartida da vergonha. Ele ocorre quando algo fora do indivíduo invade sua zona de perigo previamente

investida de medo pelo ambiente, até que esse medo se reproduza automaticamente em determinadas ocasiões. Para o autor, o embaraço é a ansiedade que surge quando outra pessoa ameaça ou ignora as proibições da sociedade representadas pelo próprio superego da pessoa. Assim, motivadas pelo constrangimento causado pelas classificações dos demais, as jovens viúvas, envergonhadas, “se refugiam” em suas moradas, na casa, o lugar onde pensam que estão protegidas. A invisibilidade passa a ser desejada.

A nova realidade marcada pela ascensão dos espaços privados impossibilita que os outros vejam as jovens viúvas. O anseio anterior em se fazer vista é substituído pelo novo desejo em resguardar-se a privacidade do lar, devido inicialmente, aos cuidados que passam a ter com os filhos e posteriormente, a necessidade de se ter um lugar reservado para suportar a ausência dos companheiros, o lugar do sofrer, além de se resguardarem das fofocas da vizinhança. A maternidade e a “viuvez”, além de atribuírem novos valores e visões de mundo para as jovens acarreta também na resignificação dos espaços públicos e privados.

Segundo Hannah Arendt (2001):

... os homens tornam-se seres inteiramente privados, isto é privado de ver e ouvir os outros e privados de ser vistos e ouvidos por eles. São todos prisioneiros da subjetividade de sua própria existência singular, que continua a ser singular ainda que a mesma experiência seja multiplicada inúmeras vezes. O mundo

comum acaba quando é visto somente sob um aspecto e só permite uma perspectiva (2001:68).

Então para Arendt (2001), a esfera privada é o local da subjetividade de cada um. O indivíduo está privado de compartilhar a pluralidade de pontos de vista, onde os interesses deixam de ser coletivos e revelam-se individuais. Esse aprisionamento subjetivo revela as ausências dos outros como co-produtores de intersubjetividade. Para a autora, Viver de forma inteiramente privada, significa, acima de tudo, ser destituídos de coisas essenciais a vida humana. O que quer que se faça permanece sem importância ou consequência para os outros, e o que tem importância para ele é desprovido de interesse para os outros.

Assim, o reencontro com a intimidade e a privacidade torna-se torturante e sofrido para as jovens viúvas. Estar sozinha significa não ter mais com quem compartilhar seus sonhos e projetos para o futuro. De certa forma, o futuro não existe mais, pois não se tem com quem planejá-lo. O que lhes restam são as ocupações cotidianas representadas, principalmente, pelo o cuidado com a criação dos filhos – reforçando o imaginário coletivo de que é responsabilidade da mulher os afazeres domésticos. Não raro, sua função na família desloca da posição de filha para a de mãe, que de certa forma, podem ser consideradas similares, no sentido de prevalecer seu caráter familiar e privado em oposição ao libertário e público.

Rafaela, a jovem que perdeu o companheiro a menos de um ano, simboliza a desilusão provocada no momento de viver o luto, o momento de ficar em casa. A rua hoje é o lugar do trabalho:

*Eu não gosto mais de sair não. Eu nem gostava tanto antes, só ia porque ele ia pras festas. Eu só quero é ficar em casa com a minha filha. Porque também o trabalho cansa muito e eu chego em casa e só penso em ficar em casa. As meninas até me chamam pra sair, mas eu não vou não, sei lá... não tem mais graça (**Rafaela, 21 anos**).*

Então o caminho feito pelas jovens viúvas, que saem dos espaços da casa no início da juventude para vivenciarem novas experiências na rua com grupos também juvenis, retornando a esfera privada em decorrência das experiências com a maternidade e com o luto, é trilhado mais uma vez em direção as esferas públicas. É claro que os processos e lugares de sociabilidade são constantemente visitados, e por isso constantemente as pessoas farão os percursos de idas e vindas a esses espaços.

As jovens viúvas não são prisioneiras das esferas privadas por causa das difíceis experiências vivenciadas. Mas quando e como elas reaparecem novamente ao mundo comum? São essencialmente por dois motivos: o mercado de trabalho e os novos relacionamentos. O desejo em encontrar um emprego para poder ajudar nas despesas da casa e na criação dos filhos revela as novas aspirações e os valores que norteiam atualmente suas vidas. Há uma clara

preocupação com seu futuro e o de seus filhos, principalmente para livrá-los da presença de “más companhias” do bairro, sendo o emprego uma solução possível para a melhoria da renda familiar. Assim, à vontade de se mudarem dos bairros pobres e perigosos e o investimento na educação dos filhos, tirando-os das escolas públicas, que consideram impróprias, ficaria mais fácil de acontecer.

Quando aos novos relacionamentos, com exceção de uma, todas possuem novos companheiros. Algumas já tiveram outros filhos com eles, outras ainda não. As jovens viúvas são incisivas em dizer que esses novos companheiros não possuem, nem nunca tiveram nenhum tipo de envolvimento com situações de violência. Apesar de serem moradores de seus bairros, o que poderia pressupor, segundo seus próprios depoimentos, uma vulnerabilidade maior de entrada no mundo do crime do que outros jovens moradores de bairros menos perigosos. Mas devemos levar em consideração, segundo seus relatos, que o interesse anterior por rapazes integrantes de gangues era motivado por causa da imaturidade decorrente da pouca idade que tinham na época. Hoje suas aspirações são outras, seus caminhos voltaram a ser refeitos e novos sonhos passaram a ser construídos após a experiência com o luto vivido nos espaços doméstico do lar.

Assim, a imagem de sujeitos “desviante³⁸” ou “outsider³⁹”, formulada pelos outros, é refeita por um perfil de mãe zelosa e protetora ou de viúva honesta que

³⁸ Ver definições de Helena Abramo (1994) e Janice Caiafa (1989)

foi construída no tempo do luto e do retorno a esfera privada. Como as pessoas para lembrar precisam esquecer, é nesse momento de esquecimento que suas imagens são redimidas perante a vizinhança. A invisibilidade da casa impede que elas sejam os alvos das fofocas. Tudo isso se dá pela experiência vivida no retorno aos foros íntimos, anterior ao regresso ao mundo comum. Um dia elas voltam, muitas já voltaram. Agora elas são “boas meninas” e namoram com “rapazes trabalhadores”.

³⁹ Ver definições de Norbert Elias (2000) e trabalhos de Howard Becker que também utilizou essa categoria para definir grupos juvenis que são estigmatizados.

Considerações Finais

*Sem sair do lugar, pode-se viajar longe,
no tempo e no espaço,
na memória e na história,
no pretérito e no futuro,
na realidade e na utopia.
E são muitos os que mergulham em si mesmos,
como em uma travessia sem fim,
podendo ser tranqüila ou alucinada,
deslumbrante ou desesperada.*
OCTAVIO IANNI

É sempre difícil concluir um trabalho. Finalizar, por si só, denota uma espécie de perda de um pedaço de nós. Quando estava escrevendo o 4º. Capítulo, logo o capítulo sobre a morte, fiquei aflita e angustiada, pois sabia que estava me despedindo de um momento da minha vida que nos últimos anos havia tomado um lugar de destaque. E agora? O que fazer com o que havia investigado sobre as formas de viver, ou melhor, sobre a vida de um grupo de jovens pobres da cidade de Fortaleza. Reafirmo o que foi dito na introdução desse trabalho: penso que a postura ética a ser tomada por um cientista social está sempre embuida de uma responsabilidade, de um comprometimento com mudanças sociais, pois somos sujeitos que experimentam a sociedade.

Sendo assim, discutir questões que envolvem as jovens viúvas vai além de desvendar seus perfis, nos levam a alcançar o contexto onde elas estão inseridas, permeados por fenômenos de violência dos mais diversos. Suas trajetórias são marcadas desde a precariedade de acesso aos serviços públicos ou pela ineficiência ou ausência de políticas até por um cotidiano onde aparentemente a vida se banalizou e a morte perdeu sua conotação trágica, tornando-se um espetáculo. Diante disso, faço considerações finais ao invés de conclusões que permite apontar aspectos que sejam relevantes e significativos para se compreender os desafios e dilemas que marcam o cotidiano onde estas jovens estão inscritos.

Em primeiro lugar, o que foi bastante enfatizado nas narrativas das jovens viúvas e que marcaram seus relatos foi a construção positiva que possuem, de modo geral, sobre suas vidas e as dos garotos que partiram. Esse dado contrapõem-se com a imagem estigmatizada comumente atribuídas a elas pelos outros integrantes da comunidade onde vivem ou viveram. Elas querem ser reconhecidas como mulheres fortes e guerreiras, que enfrentam os obstáculos de suas histórias de vida com força e coragem. Elas consideram as experiências vividas como lições que resignificaram os sentidos que até então elas atribuíram as suas trajetórias. As jovens aqui reveladas não classificam os percursos que seguiram como vexatórios e vergonhosos, pois essas são as classificações construídas pelo senso comum, pela vizinhança, que acompanharam as suas trajetórias e se atestam como seus biógrafos mais perspicazes. O fato delas não

terem mudado dos bairros e comunidades onde viveram com os namorados e companheiros também contribuem para essas construções estigmatizadas.

A relação com a vizinhança está associada à imagem que as jovens têm quando estão nas ruas, os lugares públicos de visibilidade latente, sendo as namoradas dos integrantes de gangues e grupos. Se para elas hoje a rua passa a ser menos frequentada, diferente de outros tempos, é porque os olhares e juízos diversos as incomodam, Hoje elas se sentem perturbadas com isso, sendo assim, a invisibilidade da casa é uma aliada e representa refúgio e proteção. É por isso que o imaginário coletivo tem mais confiança e respeito as meninas tidas como “caseiras” do que as “arruaceiras”. Então, a casa é um elemento de reconstrução e de positividade para as identidades.

Outro ponto relevante em seus relatos é o desejo que elas possuem de mudar do lugar onde moram. Agora que são mães, elas consideram que os bairros são perigosos e também querem proporcionar um “destino melhor” para elas e seus filhos. Essa melhoria condiz, principalmente, com uma forma de evitar que seus filhos se envolvam com garotos que integram um “mundo marginal”. Para elas os grupos de amigos podem influenciar nos destinos de seus filhos, e tiram esta constatação de suas próprias histórias de vida. Para as jovens viúvas, as crianças e adolescentes que tem apenas esses referenciais, terminam considerando como “normal” este forma de viver perigosamente.

As jovens viúvas temem que seus filhos experimentem aquilo que classificaram como uma trajetória de sofrimentos. Nesse sentido, compreendem que as

situações que viveram podem ser usadas como lições, como uma forma de educar os filhos e tentar livrá-los dos percursos sinuosos que possam levá-los a uma vida perigosa e sofrida. Assim, como a de seus pais. No atual cenário cotidiano, o que todas as estatísticas e notícias anunciam é que as pessoas que mais sofrem com as situações de violência são exatamente, as mulheres, as crianças e os mais pobres. Diante disso, é importante analisar não só as formas contínuas e recorrentes de situações de violência, mas também as inflexões e rupturas que esses fenômenos podem gerar. Estamos diante de questões que possuem e forte apelo emocional, que compreendem vítimas diretas, além de um grande contingente de vítimas indiretas.

Há uma tendência em anunciar o grupo das jovens viúvas, que são tantas espalhadas por este país e pelo mundo, como personagens coadjuvantes, assim, um tanto invisíveis. Mas elas são protagonistas, sobretudo de suas histórias. Se inscrevem, como aponta Agnes Heller, como “fazedoras de seus destinos” em histórias sobre as diversas situações de violência das quais os jovens estão sujeitos. Ora sendo as “mulheres dos chefes” ora como as “jovens viúvas”, elas desempenham papéis relevantes e específicos. Se firmam como indivíduos que produzem e reproduzem significados e valores sobre a vida social, principalmente no que diz respeito a compreensão de maternidade, viuvez, comportamento feminino, sobre as ocupações dos espaços públicos e privados e sobre as emoções que são despertadas e que guiam os comportamentos sociais.

Minha intenção nesse estudo foi a de viajar até lugares desconhecidos da minha própria trajetória de vida, desembarcando em estações inusitadas, para poder contar as histórias de vida de algumas jovens viúvas, muitas da minha idade, que viveram outras experiências de vida. Elas apontam os desafios enfrentados no cotidiano dos jovens pobres urbanos no Brasil. Poderia encontrá-las em qualquer outro lugar do nosso país, e porque não do mundo! Mas as encontrei em Fortaleza, em bairros distantes do meu, mas que aproximou as minhas preocupações no que diz respeito às culturas juvenis desse início de século. Essas preocupações me guiam para continuar investigando e sendo instigada constantemente pelos desafios sobre o modo de viver da juventude contemporânea.

Referencial Bibliográfico.

ABRAMO, Helena Wendel. Cenas Juvenis – punks e darks no espetáculo urbano, São Paulo, Scritta, 1994.

ALMEIDA, Rosemary de Oliveira. Mulheres que Matam. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

_____ O imaginário radical do crime entre as mulheres: da ordem da destruição ao abismo da criação. In: BARREIRA, César (org.) Poder e Disciplina: diálogos com Hannah Arendt e Michel Foucault. Fortaleza: Edições UFC, 2000.

_____ Violência urbana, exclusão social e identidade. In: BARREIRA, César & LINS, Daniel. Poder e Violência. Fortaleza: Edições UFC, 1996.

ARENDT, Hannah. A Condição Humana. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1991.

ARIES, Phillippe. História da Morte no Ocidente. Rio de Janeiro: EDIOURO, 2003.

ARPINI, Dorian Mônica. Violência e Exclusão: adolescência em grupos populares. São Paulo: EDUSP, 2003.

BADINTER, Elisabeth. Um amor conquistado: o mito do amor materno. Trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BARREIRA, César. Crimes por encomenda. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1998.

_____ et alli. Ligado na Galera: juventude, violência e cidadania na cidade de Fortaleza. Brasília: UNESCO, 1999.

BENJAMIN, Walter. Experiência e pobreza. In: Magia e Técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1987.

_____ O Narrador. São Paulo: Abril Cultural, 1975.

CALVINO, Ítalo. Amores Difíceis. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

CASSAB, Maria Aparecida Tardin. Jovens pobres e o futuro: a construção da subjetividade na instabilidade e incerteza. Niterói: Intertexto, 2001.

COHEN, A. K. "A delinqüência como subcultura." In: Sociologia da Juventude III. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.

CONNERTON, Paul. Como as sociedades recordam. Trad. Maria Manuela Rocha. Oeiras: Celta Editora, 1999.

DAMATTA, Roberto. A casa e a rua. 5^a.Ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

_____ Antropologia da Saudade. In: Conta de Mentiroso. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

DANZIATO, Octávia. ONG'S e a prática social com adolescentes: demarcações históricas e discursivas. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 1998.

DESSER, Nanete Ávila. Adolescência: sexualidade e culpa. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; Brasília: Fundação Universidade de Brasília, 1993.

DÍOGENES, Glória. Itinerários de Corpos Juvenis. São Paulo: Annablume, 2003.

_____ Cartografias da Cultura e da Violência: gangues, galeras e o movimento Hip Hop. São Paulo: Annablume, 1998.

ELIAS, Norbert. A Solidão dos Moribundos. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

_____ Os Estabelecidos e os Outsiders. Rio de Janeiro; Zahar, 2000.

_____ O Processo Civilizador 2. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA. Edição Especial 12 anos. Brasília: CONANDA, 2002.

FONSECA, Claudia. “Ser mulher, mãe e pobre”. In: História das mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 1997.

_____ Família, fofoca e honra: etnografias de relações de gênero e violência em grupos populares. Porto Alegre: Ed. Universidade / UFRGS, 2000.

FORACCHI, Marialice. A juventude e a realidade nacional. In: Revista da Civilização Brasileira, n.5/6, ano I, 1966.

FOUCAULT, Michel. História da Sexualidade V. I. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

_____ A microfísica do poder. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

FREITAS, Isaurora Cláudia Martins. Da periferia ao palco: a ressocialização de crianças e adolescentes da periferia de Fortaleza através da arte. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará, 2000.

GEERTZ, Clifford. A Interpretação das Culturas. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

_____O Saber Local. Petrópolis: Vozes, 2000.

_____Nova Luz sobre a Antropologia. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

GOFFMAN, Erving. Estigma. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1988.

HELLER, Agnes & FEHÉR, Ferene. A condição política pós-moderna. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

IANNI, Octavio. Enigmas da modernidade-mundo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

KOURY, Mauro. Sociologia da emoção. Petrópolis: Editora Vozes, 2003.

LAPASSADE, Georges. "Os rebeldes sem causa". In: Sociologia da Juventude III. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.

LEVI & SCHMITT. História dos Jovens I. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

MARTINS, José de Sousa (org.). A morte e os mortos na sociedade brasileira. São Paulo, Hucitec, 1983.

MASSI, Marina. Vida de Mulheres: cotidiano e imaginário. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

MATZA, David. As tradições ocultas da juventude. In: Sociologia da Juventude III. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.

MILLS, Wright. Imaginação Sociológica. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.

NASCIMENTO, Elimar. Hipóteses sobre a nova exclusão social: dos excluídos necessários aos excluídos desnecessários. Salvador: Caderno CRH, UFBA, 1994.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. In: O trabalho do antropólogo. 2ª. Ed. Brasília, Paralelo 15; São Paulo, Editora UNESP, 2000.

PAIVA, Vera. Sexualidades adolescentes: escolaridade, gênero e o sujeito sexual. In: Sexualidades Brasileiras. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1996.

PITT-RIVERS, Julian. Honra e Posição Social. In: PERISTIANY, J.G. Honra e Vergonha. 2ª Ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1988.

POIRIER, Jean, CLAPIER-VALLADON, Simone & RAYBAUT, Paul. Histórias de vida: teoria e prática. Oeiras: Celta Editora, 1999.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Relatos orais: do "indizível" ao "dizível". In: Experimentos com Histórias de Vida. São Paulo: Ed. Revista dos Tribunais, 1998.

SANCHES, Valéria. Ao encontro de Mnemosyne: reflexões sobre a morte na periferia de São Paulo. In: Plural, USP, São Paulo, 4: 60-77, 1. sem, 1997.

SÁNCHEZ-JANKOWSKI, Martín. As gangues e a estrutura da sociedade norte-americana. In: Revista Brasileira de Ciências Sociais, Vol. 12, n. 34, junho / 1997.

SCHINDLER, Norbert. Os tutores da desordem : rituais da cultura juvenil nos primórdios da Era Moderna. In: LEVI, Giovanni, Schmitt, Jean-Claude (org.) História dos jovens I. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SOIHET, Raquel. "Mulheres pobres e violência no Brasil urbano." In: História das mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 1997.

TELLES, Vera. Espaço público e espaço privado na constituição do social. Revista Tempo Social, São Paulo, USP, v. 2 n. 1, 1990.

VENÂNCIO, Renato Pinheiro. "Maternidade Negada." In: História das mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 1997.

WASELFISZ, Julio Jacobo. Mapa da Violência III. Brasília: UNESCO, Instituto Ayrton Senna, Ministério da Justiça/SEDH, 2002.B

WEBER, Max. Economia e sociedade. Brasília: Editora Unb, 2000.

_____ Metodologia das Ciências Sociais. Parte 1. Campinas: Editora da Unicamp, 1993.

WIEVIORKA, Michel. O novo paradigma da violência. In: Tempo Social, São Paulo, 1997.

ZALUAR, Alba. Condomínio do Diabo. Rio de Janeiro: Revan: Editora UFRJ, 1994.

_____ A máquina e a revolta. São Paulo: Brasiliense, 1985.